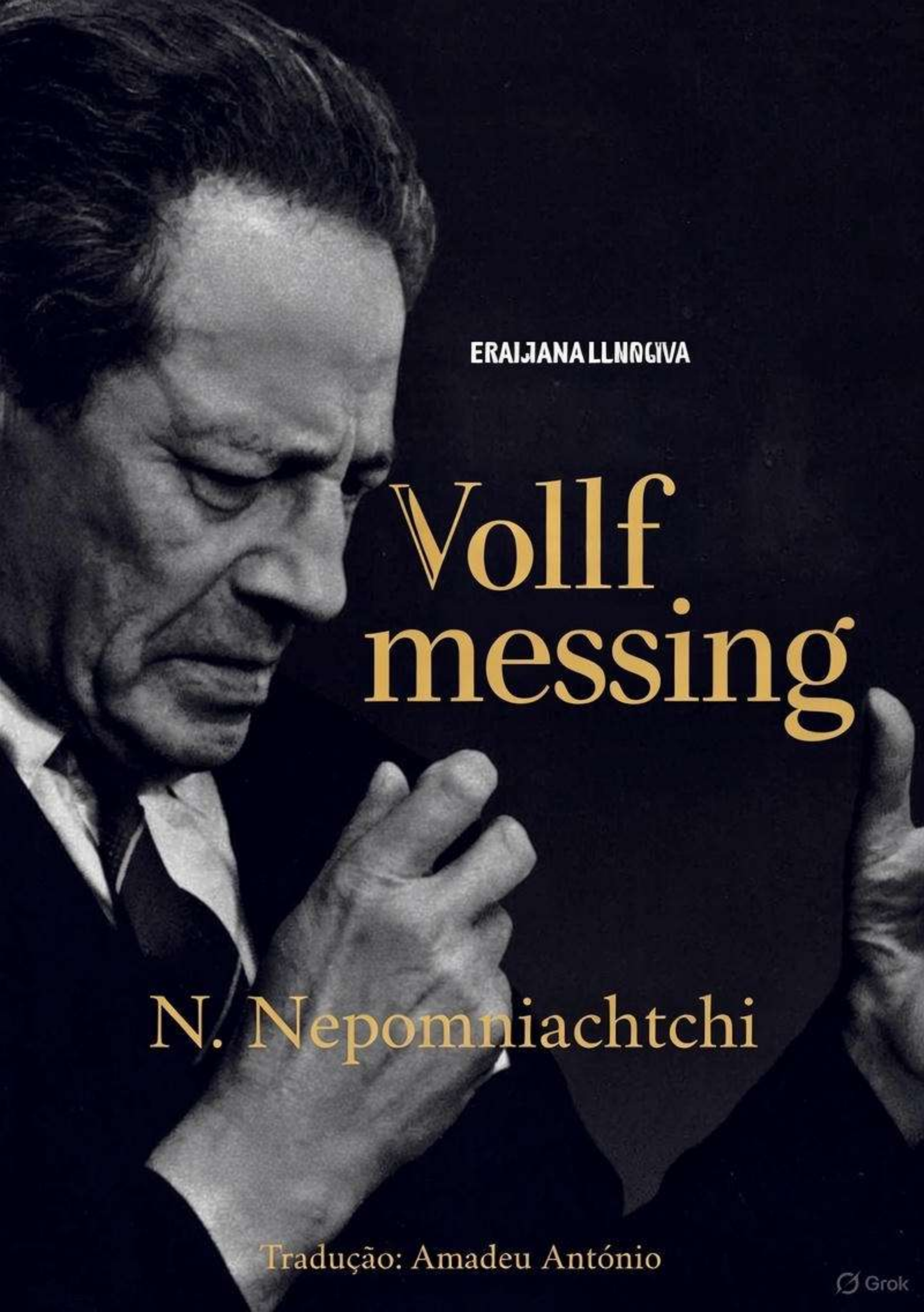

ERAIJANA LLNOGIVA

Vollf messing

N. Nepomniachtchi

Tradução: Amadeu António

Grok

VOLF MESSING

GRANDES PROFETAS VOLF MESSING

OLIMP Moscovo 1999 A série foi fundada em 1998 Autor-compilador N. Nepomniachtchi

M 53 Volf Messing / Aut.-comp. N. Nepomniachtchi. — M.: Olimp; OOO «Firma «Izdatelstvo AST», 1999. — 208 p. — (Grandes Profetas, n.º 6). ISBN 5-7390-0781-X («Olimp») ISBN 5-237-00786-4 (OOO «Firma «Izdatelstvo AST»)

O fenómeno de Volf Messing, o famoso parapsicólogo e telepata, situa-se entre os melhores exemplos de capacidades extrassensoriais que ainda hoje permanecem por explicar. Previu o início da Grande Guerra Patriótica quando a paz e a amizade com a Alemanha pareciam sólidas e inabaláveis; previu o fim da Segunda Guerra Mundial quando os fascistas se encontravam no Volga e o próprio Messing estava evacuado na Sibéria. Impressionava com revelações a amigos e a pessoas completamente desconhecidas, indicando a hora e o local de determinados acontecimentos. Também na vida do próprio Messing houve muitos episódios que ocorreram exatamente conforme ele havia previsto — tanto reviravoltas felizes do destino como doenças e até a sua própria partida deste mundo.

UDK 133 BBK 88.6 © «Olimp», 1998 © OOO «Firma «Izdatelstvo AST», 1998

«Eu sei o futuro, é esse o problema...» Volf Messing

Quem era Messing? Os cientistas da antiga União Soviética definiam este judeu polaco de forma sucinta: era um génio e, além disso, uma pessoa séria — o maior elogio no mundo da ciência. Gozava de enorme popularidade — chamavam-lhe santo, herói, lenda. Quando chegou à Rússia, Messing começou por demonstrar, não tanto experiências psicológicas, mas antes a sua memória fenomenal: realizava cálculos complexos de cabeça e lia páginas inteiras em poucos instantes. Seguia-se o transe cataléptico. Esta demonstração trouxe-lhe fama. O sono cataléptico, durante o qual uma pessoa podia permanecer rigidamente imóvel na posição adotada por longo tempo, interessava muito os cientistas soviéticos da época.

Foram escritos muitos livros sobre a atividade ideomotora, que depende de minúsculos impulsos musculares voluntários provocados pelo pensamento ou pela representação mental. Os cientistas tentavam explicar este fenómeno de forma racional. Mas será possível explicar racionalmente como Messing, a milhares de quilómetros de distância, via alguém a cercar uma casa e previa o futuro longínquo? Na sua autobiografia, ele próprio afirma que as suas capacidades nada tinham a ver com atividade ideomotora.

Uma das capacidades mais impressionantes de Messing era a possibilidade de influenciar a mente de outra pessoa à distância. Este fenómeno despertou o interesse de Estaline, compreensivelmente não por motivos científicos. Já as previsões de Messing sobre a Grande Guerra Patriótica chocaram literalmente o mundo.

— Volf Grigoriévitch — disse-lhe um dia, em conversa, o escritor e jornalista do Komsomolskaia Pravda, Iaroslav Golovanov —, embora com dificuldade, consigo imaginar que lê os meus pensamentos. Mas o futuro... Compreende que, nesse caso, as ligações de causa e efeito se desfazem, o materialismo, tal como o entendemos, estala por todas as costuras...

— Meus caros! Não tenho nada contra o materialismo, mas eu sei o futuro, é esse o problema!

Foi este o estranho diálogo «anticientífico» que Iaroslav Golovanov teve com Volf Grigoriévitch Messing. Ao longo deste livro voltaremos às recordações de várias pessoas que tiveram oportunidade de conviver com Messing, tanto dos seus defensores como dos seus detratores. Tatiana Lunguina foi sua amiga durante muito tempo; as suas memórias, nunca publicadas na Rússia (o seu livro «Volf Messing» saiu em Nova Iorque em 1989, em inglês), ajudam-nos a compreender o carácter e o talento incrível deste homem. Os seus caminhos cruzaram-se pela primeira vez pouco antes da Grande Guerra Patriótica. Após a guerra, o destino voltou a reuni-los e tornaram-se grandes amigos. Acrescentaremos ainda a autobiografia do próprio telepata e vidente, escrita por ele pouco antes de morrer.

Conta Tatiana Lunguina

O auditório de Tbilissi estava completamente cheio. O palco, sem a tradicional cortina, parecia bastante simples. A cenografia resumia-se a duas mesas e algumas cadeiras. De vez em quando, os espetadores mais

impacientes aplaudiam. Finalmente, o sinal tocou e uma mulher vestida de preto subiu ao palco.

— Volf Messing! — anunciou com voz corrente. — Experiências psicológicas!

A sala explodiu em aplausos, saudando aquele que todos ansiavam ver: Volf Messing, a lenda do seu tempo, um indivíduo envolto em mistério. Dizia-se que conseguia ler os pensamentos de qualquer pessoa, encontrar objetos escondidos na sua ausência e identificar um criminoso com um único olhar. Circulavam rumores ainda mais extravagantes: que era capaz de assumir a aparência de qualquer animal que se quisesse.

Segundos depois, entrou no palco um homem de meia-idade, de fato preto e camisa branca imaculada, com cabelo invulgarmente longo para a época. Cruzou os braços sobre o peito e fez uma vénia. Depois aproximou-se da beira do palco, mesmo à frente dos projetores, de modo que consegui ver o anel com uma grande pedra brilhante. Naquele instante reconheci no «mago» um velho conhecido: na véspera da Grande Guerra Patriótica, ele havia previsto o meu futuro.

Em breve regressei à realidade. O que se passava no palco despertava-me curiosidade. A apresentadora leu o texto introdutório e disse que era necessário escolher um júri entre o público que fiscalizasse a limpeza das experiências. Subiram ao palco seis a oito pessoas de idades diferentes, nenhuma das quais Messing conhecia pessoalmente. O júri começou a eleger o presidente enquanto, entre o público, se escreviam tarefas e pedidos para Messing. Esses papéis eram entregues ao júri, que selecionava os mais interessantes e difíceis de executar. O espetador cuja tarefa fosse escolhida era chamado ao palco. Ficava frente a Messing, segurava-o pelo pulso e formulava mentalmente o seu pedido. Messing executava-o e, em seguida, um membro do júri lia o papel para que todos soubessem que não havia engano.

Como estava muito intrigada com o que já sabia de Messing, decidi participar na experiência. O júri achou o meu papel interessante e convidaram-me a subir ao palco. Muito nervosa, avancei e já estendia a mão para lhe agarrar o pulso quando ele, inesperadamente, recuou.

— Não vou trabalhar com esta mulher — disse ele. — Conheço-a. Chama-se Taibele. Não posso fazer a experiência com ela porque só trabalho com pessoas desconhecidas.

A sala respondeu com risos e aplausos. Não me restou outra opção senão descer do palco. Fiquei espantada com a sua memória prodigiosa e, perante os meus olhos, surgiram os acontecimentos de doze anos antes.

...Era uma manhã de junho de 1941. Estava sentada num hotel em Moscovo, à espera de um representante de um estúdio de cinema da Ásia Central. Tinha dezoito anos. Um ano antes tinham-me escolhido, entre outros rapazes e raparigas, para participar num filme sobre Artek. A minha estreia correra bem e os funcionários do estúdio mostraram interesse por mim. Só sabia que ia partir durante muito tempo para lá para filmar e aguardava o encontro com ansiedade, antevendo um mar de impressões.

Foi então que a minha atenção foi captada por um homem de fato cinzento e grandes óculos de armação de corno num nariz demasiado largo para o seu rosto. Apertava e desapertava os punhos, nervoso. Parecia estar à espera de alguém. Depois aproximou-se e sentou-se ao meu lado. O seu olhar era penetrante, ligeiramente irónico e cansado. Sorriu e disse:

— Ah, schöne Mädchen.

Fiquei um pouco embaraçada por ele me ter chamado bela rapariga. Depois perguntou, em russo com forte sotaque, como me chamava. Disse-lhe Taube (pomba), mas normalmente Tania.

— Taibele — repetiu ele. — Pomba pequena? Está aqui à espera de alguém?

Enquanto eu falava, ele permaneceu de olhos fechados e cabeça baixa. Depois disse:

— Não, nada disso vai acontecer.

— O que é que não vai acontecer?

— Nada. Nem o filme, nem a viagem. E por muito tempo.

Disse-o com uma voz especial de profeta, levantou-se e foi-se embora. Os do cinema continuavam sem aparecer, mas os meus pensamentos já estavam ocupados com outra coisa. Quem era aquele homem? De onde vinha? Voltaria a encontrá-lo algum dia?

Poucos dias depois começou a guerra. Nós, os jovens, ajudávamos os adultos como podíamos: colhíamos as colheitas, cuidávamos do gado, descarregávamos carvão e madeira. Em 1943 alistei-me como voluntária num destacamento sanitário e parti para a Bielorrússia. Fui ferida, recuperei, finalmente consegui terminar a escola e receber o tão desejado diploma. Pouco depois da guerra casei e tive um filho, o Sacha. Infelizmente o marido abandonou-me e as coisas tornaram-se difíceis. O salário de enfermeira era irrisório e comecei a procurar outro trabalho. Depois de frequentar em Moscovo um curso de jornalismo de dois anos, tornei-me fotorepórter.

A minha primeira missão levou-me à Geórgia. Primeiro visitei Batumi e depois segui para Tbilissi. O salão de concertos da cidade ficava perto do meu hotel, por isso, quando tive uma noite livre, decidi conhecer a vida cultural da Geórgia. Na verdade, não me importava quem atuasse, se seria um concerto de música popular ou uma peça de teatro. Mas quando soube que haveria experiências psicológicas conduzidas por Volf Messing, quis muito vê-lo e alegrei-me por ter conseguido bilhete.

Não era de admirar que eu o reconhecesse, mas como podia ele reconhecer-me e lembrar-se do meu nome? O nossa breve encontro tinha sido havia doze anos! Também queria compreender o que era aquele sexto sentido. Talvez simplesmente usasse um dom recebido de Deus? Embora, na altura, uma ideia dessas me parecesse absurda — eu era ateia. Naquela noite regressei ao quarto do hotel cheia de sentimentos e pensamentos especiais.

Na manhã seguinte tomava o pequeno-almoço no restaurante do hotel. Ao ouvir uma discussão, voltei-me. Um homem afirmava que os óculos que perdera estavam no bolso de um empregado que se encontrava algures no edifício; o outro discordava. Com espanto reconheci um dos discutidores como sendo Messing. Ele também me reconheceu e deu alguns passos na minha direção.

— Taibele, que pena. Não acreditam em mim. Em mim. Messing.

Qual não foi o meu espanto quando, pouco depois, chegou o chefe de mesa e os óculos estavam realmente onde Messing dissera.

Depois ele pegou-me na mão, saímos para a rua e apresentou-me à mulher que fora a apresentadora do espetáculo. Era a esposa dele, Aida

Mikháilovna. No palco parecera uma senhora rígida e séria. Na vida era surpreendentemente agradável e atenta ouvinte. Como pessoa sensível e perspicaz, conseguira estudar bem o marido e gerir habilmente a relação com ele.

Como era a minha primeira conversa longa com Messing, estava terrivelmente nervosa. Sabia da sua capacidade de ler pensamentos alheios e tentava controlar-me. Mas na minha cabeça não parava de girar um poema parvo: «O padre tinha uma cadela, ele gostava dela...»

Passado algum tempo, Messing dirigiu-se a mim:

— Taibele, para que está a repetir esse poema idiota do padre e da cadela? Não conhece nenhum outro?

Fiquei estupefacta e a mulher manteve-se calma. Aliás, pouco depois também me acalmei. Mais tarde comecei a reparar que, na presença de Messing, encontrava sempre paz de espírito e serenidade, e nenhum pensamento mau me visitava.

Nesse dia ainda tinha muito trabalho, mas combinámos jantar no monte Mtatsminda, que os georgianos consideram sagrado. A 480 metros de altitude existe um parque lindíssimo e um excelente restaurante. Lá fica também o cemitério dos cidadãos ilustres da Geórgia, artistas, poetas, atores, figuras proeminentes do Partido Comunista. Visitámos igualmente a sepultura de Aleksandr Griboiedov.

Depois fomos ao restaurante, de cuja varanda se desfrutava uma vista magnífica. Messing parecia cansado e apático. Via-se que o espetáculo o esgotara, lhe roubara as forças. Eu e Aida trocámos um olhar e entendemo-nos sem palavras. O maestro precisava de descanso.

Nos dias seguintes da minha missão também passámos juntos. Parecia-me que não incomodava o casal. Só nos tornámos verdadeiros amigos alguns meses depois.

Estava a trabalhar nos negativos, pois procurava sempre revelar as fotografias no local para perceber se tinham ficado boas e, em último caso, repetir. Ouviu-se uma batida na porta. Era Aida, que me pediu para interromper o trabalho por um minuto quando visse Volf sair do quarto. Mais tarde fui ter com ela, intrigada com o pedido. Ela só teve tempo de dizer que sofria de uma doença grave quando Volf voltou.

— Que aconteceu? — perguntou à mulher. — Estás a sentir-te mal?

Estava tão agitado que nem me cumprimentou. Aida manteve-se calada.

— Aidotchka, tens de ir a um especialista — disse Volf. — Não brinques com isso.

Mas a mulher não o ouvia. Então Volf pronunciou uma frase que eu viria a ouvir dele muitas vezes:

— Não é o Volfotchka que fala, é o Messing!

Era assim que Volf falava de si próprio quando se referia ao seu sexto sentido.

No dia seguinte acompanhei-os à estação. Combinámos não interromper a nossa amizade e já nos preparávamos para nos despedir quando Volf e a mulher se lembraram que não tinham enviado um telegrama a uma certa Irotchka. Essa tarefa fiquei eu encarregue. Nessa altura já sentia que fios invisíveis me ligavam àquelas pessoas maravilhosas. Talvez intuísse que muitos anos da minha vida iria passar na companhia deles.

Quando regressei a Moscovo e entreguei o trabalho, decidi visitar os meus amigos. Convidaram-me para o primeiro dia da Páscoa judaica.

Os Messing viviam na Novopessitchanaia, que no início dos anos cinquenta ficava na periferia da capital. Uma casa de três andares no fundo de um pátio. As flores nos canteiros evocavam memórias de antigos pátios russos das telas dos pintores. O interior do apartamento de um quarto com cozinha minúscula era mais do que modesto. A única coisa digna de nota era um grande televisor oferecido por um ministro em agradecimento por ter curado o filho do alcoolismo. Os Messing apresentaram-me Iraida, a irmã mais velha de Aida, bem como o pastor-alemão Dick e o canário Levushka.

Messing estava de bom humor. Embora não fosse profundamente religioso, respeitava as tradições e festas nacionais. Reunimo-nos todos à mesa festiva. Reparei que Iraida mal se mexia, arrastando literalmente os pés. Quando todos se sentaram, Aida serviu peixe recheado com bolinhos e matsá. Volf ergueu o copo e fez um brinde. Bebemos à Páscoa e à primavera. Depois Volf fez um sinal e todos se calaram.

— Tenho esperança, tenho a certeza de que na clínica Burdenko salvarão a Irotchka!

— É verdade, Volf? — O rosto de Iraida iluminou-se de esperança.

— Não é o Volf Grigoriévitch que fala, é o Messing!

Mais tarde, quando ajudava Aida a levantar a mesa, não resisti a perguntar:

— Como não tem medo de viver com uma pessoa que consegue ler pensamentos?

— Mas eu não tenho pensamentos maus — respondeu ela tranquilamente.

Quis perguntar a Iraida sobre a saúde do dono da casa, mas compreendi que não era o momento mais adequado.

A nossa amizade fortalecia-se. Os Messing tratavam-me como membro da família. Partilhavam comigo os pensamentos e planos mais íntimos. Eu, por minha vez, também comecei a confiar neles.

Algumas semanas após a Páscoa, os Messing convidaram-me para um conselho de família invulgar, para decidir se Iraida deveria ou não ser operada à coluna. Para mim ficou claro que tinha um tumor. De qualquer modo, o conselho era mera formalidade, tudo já estava decidido.

Imaginam como se sentia Iraida Mikháilovna no dia da operação. O mais pequeno erro dos cirurgiões podia resultar em paralisia total. (A propósito, Messing nada fez para internar a cunhada naquela clínica prestigiosa. Nunca usava a sua fama — era demasiado modesto para isso.)

Estávamos muito nervosos, mesmo quando nos disseram que a operação correra bem, porque não se sabia qual seria o resultado. Quando, porém, vimos Iraida dar alguns passos sozinha, ficámos felizes. A profecia de Messing cumprira-se. Nessa noite eu e Messing sentámo-nos a conversar sobre Iraida, que sobrevivera ao cerco de Leninegrado, enterrara o marido, sofrera de distrofia. Chegara a Moscovo física e moralmente exausta e instalara-se em casa da irmã.

Em breve esgotámos os temas de conversa e senti que era hora de me ir embora. De repente Volf perguntou:

— Não queres que te fale de mim?

— Mas eu sei tudo pela Aida.

— Não, não tudo. Uma coisa é o que a Aida diz de mim, outra é o que eu próprio digo de mim.

— Sou, de facto, um mau contador de histórias — começou Messing. — Mas um dia tenho de tentar contar aos outros o que está guardado neste recipiente.

Sorriu e apontou para a testa. Volf era realmente um mau contador de histórias. Saltava frequentemente de um assunto para outro e repetia-se, eu tinha de concentrar toda a atenção para captar o essencial. Pedia-lhe muitas vezes que repetisse certas coisas. Mas Volf não se zangava e atendia todos os meus pedidos. Mais tarde conseguiu escrever as suas memórias de forma bastante franca e detalhada.

Das memórias de Volf Messing

«Nasci na Rússia, mais exatamente no território do Império Russo, numa pequena povoação judaica chamada Gora-Kalwaria, perto de Varsóvia. Isso aconteceu a 10 de setembro de 1899 — assim começou ele as suas memórias. — Hoje é difícil imaginar e descrever a vida de uma povoação dessas — monótona, miserável, cheia de preconceitos e da luta por um pedaço de pão. Quem o fez muito melhor do que eu foi o grande escritor judeu Sholem Aleichem nos seus livros. A esse homem extraordinário, que conhecia tão bem a vida e as aspirações dos pobres judeus, amei desde a mais tenra infância.

Desde o nosso primeiro e, infelizmente, único encontro pessoal. Nessa altura, já escritor célebre, de passagem pela nossa terra, mostraram-lhe a mim, um rapaz de nove anos que aprendia melhor do que os outros. Lembro-me do seu olhar atento por trás dos óculos, da pequena barba e dos bigodes fartos. Lembro-me de como me acariciou afetuosamente a face e previu um grande futuro.

Não, não era vidência. Simplesmente Sholem Aleichem acreditava no talento inesgotável do povo e queria ver uma futura estrela em cada segundo rapaz. Essa crença manifestava-se claramente nos seus livros, impregnados de calor humano pelos simples. Lembrem-se, por exemplo, do romance «Estrelas Errantes». Claro que só mais tarde me familiarizei com

as suas novelas, romances e peças. Mas cada vez que abro certas páginas dos seus livros, sou invadido pelas impressões da infância precoce.

É a essas páginas mágicas de um dos meus escritores preferidos que remeto o meu leitor para que imagine a vida da povoação judaica onde nasci e vivi os primeiros anos da minha vida.»

Destes primeiros anos, Messing guardava poucas recordações. A pequena casa de madeira onde vivia a família — o pai, a mãe e quatro irmãos. O jardim onde o pai passava o dia inteiro a tratar das árvores e arbustos e que não lhes pertencia. Mas era precisamente esse jardim, arrendado pelo pai, a única fonte de subsistência deles. Messing lembrava-se bem do aroma inebriante das maçãs colhidas para vender. Lembrava-se do rosto do pai, do olhar carinhoso da mãe, dos jogos de infância com os irmãos.

A vida foi depois difícil, tal como para muitos dos seus contemporâneos, teve de passar por muito, e as voltas do destino foram tais que da infância não restaram na memória mais do que recordações isoladas e fragmentadas.

O pai, os irmãos, todos os parentes morreram em Maidanek, no gueto de Varsóvia. A mãe morrera ainda antes, de ataque cardíaco. E ele não tinha sequer uma fotografia daqueles anos. Nem do pai... nem da mãe... nem dos irmãos...

Toda a família — o tom era dado pelo pai e pela mãe — era muito piedosa, fanaticamente religiosa. Todos os preceitos da religião eram cumpridos rigorosamente. Nas conceções dos pais dele, Deus era severo, exigente, que não perdoava a mais pequena falta. Mas honesto e justo.

O pai não mimava os filhos com ternura. Volf recordou toda a vida as mãos carinhosas da mãe e a mão dura, implacável do pai, que não hesitava em dar a qualquer deles a surra mais severa. De qualquer modo, não se podia ir queixar-lhe de uma ofensa. Por isso batia sem piedade: o ofendido era para ele duplamente e triplamente culpado por ter permitido que o ofendessem. «Era uma moral desumana — admitiu Messing —, calculada para fazer de nós pequenas feras capazes de sobreviver num mundo duro e implacável.»

Mais tarde contaram a Volf que, na mais tenra infância, sofrera de sonambulismo. Alegadamente a mãe viu-o uma vez, durante o sono, levantar-se da cama, aproximar-se da janela onde a lua brilhava intensamente, abrir a janela e tentar subir ao parapeito... «Curaram-me — sempre segundo os relatos — com uma bacia de água fria que, durante algum tempo, colocavam junto à minha cama. Ao levantar-me, metia o pé na água fria e acordava. Que parte de verdade há nesta história, não me comprometo a estabelecer, mas prometi não omitir nada. Talvez algum episódio aparentemente insignificante se revele, para algum especialista que leia isto, o mais interessante e importante.»

Quando Volf fez seis anos, entregaram-no ao heder. Esta palavra pouco diz ao leitor moderno. Mas três quartos da população da Rússia czarista eram completamente analfabetos. E as pessoas de condição mediana, ou pior, numa pobre povoação judaica, só podiam educar os filhos no heder — escola organizada pelo rabino junto à sinagoga. A disciplina principal ali lecionada era o Talmude, cujas orações as crianças decoravam página após página.

«Tinha uma memória excelente e, nessa ocupação bastante sem sentido — decorar o Talmude —, eu destacava-me. Elogiavam-me, punham-me como exemplo. Foi exatamente essa capacidade que provocou o encontro com Sholem Aleichem. Mas a atmosfera religiosa geral que reinava no heder e em casa tornou-me extremamente piedoso, supersticioso, nervoso.»

Notando a piedade de Volf e a sua capacidade de memorizar as orações do Talmude, o rabino decidiu enviá-lo para um estabelecimento de ensino especial que preparava clérigos — a ieshibot. Aos pais nem passou pela cabeça opor-se a esse plano. Se o rabino disse, então é assim que tem de ser! Mas a perspetiva de vestir o negro hábito de clérigo de modo algum lhe sorria.

O rapaz recusou terminantemente ir para a ieshibot depois de terminar o heder. Primeiro discutiram com ele, depois desistiram. E então aconteceu o primeiro e único milagre da sua vida, no qual acreditou durante bastante tempo.

Uma vez o pai mandou-o à loja comprar um maço de cigarros. Já era noite, o sol tinha-se posto e caíra o crepúsculo. Quando se aproximou do

alpendre da casa, estava completamente escuro. E de repente, nos degraus, surgiu uma figura gigantesca vestida de branco. Volf distinguiu uma barba enorme, um rosto largo e ossudo, olhos que brilhavam de forma extraordinária... Erguendo ao céu os braços enfiados em mangas largas, aquele mensageiro celestial pronunciou:

— Meu filho! Fui enviado do Alto até ti. Para predizer o teu futuro ao serviço de Deus. Vai para a ieshibot! A tua oração será agradável a Deus...

É fácil imaginar o efeito que estas palavras, ditas com voz de trovão, produziram num rapaz nervoso, misticamente inclinado, exaltado. Foi como um relâmpago e um trovão. Volf caiu por terra e perdeu os sentidos...

«Quando recobrei os sentidos, por cima de mim o pai e a mãe, inclinados, liam em voz alta orações. Lembro-me dos seus rostos preocupados. Mas mal voltei a mim, a ansiedade dos pais acalmou-se. Contei o que me acontecera. O pai pigarreou com autoridade e disse:

— É assim que Deus quer... Então, vais para a ieshibot?

A mãe manteve-se calada.

Abalado com o sucedido, não tive forças para resistir e fui obrigado a render-me.»

...A ieshibot ficava noutra cidade e, a partir daí, começou a vida de Volf fora de casa. De novo o Talmude, as mesmas orações do heder. Só que um leque mais amplo de professores que lecionavam diferentes disciplinas. Alimentava-se — dia sim, dia não — em casas diferentes. Dormia na casa de oração. Assim passaram dois anos.

E, provavelmente, teriam feito dele um rabino se não tivesse ocorrido um encontro casual.

Uma vez, na própria casa de oração onde vivia, parou um viajante — homem de estatura gigantesca e constituição atlética. Qual não foi o espanto de Volf quando, pela voz, reconheceu nele exatamente aquele «mensageiro do céu» que o orientara, em nome do próprio Senhor Deus, para o caminho do serviço divino. Sim, era o mesmo rosto: barba larga, maçãs do rosto salientes. Volf sofreu um abalo não menor do que no momento do primeiro encontro.

«Então — pensou ele —, o pai simplesmente combinou com este aventureiro que já passou por tudo, talvez até lhe tenha pago, para que representasse o seu papel «divino»! Então o pai simplesmente me enganou para me obrigar a ir para a ieshibot! Se o meu pai, sempre justo e verdadeiro, foi capaz de engano, em quem acreditar?! Então é mentira tudo o que sei, tudo o que me ensinaram. Talvez até Deus minta?! Talvez nem exista? Claro que não existe, porque, se existisse, omnisciente e omnipotente, jamais permitiria tal coisa. Castigaria no local com um raio o ímpio que ousou arrogar-se o direito de falar em seu nome. Não há Deus... Não há Deus!»

Aproximadamente esse turbilhão de pensamentos varreu a sua cabeça, limpando instantaneamente a mente das superstições e da religiosidade com que o haviam enchido em casa e nas escolas religiosas.

Volf já nada tinha a fazer na ieshibot, onde tentavam ensinar a servir um Deus inexistente. Não podia voltar para casa, para o pai que o enganara. E Messing agiu como muitas vezes faziam rapazes da sua idade, desiludidos com tudo o que até então fora sagrado para eles: cortou com uma tesoura as longas abas do seu casaco e decidiu fugir. Mas para isso precisava de dinheiro. Onde arranjá-lo? E então cometeu, uma após outra, três crimes de imediato.

«Quebrando o mealheiro — confessou ele depois —, onde os judeus crentes depositavam o seu dinheiro suado «para a Palestina», e repetindo para mim mesmo as palavras eternas de todos os ofendidos e oprimidos: «Tomem lá por isso!», esvaziei todo o conteúdo para o meu bolso. Se Deus não existe, então agora tudo é permitido... Felizmente, descobri que não era assim, que existem motivos, para além da ameaça do castigo divino, que impedem o homem de cometer más ações.

Mas naqueles anos ainda não sabia que enganar, cometer atos desonestos, é acima de tudo perder o respeito por si próprio. Sentei-me nos degraus frios da casa de oração e contei o dinheiro roubado. Eram, como ainda me lembro, dezoito groschen, que davam nove kopecks. E foi com esse «capital», com a alma e o coração vazios, que parti ao encontro do desconhecido.»

Dirigiu-se à estação de comboio mais próxima. Não tardou a ter fome — o caminho era longo. Arrancou batatas do campo de outrem (segundo

crime numa só noite!). Acendeu uma fogueira, assou-as na cinza. Para ele, nem mais tarde houve melhor iguaria do que batata assada — esfarelada, com aroma de fumo, com o inevitável toque de cinza salgada.

Messing entrou num vagão meio vazio do primeiro comboio que apareceu. Ia para Berlim. Escondeu-se debaixo de um banco, pois não tinha bilhete (terceiro crime!). E adormeceu o sono tranquilo do justo. Mas os acontecimentos daquela noite memorável não se esgotaram aí...

Aconteceu o que inevitavelmente tinha de acontecer e do que ele mais temia: entrou no vagão o revisor. O comboio aproximava-se de Poznań. O revisor acordava cuidadosamente os passageiros adormecidos, sacudindo-os pelo ombro, e verificava os bilhetes. Não depressa, mas inexoravelmente, aproximava-se de Messing. Às vezes inclinava-se e espreitava debaixo dos bancos. O vagão era mal iluminado — por cotos de velas em dois lanternins de vidro. Debaixo dos bancos havia sacos e embrulhos dos passageiros. Mas, ao espreitar diretamente debaixo do banco, viu o rapaz.

«Jovem — ainda me ressoa nos ouvidos a sua voz —, o seu bilhete!

Os meus nervos estavam tensos ao limite. Estendi a mão e agarrei um papel qualquer que estava no chão — parece que era um pedaço de jornal. Os nossos olhares cruzaram-se. Com toda a força da paixão desejei que ele tomasse aquele papel sujo por um bilhete...

Ele pegou nele, virou-o de maneira estranha nas mãos. Eu até me encolhi, retesei-me, consumido pelo desejo ardente. Finalmente o revisor enfiou-o nas mandíbulas pesadas do compositor e fez clic. Devolvendo-me o «bilhete», iluminou-me ainda uma vez o rosto com a sua lanterna de revisor com vela, visivelmente perplexo: este rapazinho magro de rosto pálido, tendo bilhete, por que razão se metera debaixo do banco.

— Para que há de viajar debaixo do banco se tem bilhete? Há lugares livres. Dentro de duas horas chegamos a Berlim...

Vários anos depois, Messing leu o romance de Lion Feuchtwanger «Os Irmãos Lautensack». Um dos irmãos — uma figura historicamente real — era uma espécie de «vidente» pessoal de Adolf Hitler. Messing conhecia esse homem — o seu verdadeiro nome era Hanussen. Ao ler o romance, Volf Grigoriévitch prestou especial atenção às passagens onde

Feuchtwanger fala das primeiras manifestações das capacidades extraordinárias de Oskar Lautensack, do duelo psicológico com o professor. O professor ia chamar Oskar, que não estudara a lição. O lápis do professor parou junto ao nome dele na lista. Olha para Oskar e repassa mentalmente as perguntas: sobre o que lhe perguntar. Oskar só sabe a resposta a uma pergunta. E, olhando fixamente nos olhos do professor, repete para si mesmo: pergunta isso, pergunta isso... E o professor, pensativo, faz exatamente a pergunta de que o pequeno Oskar precisava...

«Não sei quem contou este episódio a Feuchtwanger, mas é psicologicamente espantosamente exato. É exatamente assim: no minuto de máxima tensão espiritual costumam manifestar-se pela primeira vez as capacidades de sugestão. O mesmo aconteceu comigo quando jazia no chão sujo debaixo do banco do vagão que seguia para Berlim.»

De resto, não é assim tão difícil e está ao alcance de quase todos — sugerir a outra pessoa que, não sabendo qual de várias decisões igualmente válidas tomar, prefira uma ou outra opção... A experiência inesperada de sugestão de Messing foi muito mais difícil! Afinal, foi a primeira manifestação clara na sua vida daquelas capacidades que muitas vezes se consideram espantosas.

Assim terminou a infância. Ou melhor, Messing não teve infância. Houve a frieza cruel de um pai amargurado pela vida. Houve a decoração da alma no heder. Só recordava com ternura os raros e apressados carinhos da mãe. E pela frente tinha uma vida nómada difícil, cheia de altos e baixos, sucessos e desgostos. De qualquer modo, dificilmente teria aceitado mais tarde trocá-la por qualquer outra...

Messing chegou a Berlim. Mais tarde amaria esta cidade singular, ligeiramente sombria. Mas então, na primeira visita, não podia deixar de o impressionar, de o abalar com a sua imensidão, a multidão, o ruído e a absoluta indiferença, assim lhe parecia, por todos.

Em breve Volf arranjou trabalho como moço de recados numa pensão. Levava malas, embrulhos, lavava louça, engraxava sapatos.

Foram, confessou Messing, talvez os dias mais difíceis da sua vida difícil. Claro que já sabia o que era passar fome e, por isso, o pão ganho com o próprio trabalho parecia especialmente saboroso. Mas era tão pouco

esse pão! Tudo teria provavelmente acabado de forma bastante trágica se não fosse um acaso.

Uma vez mandaram-no com um embrulho para um subúrbio. Isso aconteceu cerca de cinco meses depois de o jovem Messing ter fugido de casa.

Diretamente numa rua de Berlim caiu num desmaio de fome. Levaram-no para o hospital. O desmaio não passava. Não tinha pulso nem respiração. O corpo estava frio. Isso não preocupou especialmente ninguém. Transferiram o corpo para a morgue. E poderiam tê-lo enterrado facilmente numa vala comum se um estudante não tivesse notado que o coração ainda batia.

Quem o trouxe à consciência ao terceiro dia foi o professor Abel, um talentoso psiquiatra e neurologista de quarenta e cinco anos, conhecido nos seus círculos. Era de baixa estatura. Sobre Volf inclinou-se um rosto cheio com olhos atentos, emoldurado por fartas suíças. Foi provavelmente a ele que Volf deve não só a vida, mas também o desenvolvimento das suas capacidades.

Abel explicou-lhe que estivera em estado de letargia provocado por anemia, esgotamento e choques nervosos. O professor ficou muito surpreendido com a capacidade que o rapaz revelava de controlar o próprio organismo. Foi dele que Volf ouviu pela primeira vez a palavra «médium». Disse:

— Você é um médium espantoso.

Na altura Volf ainda não sabia o significado dessa palavra.

Abel começou a fazer experiências. Antes de mais, procurava incutir em Volf confiança em si mesmo, nas suas forças. Disse-lhe que se pode ordenar a si próprio tudo o que se quiser.

Juntamente com o seu amigo e colega, o professor-psiquiatra Schmidt, Abel realizava experiências de sugestão. A mulher de Schmidt dava ordens mentais a Volf, que as executava. Essa senhora — Messing não se recordava do nome dela — foi a sua primeira indutora.

«A primeira experiência foi assim. Esconderam uma moeda de prata no fogão, mas eu tinha de tirá-la não pela portinhola, mas quebrando com um martelo os azulejos da parede. Foi feito de propósito para não haver

dúvidas de que eu recebera a ordem mentalmente e não a adivinhara. E tive de pegar no martelo, partir os azulejos e tirar a moeda pelo buraco que se formou.

Parece-me que foi com o sorriso de Abel que a vida começou a sorrir-me. Abel apresentou-me também ao meu primeiro empresário, o senhor Zellmeister. Era um homem muito alto, esguio e belo, de cerca de trinta e cinco anos — a representatividade não é menos importante no trabalho de um empresário do que o talento dos seus protegidos. O senhor Zellmeister gostava de repetir a frase: «É preciso trabalhar e viver!» Entendia-a à sua maneira. A obrigação de trabalhar deixava-a para os seus protegidos. A si reservava o direito de viver, entendido de forma bastante restrita.

Gostava de boa mesa, vinhos de marca, mulheres bonitas. E teve tudo isso durante longos anos à minha custa. Logo de imediato vendeu-me ao panóptico de Berlim. Todas as sextas-feiras de manhã, antes de abrirem os portões do panóptico, eu deitava-me num caixão de cristal e entrava em estado cataléptico. Mais adiante terei de falar desse estado; por agora limito-me a dizer que durante três dias — da manhã à noite — tinha de permanecer completamente imóvel. E, pela aparência, não se distinguia de um cadáver.»

O panóptico de Berlim era uma espécie de empresa de espetáculos: exibiam-se ali exemplares vivos. Quando lá entrou pela primeira vez, Messing assustou-se. Num compartimento estavam duas irmãs siamesas unidas pelos lados. Trocavam piadas alegres e nem sempre inocentes com os jovens que passavam. Noutro compartimento encontrava-se uma mulher gorda, despida até à cintura, com uma enorme barba farta. A alguns espectadores era permitido puxar essa barba para se certificarem da sua naturalidade.

Num terceiro compartimento sentava-se um homem sem braços, só de cuecas, que conseguia, com incrível destreza, baralhar e dar cartas só com os pés, enrolar cigarros ou mortalhas, acender fósforos. À volta dele estava sempre uma multidão de curiosos. Também desenhava admiravelmente bem com os pés. Com lápis de cor fazia retratos de quem quisesse, e esses desenhos rendiam-lhe um ganho extra... E no quarto pavilhão, três dias por semana, jazia na fronteira entre a vida e a morte o «rapaz milagre» Volf Messing.

No panóptico trabalhou mais de meio ano. Ou seja, cerca de três meses da sua vida passou deitado num caixão frio e transparente...

Pagavam-lhe cinco marcos por dia! Para Volf, habituado a passar fome constantemente, pareciam uma fortuna. De qualquer modo, mais do que suficientes não só para ele próprio viver, mas até para ajudar um pouco os pais. Foi então que lhes enviou a primeira notícia sobre si.

As experiências de sugestão de Abel e Schmidt com Messing repetiram-se várias vezes. E os resultados eram, de vez em quando, cada vez melhores. Começava a compreender a ordem que lhe era dada mentalmente muito mais rapidamente e com maior precisão. Aprendeu a destacar do coro de pensamentos «ressoantes» na sua consciência exatamente aquela «voz» que precisava ouvir. Abel não se cansava de repetir:

— Treine, desenvolva as suas capacidades! Não as deixe atrofiarem!

E ele começou a treinar. Nos dias livres da semana ia aos mercados de Berlim. Ao longo dos balcões de legumes, batatas e carne estavam mulheres campesinas de faces coradas e mulheres idosas gordas das aldeias próximas. Os clientes eram raros e, à espera deles, as vendedoras sentavam-se pensativas nos seus assuntos.

Messing passava ao longo dos balcões e, uma após outra, como se ajustasse o vernier de um rádio, «sintonizando» novas estações, «escutava» os pensamentos simples e lentos das campesinas alemãs sobre a casa, sobre o destino da filha que casara mal, sobre os preços dos produtos. Mas não bastava «ouvir» esses pensamentos, tinha de verificar até que ponto a sua perceção era correta. E nos casos duvidosos aproximava-se do balcão e dizia, olhando penetrantemente nos olhos:

— Não se preocupe... A filha não se esquecerá de ordenhar as vacas e dar de comer aos porcos. Ainda é pequena, mas é forte e esperta...

O espanto, os gestos, as exclamações de admiração convenciam o jovem Messing de que não se enganara.

Com esses treinos ocupou-se mais de dois anos. Abel ensinou-lhe ainda outra arte — a capacidade de, pela força da vontade, desligar esta ou aquela sensação de dor. Quando Volf sentiu que chegara o momento e que

dominava suficientemente o seu corpo, começou a atuar no Wintergarten, o varieté do Jardim de Inverno.

No início da noite atuava como faquir. Fazia com que não sentisse dor quando lhe cravavam agulhas no peito, quando lhe atravessavam o pescoço com uma agulha. Muitos anos depois ria-se alegremente ao ler no livro inteligente e melancólico de Vsevolod Ivanov «As Aventuras de um Faquir» sobre atuações semelhantes mas mal sucedidas dos heróis do livro. No final da noite entrava em cena um artista vestido de milionário. Fraque brilhante. Cartola. Mãos cobertas de anéis. Corrente de ouro com relógio de ouro pendurado na barriga. Botões de punho de diamante.

Depois apareciam assaltantes. Matavam o «milionário» e as joias dele (naturalmente falsas) eram distribuídas pelos clientes sentados às mesas, com o pedido de as esconderem em qualquer lugar, mas sem as tirar da sala. Então aparecia na sala um jovem detetive — Volf Messing. Ia de mesa em mesa e em cada uma pedia às belas senhoras e respeitáveis senhores que lhe devolvessem esta ou aquela joia escondida ali ou ali. Na maior parte dos casos — no bolso de trás das calças, no bolso interior do fraque, na bolsa ou no sapato de uma mulher. Este número tinha sempre sucesso. Muitos vinham propositadamente ao Wintergarten só para o ver.

Quando Volf fez quinze anos, o empresário vendeu-o novamente ao célebre circo Busch da época. Corria o fatídico ano de 1914. Começou a Primeira Guerra Mundial, que ceifou milhões de vidas. Volf começou a compreender que o empresário o isolava deliberadamente da vida, concentrando a sua atenção na busca do sucesso e do dinheiro. Mas nem sempre o conseguia.

O jovem Messing já compreendia então que sabia pouco. E começou a frequentar professores particulares, estudando com eles disciplinas de ensino geral. Interessava-lhe especialmente a psicologia. Por isso mais tarde trabalhou durante longo tempo na Universidade de Vilnius, no departamento de psicologia, procurando compreender a essência das suas próprias capacidades.

«Lembro-me dos meus professores e colegas — professores Vladytschko, Kulbyshevski, Orlovski, Regensburg e outros. Embora nunca tenha conseguido uma educação sistemática, continuo a ampliar os meus conhecimentos toda a vida.»

Mas naqueles anos pouco mudou no seu programa. As mesmas agulhas, o mesmo atravessar do pescoço. E as primeiras experiências psicológicas. No circo Busch já não «matavam um aristocrata» nem distribuíam as suas joias pelos espectadores; pelo contrário, recolhiam dos espectadores diferentes objetos. Depois amontoavam esses objetos num monte e Messing tinha de os separar e devolver aos donos.

Pouco a pouco ia-se tornando cada vez mais conhecido, e o seu empresário cada vez mais representativo; o rosto arredondava-se-lhe cada vez mais e a esbelteza da figura estava seriamente ameaçada.

Finalmente, em 1915 levou Volf a uma primeira digressão — a Viena. Já não com números de circo, mas com um programa de experiências psicológicas. Com o circo estava terminado para sempre. Teve de atuar no Luna-Park. A tournée durou três meses e atraiu a atenção geral. Messing tornou-se «o grande sucesso da temporada». Foi exatamente nessa altura que teve a felicidade de se encontrar com o grande Albert Einstein.

Corria o ano de 1915. Einstein estava no apogeu do seu ascenso criativo. Messing não sabia, claro, nessa altura nada sobre a teoria do movimento browniano dele, nem sobre as ousadas ideias de quantização do campo eletromagnético que lhe permitiram explicar uma série de fenómenos incompreensíveis na física — ideias que, aliás, eram partilhadas apenas por pouquíssimos cientistas. Também não sabia que Einstein já tinha, na prática, concluído a teoria geral da relatividade, que estabelecia ligações surpreendentes entre matéria, tempo e espaço. Mas, embora não soubesse nem pudesse saber tudo isso na altura, o nome de Einstein — o famoso físico — já o ouvira.

Provavelmente Einstein assistiu a uma das atuações de Messing e ficou interessado. Porque num belo dia convidou-o a ir a sua casa. Naturalmente, estava muito emocionado com o encontro que se aproximava.

No apartamento de Einstein, o que mais impressionava à primeira vista era a abundância de livros. Estavam por todo o lado, a começar pela entrada. Conduziram Volf ao gabinete. Ali estavam duas pessoas — o próprio Einstein e Sigmund Freud, o célebre médico e psicólogo austríaco, criador da teoria da psicanálise. «Não sei quem era então mais famoso — provavelmente Freud, mas isso também não é essencial. Freud — sessenta

anos, severo — olhava o interlocutor de sobrolho franzido com um olhar pesado e imóvel. Estava, como sempre, de casaca preta. O colarinho seco e fortemente engomado parecia sustentar o pescoço já enrugado e fibroso. De Einstein recordo-me menos. Lembro-me apenas que estava vestido de forma simples, à vontade em casa, com um pulôver de malha, sem gravata nem casaco. Freud propôs começar imediatamente as experiências. E foi ele que se tornou o meu indutor.

Ainda hoje recordo a sua ordem mental: aproximar-me da cómoda, pegar numa pinça e, regressando a Einstein, arrancar-lhe três pelos dos seus magníficos e fartos bigodes. Peguei na pinça, aproximei-me do grande cientista e, pedindo desculpa, informei-o do que o seu amigo queria de mim. Einstein sorriu e ofereceu-me a face.»

A segunda tarefa foi mais simples: entregar a Einstein o seu violino e pedir-lhe que tocasse. Messing cumpriu também essa ordem silenciosa de Freud. Einstein riu-se, pegou no arco e começou a tocar. A noite decorreu descontraída e alegre, embora Volf não fosse exatamente um interlocutor à altura — afinal tinha nessa época dezasseis anos.

Ao despedir-se, Einstein disse:

— Se as coisas correrem mal, venha ter comigo.

Com Freud, Messing encontrou-se depois várias vezes. No apartamento dele reinavam os livros de forma tão absoluta como no de Einstein. Um pequeno quarto fora transformado em laboratório. Messing não sabia se todos aqueles objetos que ali estavam nas prateleiras — um esqueleto num tripé de ferro, caveiras com os dentes à mostra, partes do corpo humano conservadas em álcool em grandes frascos de vidro, etc. — eram realmente necessários ao trabalho de Freud ou se se destinavam inteiramente a impressionar a psique dos doentes que o médico recebia em casa, mas a sala causava uma forte impressão. Sobretudo em combinação com a figura ascética, seca, severa e vestida de preto do seu dono, que lembrava um demónio maligno. A Volf, por algum motivo, mesmo em ambiente doméstico, Freud aparecia-lhe sempre com uma bengala-guarda-chuva dobrável na mão.

De resto, Freud tinha poucos visitantes. Na maior parte das vezes pessoas idosas, rígidas e engomadas e sempre, segundo a moda da época, com suíças.

Em suma, como recorda Volf, Freud não era amado. Era bilioso, implacavelmente crítico, podia humilhar injustamente uma pessoa. Mas sobre o jovem exerceu uma influência positiva: ensinou-lhe a auto-sugestão e a concentração. Um rapaz de dezasseis anos, como poderia não cair sob o domínio deste homem tão interessante, profundo e poderoso? E Freud usou esse poder para seu bem. Mais de dois anos durou a sua relação próxima, que Messing recordava sempre com um sentimento de gratidão.

As atuações de Volf Messing, entretanto, corriam bem. E em 1917 o senhor Zellmeister informou-o de que iam partir para uma grande tournée. O itinerário abrangia quase todo o globo terrestre. Em quatro anos estiveram no Japão, no Brasil, na Argentina... Houve muitas, até demasiadas impressões, que frequentemente se sobrepunham e distorciam umas às outras.

Em 1921 Messing regressou a Varsóvia. Nos anos que passara além-mar, muita coisa mudara na Europa. Na Rússia eclodira a Revolução de Outubro. No mapa redesenhado da Europa surgira um novo Estado — a Polónia. A povoação onde Volf nascera e onde viviam os seus pais ficava agora no território desse país.

Tinha vinte e três anos e Volf foi chamado para o exército polaco. Passaram-se alguns meses. Um dia o comandante chamou-o e transmitiu-lhe um convite do próprio «chefe do Estado Polaco», Józef Piłsudski.

Num salão luxuoso reunira-se a mais alta sociedade «cortesã», militares brilhantes, senhoras magnificamente vestidas. Piłsudski trajava um uniforme semivilaço deliberadamente simples, sem condecorações nem distintivos.

Começou a experiência. Por detrás de uma cortina estava escondida uma cigarreira. Um grupo de «cortesãos» observava como Volf a encontraria. Na verdade, foi mais fácil do que fácil! Recompensaram-no com aplausos. Um conhecimento mais próximo com Piłsudski aconteceu depois no gabinete pessoal. O «chefe do Estado» (aliás, era esse o seu título oficial naqueles anos) era supersticioso como uma mulher. Ocupava-se de espiritismo, adorava o número «feliz» treze. A Messing dirigiu-se com um pedido de caráter pessoal, sobre o qual nunca gostou de recordar. Basta dizer que o cumpriu.

Terminado o serviço militar, Messing voltou às experiências. O seu novo empresário, o senhor Kobak, tinha cerca de cinquenta anos. Era um homem de negócios muito prático, de novo tipo. Com ele Volf fez inúmeras tournées por vários países da Europa: atuou com experiências em Paris, Londres, Roma, novamente em Berlim, Estocolmo. Sempre que possível, procurava diversificar e ampliar o programa das atuações. Em Riga circulava pelas ruas de automóvel sentado no lugar do condutor.

Tinha os olhos firmemente vendados com um pano preto, as mãos no volante, os pés nos pedais. Ditava-lhe mentalmente, conduzindo na prática o automóvel, o verdadeiro condutor sentado ao lado. Esta experiência, realizada aos olhos de milhares de espetadores com fins puramente publicitários, era, no entanto, muito interessante. O automóvel não tinha segundo comando. Nem antes nem depois disso Messing alguma vez pegou num volante.

Nesses anos visitou também outros continentes — a América do Sul, a Austrália, países da Ásia. Do caleidoscópio inumerável de contactos, uma impressão especial deixou-lhe o encontro, em 1927, com o eminente líder político indiano Mohandas Gandhi, no qual, como se sabe, se entrelaçavam de forma singular alguns preceitos da antiga filosofia indiana, o tolstoísmo e as mais diversas doutrinas socialistas.

«Gandhi abalou-me profundamente — conta Messing. — Uma simplicidade espantosa, que sempre acompanha a verdadeira genialidade, emanava deste homem. Ficou-me na memória o seu rosto de pensador, a voz tranquila, a lentidão e fluidez dos movimentos, a suavidade no trato com todos os que o rodeavam. Gandhi vestia-se de forma asceticamente simples e comia a comida mais singela.

Durante a experiência que demonstrei na sua presença, Gandhi foi o meu indutor. Ditou-me a seguinte tarefa: pegar numa flauta que estava em cima da mesa e entregá-la à terceira pessoa. Esta pegou nela, levou-a aos lábios e sons musicais finos e trémulos encheram o ar. E de repente, do cesto que estava aos pés dele, semelhante a um garrafão, começou a sair uma fita cinzento-malhada de serpente. Os seus movimentos repetiam rigorosamente o ritmo imposto pelo flautista. Era uma dança verdadeira, não menos exata e bela do que a humana. Até então nunca vira nada parecido e olhava como que hipnotizado.»

Estando na Índia, Messing não podia, claro, deixar de ver com os próprios olhos a arte dos iogues. A habilidade virtuosa de dominar o próprio corpo, alcançada por treino incessante, impressionou-o. A Volf interessava-lhe especialmente observar a imersão num estado cataléptico profundo, que por vezes durava várias semanas. A ele próprio nunca lhe foi possível permanecer tanto tempo nesse estado.

Nas suas memórias, Messing confessa que muitas vezes lhe pediam favores pessoais de natureza muito diversa: resolver conflitos familiares, descobrir ladrões de objetos de valor, etc. Tal como toda a vida, guiava-se por um único princípio: independentemente de ser uma pessoa rica ou pobre, de ocupar uma posição alta ou baixa na sociedade — estar apenas do lado da verdade, fazer apenas o bem às pessoas. A este respeito vale a pena contar pelo menos alguns desses casos.

Um deles está ligado a um incidente no antigo castelo ancestral dos condes Czartoryski. Era uma família muito rica e conhecida na Polónia, possuidora de enormes propriedades e dispondo de meios imensos. O próprio conde era uma pessoa muito influente no Sejm.

E eis que nessa família desaparece uma joia antiga, transmitida de geração em geração — um alfinete de diamantes. Segundo os joalheiros, valia não menos de 800 mil złoty — uma soma verdadeiramente enorme. Todas as tentativas de a encontrar revelaram-se infrutíferas. O conde Czartoryski não tinha suspeitas contra ninguém: uma pessoa estranha praticamente não podia entrar no castelo bem guardado, e ele confiava plenamente nos seus numerosos criados. Eram pessoas leais à família do conde, que trabalhavam para ele havia dezenas de anos e muito prezavam o seu lugar. Os detetives privados chamados não conseguiram deslindar o caso.

O conde Czartoryski voou até Messing no seu próprio avião — nessa altura atuava em Cracóvia —, contou-lhe tudo e propôs-lhe que se ocupasse da busca. No dia seguinte voaram no avião do conde para Varsóvia e, algumas horas depois, estavam no castelo dele. Convém dizer que nessa época Messing tinha um aspeto clássico de artista: cabelo ondulado preto-azulado até aos ombros, rosto pálido. Usava um fato preto com uma ampla capa preta e chapéu. E não foi difícil ao conde apresentá-lo como um pintor convidado para trabalhar no castelo.

De manhã Messing começou a escolher «modelos». Passaram diante dele, um a um, todos os empregados do conde até ao último. E convenceu-se de que o dono do castelo tinha razão: todas aquelas pessoas eram absolutamente honestas. Conheceu também os familiares — entre eles também não havia o ladrão. E apenas sobre uma pessoa Volf não conseguiu dizer nada de concreto. Não sentia nem os seus pensamentos nem sequer o seu estado de espírito. A impressão era a de que estava protegido por um ecrã opaco.

Era um rapaz oligofrénico de cerca de onze anos, filho de um dos criados que trabalhava no castelo havia muito tempo. Gozava de total liberdade na enorme casa, cujos donos nem sempre lá viviam, e podia entrar em todos os quartos. Nunca fora apanhado em nada de mal, por isso não lhe prestavam atenção. Mesmo que tivesse sido ele o autor do roubo, fizera-o sem qualquer intenção, de forma completamente irrefletida, irrazoável. Era a única coisa que Messing podia supor. Mas era preciso confirmar a suposição.

Volf ficou sozinho com ele no quarto das crianças, cheio das mais diversas brincadeiras. Fingiu que desenhava qualquer coisa no seu bloco. Depois tirou do bolso um relógio de ouro e balançou-o no ar na corrente para despertar o interesse do pobre rapaz. Desprendeu o relógio, pousou-o na mesa, saiu do quarto e pôs-se a observar.

Tal como esperava, o rapaz aproximou-se do relógio, balançou-o na corrente como Volf e meteu-o na boca. Brincou com ele durante pelo menos meia hora. Depois aproximou-se do urso empalhado gigantesco que estava no canto e, com surpreendente destreza, trepou-lhe à cabeça. Mais um instante — e o relógio, brilhando pela última vez em ouro nas suas mãos, desapareceu na boca escancarada do animal. Sim, Messing não se enganara. Aí estava o ladrão involuntário. E aí estava o seu cúmplice silencioso — o guardião do roubado — o urso empalhado.

Foi preciso cortar a garganta e o pescoço do urso. Dali, nas mãos dos estupefactos «cirurgiões» que realizaram essa operação, caiu uma verdadeira pilha de objetos brilhantes — colherzinhas de chá douradas, enfeites de árvore de Natal, pedaços de vidro colorido de várias garrafas. Lá estava também a joia de família do conde Czartoryski.

Pelo contrato o conde devia pagar a Messing cerca de 25 por cento do valor dos tesouros encontrados — cerca de 250 mil złoty, pois o preço total de tudo o que foi encontrado no infeliz «ursinho» ultrapassava um milhão de złoty. «Recusei essa soma, mas pedi ao conde que, em troca, usasse a sua influência no Sejm para que fosse revogado um decreto do governo polaco, aprovado pouco antes, que lesava os direitos dos judeus. Duas semanas depois esse decreto foi revogado», recorda Volf Grigoriévitch.

Casos semelhantes de roubos teve de investigar muitos. Só o atraíam histórias em que podia contribuir, mesmo que em pequena medida, para o triunfo da verdade e da justiça. Na maioria das vezes tinha de lidar com acontecimentos «intrafamiliares», em que nem os laços mais estreitos de sangue impediam o ódio mútuo, a inveja mortal, quase sempre por motivos puramente mercantis.

Messing recorda também um caso ocorrido em Varsóvia.

Um comerciante de loja fora roubado de todas as suas poupanças, cerca de 5000 dólares. Desapareceram também algumas coisas. A polícia ocupou-se do caso, mas não conseguiu descobrir nada. Os ladrões eram mestres na sua arte e não deixaram quaisquer vestígios.

A família do comerciante era composta por mais duas pessoas — o irmão e a filha adulta. Por conselho do irmão, o comerciante recorreu aos recetadores de objetos roubados. Por estranho que pareça, nenhum dos objetos roubados chegara até eles. Isso era tão incompreensível que foram eles os primeiros a sugerir que ou o roubo fora cometido por um ladrão «de passagem», que visitara Varsóvia por pouco tempo, ou era obra de alguém de casa.

«Foi então que o comerciante recorreu a mim — diz Messing. — Senti sincera pena do velho e doente que toda a vida poupara moeda a moeda para o dia mau e o dote da filha. Inspecionei o apartamento apertado onde vivera toda a vida com a família, o mobiliário quase miserável. Depois passámos ao quarto do irmão dele. Este, em traje completo de oração, estava voltado para oriente e pronunciava em voz alta as palavras da prece. No rosto derramava-se-lhe piedade. Fiquei naquele quarto apenas alguns minutos, mas pelo estado de espírito ansioso, pela insegurança com que pronunciava as palavras da oração, já compreendi que o culpado do roubo estava diante de mim. E depois «ouvi» também os seus pensamentos.

Quando terminou de rezar, mandei toda a gente sair do quarto e fiquei sozinho com ele. Perguntei-lhe logo onde pusera o dinheiro e os objetos roubados. E embora ainda não tivesse confessado, para mim ficou claro que estavam escondidos no sofá em que nos sentávamos. Disse-lhe isso e exigi que no dia seguinte os devolvesse ao irmão. Dei-lhe a minha palavra de que tudo ficaria entre nós.

Ao sair, disse ao comerciante e à filha:

— Não se preocupem. Não sei e não poderei saber quem roubou o vosso dinheiro e coisas. Mas sei que tudo, até ao último fio, até à última moeda, amanhã estará de volta a esta casa.

Tive pena dos dois irmãos: se eu revelasse o nome do culpado do roubo, daria um golpe mortal a esta família.»

Uma vez em Białystok desapareceu o anel de diamantes da mulher de um jornalista polaco. Este convidou Messing. Não lhe foi difícil apurar que o anel fora roubado pela criada. Também estava convencido de que o anel fora passado a outra pessoa e que não o conseguiria encontrar. Então recorreu a uma astúcia. Em voz alta, para que a criada ouvisse, disse ao jornalista:

— Meu amigo! Vale a pena preocupar-se por causa de um vidrinho falso? O teu anel custou-te no máximo cinco złoty e nem por um e meio o conseguirias vender. Bem, despede a criada, bem, chama a polícia. Mas por causa de quê todo este alarido? Pensa! Além disso, muito provavelmente está algures no chão. Quem quer essa porcaria?!

Algumas horas depois o anel (e nele um diamante de três quilates) foi encontrado num canto da sala de estar.

Noutro caso, numa família que convidou Messing, o ladrão da joia desaparecida revelou-se o próprio dono da casa, que oferecera esse objeto à amante.

Um caso interessante aconteceu-lhe em Paris. Foi o célebre caso do banqueiro Denadieu nos anos vinte. Já em idade bastante avançada, após a morte da mulher, casara em segundas núpcias com uma mulher muito jovem atraída pela sua fortuna. Tinha uma filha, também descontente com a sua vida: os meios que o pai lhe dava claramente não chegavam. Estes três, tão diferentes embora unidos por laços de parentesco próximos, eram os

únicos habitantes da villa Denadieu. A criadagem era externa e à noite ninguém estranho ficava em casa.

E no entanto ali começaram a acontecer coisas bastante estranhas. Tudo começou quando, numa noite, estando sozinho, Denadieu viu de repente que o retrato da sua primeira mulher, pendurado no quarto, balançou primeiro para um lado, depois para o outro. Apavorado, arregalou os olhos para o retrato. Pareceu-lhe que a falecida mulher mexera ligeiramente a cabeça, as mãos, que algum movimento percorrera o seu rosto. Surgiu a impressão de que ela queria saltar da moldura, mas não conseguia e por isso o retrato balançava.

É fácil imaginar o efeito que isso produziu num homem idoso e supersticioso. Não conseguiu levantar-se da poltrona e, fechando os olhos, começou a gritar. Só meia hora depois, ou mais — Denadieu não olhava para o relógio —, ao seu grito acorreram a mulher e a filha, que entretanto regressaram do teatro.

A partir daí o retrato começou a piscar o olho e a balançar todas as noites. Isso era frequentemente acompanhado por pancadas na parede no sítio onde o retrato estava pendurado. Pelo caráter dos sons parecia que nasciam dentro da parede e não do quarto da filha, contíguo ao de Denadieu. E mais um pormenor: habitualmente toda essa diabrura acontecia exatamente quando nem a mulher nem a filha estavam em casa. Na presença delas o retrato comportava-se normalmente.

Denadieu recorreu à polícia. À noite, secretamente de todos, ficou no quarto dele um detetive. À hora marcada o retrato começou a balançar e ouviu-se uma pancada. O detetive, sem se deixar intimidar, avançou para o retrato, mas no momento mais inoportuno tropeçou em qualquer coisa, caiu e deslocou o pé. Então a convicção de que nesse caso estava envolvida uma força maligna tornou-se geral. A polícia desistiu. Denadieu ficou entregue ao seu destino e à «força maligna».

Volf Grigoriévitch interessou-se pelo caso ao tomar conhecimento dele pelos jornais. O prefeito da polícia parisiense recomendou-o a Denadieu. Secretamente de todos, Messing ficou no quarto dele logo na primeira noite: o infeliz estava à beira da loucura, mas não aceitava tirar o retrato da primeira mulher. Apesar do segundo casamento, guardava santamente a memória dela. Não se podia adiar o assunto, já amanhã

poderia ser tarde. O pobre Denadieu podia enlouquecer ou morrer de medo a qualquer momento.

Informou Messing de que não havia ninguém em casa, a mulher e a filha tinham ido ao teatro. Tudo contribuía para que o fenómeno misterioso ocorresse.

«Acendemos a luz — recorda Messing. — Senti imediatamente que a villa de modo algum estava vazia. Muito em breve compreendi que no quarto contíguo — o quarto da filha — havia alguém. E quase no mesmo instante ouviu-se uma pancada na parede. Ao mesmo tempo vi, à fraca luz dos raios lunares que entravam pela janela, que o retrato balançava. A bem dizer, era um espetáculo bastante sinistro. Denadieu, amolecido, jazia impotente na poltrona...

Muito cautelosamente, avançando na ponta dos pés ao longo da parede para não me encontrar na situação do detetive que deslocara o pé, cheguei à porta e saí para o corredor. Depois aproximei-me da porta do quarto da filha e bati. A pancada na parede do quarto de Denadieu cessou imediatamente. Bati novamente com muita insistência e, pressionando fortemente com o ombro, abri a porta. O ferrolho arrancado caiu no chão com um tinido.»

No quarto, deitada na cama, estava uma mulher jovem. Fingia que acabara de acordar.

— A menina está no teatro — disse eu. — Como veio aqui parar?

Messing seguia a confusão febril dos pensamentos dela, lendo-os. Em poucos instantes tornou-se-lhe claro todo o mecanismo secreto do crime. A filha e a madrasta, afinal, já há muito tinham encontrado uma linguagem comum. Nenhuma das duas se conformava com o modo de vida modesto que o próprio Denadieu levava e que elas eram obrigadas a partilhar com ele. As duas mulheres jovens sonhavam apoderar-se dos milhões do banqueiro e escolheram o caminho que lhes pareceu mais fácil e seguro: levar o velho e doente à loucura. Para isso construíram um mecanismo secreto que punha em movimento o retrato pendurado no quarto de Denadieu. Volf Grigoriévitch sentiu verdadeiro prazer quando, nessa mesma noite, por chamada telefónica sua, o prefeito mandou chegar a polícia e as duas criminosas foram presas.

Na atividade «detetivesca» de Messing houve também casos completamente curiosos. Contemos alguns episódios que lhe aconteceram em anos diferentes na Polónia, durante atuações com experiências psicológicas.

O primeiro caso é simples e banal. Ao cumprir a tarefa seguinte do indutor, aproxima-se de um jovem sentado numa das primeiras filas e diz-lhe:

— Permita-me o bolso interior do seu casaco.

«Vejo que está excessivamente assustado. Escuto. E compreendo: tenho diante de mim um criminoso. Não mostra o bolso. Chamo então o polícia que está presente. Alguns homens ajudam-no. Descobre-se que o jovem tem no bolso interior escondida uma garrafa de narcótico proibido. Prendem-no e, depois, desmantelam toda uma organização clandestina de traficantes de droga.

Claro que esta denúncia ocorreu em grande parte por acaso. Se o indutor me tivesse mandado ir ter com outra pessoa, eu não teria prestado qualquer atenção a este canalha que viera ao meu espetáculo.»

Eis outro caso.

Numa pequena povoação polaca chegou um «rico americano». Naturalmente, foi recebido nas «melhores» casas, apaixonou-se rapidamente por uma encantadora rapariga de dezasseis anos e pediu-a em casamento, juntando ao pedido um anel de diamantes para a noiva. Será preciso acrescentar que o pedido, reforçado por presente tão valioso, foi imediatamente aceite? E como poderia ser de outra forma! Afinal, na Polónia senhorial da época, um «rico americano» era uma figura tão fabulosa como um príncipe encantado. Mas exatamente nessa altura a inquieta sorte de artista itinerante levou Messing àqueles lados com as suas experiências.

Os pais da rapariga foram ter com Messing e contaram-lhe tudo. Qualquer coisa não lhe agradara naquele homem, que vira de relance e de longe. Volf Grigoriévitch pediu que o levassem à sua atuação.

Ele veio. Comportava-se de forma desafiadora. Lançava réplicas, sentava-se esparramado. E quando Messing se dirigiu diretamente a ele com alguma pergunta, levantou-se e encaminhou-se para a saída do

auditório... «Mas já muita coisa me era clara — confessa Messing. — Gritei:

— Vejam-lhe os bolsos!

Apesar da resistência, detiveram o «americano». De um bolso tiraram vários passaportes com nomes diferentes, mas a mesma fotografia. Todos eles eram passaportes de solteiros. Do outro — um maço de fotografias pornográficas. Isso bastou. Prenderam o «americano». Era membro de um bando que fornecia raparigas bonitas a bordéis da Argentina.»

Mas que o leitor não pense que o «natpinkertonismo» se tornou quase uma segunda profissão de Messing. Aqui estão reunidos apenas casos que lhe aconteceram ao longo de muitos anos. E mais: nunca na vida colaborou com a polícia nem com quaisquer organizações privadas ou estatais de investigação, embora tais propostas lhe tenham sido feitas repetidamente. Tudo o que fez foi por sua conta e risco, usando principalmente as suas capacidades.

Várias vezes tentaram também comprometer Messing. Uma vez entrou no seu quarto de hotel uma mulher jovem e bonita. O gabinete dele estava quase isolado das outras divisões, onde, sabia ele, devia encontrar-se o fleumático Kobak. Ao olhar para a mulher que entrara, Messing compreendeu imediatamente tudo. Levantou-se solícito, prevenindo-a. A seguir vale a pena citar o próprio Messing.

«— Senhora, sente-se! Raramente hóspedes tão encantadoras visitam a toca do telepata. E quando aparecem, fico duplamente feliz. Só que, perdoe-me, saio um instante para dar algumas ordens.

Saí, encontrei na longa sucessão de quartos Kobak a fumar tranquilamente um charuto:

— Corre para a polícia! Leva três homens e volta. Não entrem no gabinete, fiquem à porta e espreitem pelo vidro de cima. Só depressa! Depois explico tudo.»

Messing voltou ao gabinete. Espalhou-se novamente em cumprimentos. Sabia que tinha de aguentar pelo menos cinco a oito minutos até chegar ajuda. Finalmente sentiu que a hóspede passava ao assunto:

«— O senhor faz coisas espantosas. Sabe o que estou a pensar agora?

— Senhora, não estou em cena. Na vida sou uma pessoa comum. E só posso dizer uma coisa: numa cabecinha tão encantadora só podem estar pensamentos encantadores.

— Quero ser sua amante. E imediatamente. Agora mesmo.

— Senhora! Mas eu sou casado! Tenho filhos... amo a minha mulher.

— Mas o senhor é um cavalheiro? Não pode recusar um pedido a uma mulher!..

E começa a rasgar a roupa. Depois corre para a janela, abre-a de par em par e grita:

— Socorro! Estão a violar-me!»

Então Messing fez um sinal com a mão — a porta abriu-se e entraram os polícias. Tinham visto tudo pelo vidro da fresta. E tinham ouvido tudo — nem Messing nem ela tentaram baixar a voz. Prenderam a «senhora».

Foi apenas uma das muitas tentativas dos seus «concorrentes» para o comprometerem, para o «eliminarem». Neste caso o organizador, o principal culpado, foi um conhecido quiromante polaco chamado Pifelo. Via em Volf Grigoriévitch um concorrente, embora este nunca se tivesse dedicado a adivinhação pela mão nem a qualquer outro embuste. Felizmente nenhuma das tentativas de o comprometer teve êxito.

É curioso como Volf Messing conta como se tornou cidadão soviético.

«Quando, a 1 de setembro de 1939, o exército blindado alemão atravessou as fronteiras da Polónia, este Estado, incomparavelmente mais fraco do ponto de vista industrial e militar, estava condenado. Eu sabia: não podia ficar em território ocupado pelos alemães. A minha cabeça fora avaliada em 200 000 marcos. Isso foi consequência de, ainda em 1937, numa atuação num dos teatros de Varsóvia perante milhares de pessoas, eu ter previsto a morte de Hitler se ele se voltasse para Leste.

Hitler sabia dessa minha previsão; no próprio dia todas as gazetas polacas a publicaram em manchete na primeira página. O führer fascista era sensível a previsões desse tipo e à mística em geral. Não era por acaso que tinha ao seu serviço um «vidente» pessoal — exatamente aquele Hanussen de quem já falei de passagem.

Esse prémio de 200 000 marcos era para quem indicasse o meu paradeiro.»

Algumas palavras sobre Hanussen, já que Messing o menciona. Foi um dos poucos telepatas conhecidos que realmente possuía a capacidade de ler pensamentos. Messing conheceu-o em 1931: antes de uma atuação, um correspondente de um jornal de Varsóvia apresentou-lho nos bastidores.

Hanussen trabalhava de forma interessante, tinha inegáveis capacidades de telepata. Mas para que elas se desenvolvessem plenamente precisava de excitação, de admiração e entusiasmo do público. Volf Grigoriévitch sabia isso também por si próprio: quando a plateia está conquistada, trabalhar torna-se incomparavelmente mais fácil. Por isso, no início da atuação, Hanussen recorria a um truque desonesto — fazia os dois primeiros números com pessoas combinadas.

Mal saía ao palco, recebido por aplausos fracos, e dizia algumas palavras introdutórias, do fundo da sala ouvia-se um grito: «Charlatão!» Hanussen «representava» a inocência ofendida e convidava o seu detrator ao palco. Com ele mostrava o primeiro número. Será preciso dizer que o «ofensor» se «reeducava» instantaneamente, passando a crer na telepatia, e que na realidade esse homem viajava de cidade em cidade na comitiva de Hanussen. Mas o público aceitava tudo como verdadeiro e os aplausos tornavam-se mais calorosos.

A partir do terceiro número, Hanussen trabalhava honestamente — com qualquer pessoa da plateia. Muito artisticamente, procurando apresentar o seu trabalho da forma mais efetiva possível. Contudo, o uso de cúmplices não conseguia apagar até ao fim da noite em Messing um certo sentimento involuntário de desconfiança. Parecia-lhe que uma pessoa dotada de nascença de tais capacidades como Hanussen não tinha o direito de ser desonesta, moralmente incorreta.

Em 1933-1934 Hitler aproximou Hanussen de si, embora este fosse judeu de sangue puro e o avô tivesse sido sacristão de sinagoga. Movendo-se nos círculos próximos de Hitler, subindo de sucesso em sucesso, Hanussen soube demais do que não devia saber. Certas pessoas usaram-no para, sob a forma de «revelações astrais», dar ao führer este ou aquele conselho. E quando se tornou uma figura demasiado arriscada no grande jogo político, simplesmente eliminaram-no. Levaram-no para o bosque e

fuzilaram-no. De resto, o seu destino está contado de forma bastante exata e detalhada no romance de Lion Feuchtwanger «Os Irmãos Lautensack».

Fosse como fosse, quer para se vingar de Messing pela previsão, quer, pelo contrário, pretendendo substituí-lo por Hanussen, Hitler ofereceu um prémio a quem indicasse o seu paradeiro. Volf Grigoriévitch vivia nessa altura na povoação natal, em casa do pai. Pouco depois foi ocupada pelo exército fascista. Rapidamente organizaram o gueto. Messing conseguiu fugir para Varsóvia.

Durante algum tempo escondeu-se na cave de um talhante. Uma noite, ao sair à rua para dar uma volta, prenderam-no. O oficial que o deteve observou-o longamente e depois tirou do bolso um pedaço de papel com um retrato. Volf Messing reconheceu um cartaz que os hitlerianos colaram pela cidade, onde se anunciava a recompensa pela sua captura.

— Quem és tu? — perguntou o oficial e puxou-o dolorosamente pelos cabelos longos até aos ombros.

— Sou pintor...

— Mentes! Tu és Volf Messing! Foste tu que previste a morte do führer.

O oficial recuou um passo, continuando a segurá-lo com a mão esquerda pelos cabelos. Depois ergueu bruscamente a direita e desferiu-lhe um golpe terrível na mandíbula. Foi um golpe de grande mestre de ofício de tortura. Messing cuspiu, juntamente com sangue, seis dentes.

Sentado na cela de isolamento da esquadra da polícia, compreendeu: ou fugia agora, ou era a morte. Eis o que aconteceu depois. «Concentrei todas as minhas forças e obriguei a reunirem-se na minha cela todos os polícias que nessa altura estavam nas instalações da esquadra. Todos, incluindo o chefe. Quando todos, obedecendo à minha vontade, se reuniram na cela, eu jazia completamente imóvel, como morto.

Depois levantei-me rapidamente e saí para o corredor. Num instante, antes que se recompusessem, corri o ferrolho da porta reforçada a ferro. A jaula era segura, os passarinhos não podiam voar sem ajuda externa. Mas essa ajuda podia chegar. Alguém podia simplesmente entrar na esquadra. Tinha de me despachar.»

De Varsóvia tiraram-no numa carroça carregada de feno. Sabia uma coisa: tinha de ir para leste. Só para leste. Os guias conduziam-no e transportavam-no apenas de noite. E finalmente, numa noite escura de novembro, à frente brilharam debilmente as águas frias do Bug Ocidental. Lá, na outra margem, era a URSS.

Um pequeno barco de fundo chato encostou na areia de um baixio que mal se via branco. Messing saltou do barco e estendeu ao pescador que o transportara o último maço de dinheiro da Rzeczpospolita que lhe restava:

— Toma, pai! Salvaste-me...

Apertou a mão estendida e caminhou pela areia húmida.

Chegou o momento de continuar o relato de Tatiana Lunguina sobre a vida de Volf Messing já em Moscovo.

Conta Tatiana Lunguina

...Tocou o telefone e Aida atendeu. Ligavam do hospital: tinham passado Iraida dos cuidados intensivos, o que significava que estava a melhorar. Parabenizámo-nos mutuamente e Volf decidiu encomendar para a convalescente comida do restaurante de um luxuoso hotel próximo. Antes tinham vivido naquele hotel quase quatro anos e mudaram-se para este apartamento, atribuído após a guerra por indicação pessoal de Estaline.

Talvez os leitores se interessem em saber como Messing conseguiu entender-se com uma pessoa de tendências paranoides como Estaline. A antipatia de Estaline por adversários reais e supostos era ditada pelo medo de forças desconhecidas que nem ele conseguia controlar. A Volf Messing conseguiu apresentar o seu talento a Estaline de forma não ameaçadora. Se Estaline sentisse que Messing podia realmente, por exemplo, ler-lhe os pensamentos, talvez desse imediatamente ordem para o eliminar.

Possivelmente Estaline via subconsciousmente em Volf Messing algumas forças que o cativavam. Lembremo-nos de que Estaline provinha de uma família profundamente religiosa e podia sentir um temor e reverência inexplicáveis perante o sobrenatural. Ao permitir que Messing atuasse perante a elite soviética, Estaline talvez considerasse que assim o seu dom seria «domesticado» e não seria usado contra ele. Fosse como fosse, a atribuição do apartamento a Messing testemunhava uma certa benevolência do chefe de Estado para com ele.

Em geral Messing era um homem diferente. Durante os espetáculos parecia desligar-se do mundo circundante. A sua energia nervosa transmitia-se a todos os presentes, como que carregando a atmosfera. Mas em casa era completamente outro: calmo, elegante, terno, alegre. Pareceria não haver nada em comum entre aquele que era no palco e o verdadeiro Messing. Era realmente um homem-enigma.

Em breve fui obrigada a partir em trabalho. Ao regressar soube que Volf estava internado. Finalmente aceitara remover um tumor do tamanho de uma noz que tinha abaixo da orelha direita. Felizmente o pós-operatório decorreu sem complicações. Quando o visitei já estava completamente restabelecido.

— A operação não me preocupava — disse Volf —, mas preocupava os meus espetadores. Sei que muitos estavam convencidos de que eu lia pensamentos à distância com a ajuda deste pequeno tumor; que ele servia como uma espécie de antena de rádio ou televisão.

De facto circulavam muitos rumores. Algumas pessoas estavam convencidas de que Messing tinha um transmissor qualquer cosido sob a pele atrás da orelha, capaz de receber sinais emitidos pelo cérebro de outras pessoas. Tal operação, segundo essa versão, teria sido realizada num país estrangeiro em ambiente de segredo absoluto. Outros rumores eram ainda mais fantásticos. Dizia-se que por quantias inimagináveis tinham implantado em Volf uma segunda camada de cérebro! Sussurrava-se que com a remoção do tumor «suspeito» o dom de Volf desapareceria.

O único rumor que continha uma parcela de verdade referia-se a uma organização científica de um Estado ocidental ter proposto informalmente a Messing um milhão de rublos pelo seu cérebro, que ele deveria entregar-lhes após a morte do parapsicólogo. Volf ria-se de boa vontade ao contar esta divertida proposta:

— Fosse como fosse, o meu cérebro ficará aqui, em Moscovo — disse-me ele após a operação.

Como tudo correra bem, Volf retomou imediatamente o trabalho. Raramente demonstrava experiências psicológicas em Moscovo, normalmente viajava para as periferias da Rússia. Gostava de atuar perante estudantes, que não se cansavam de o admirar. O Goskontsert, que o enviava em tournées, usava-o para propaganda antirreligiosa, considerando

com razão que esse dom provava que até as capacidades sobrenaturais são simplesmente parte integrante da mente. Mandavam Messing para os Urais, para a Sibéria e para a Ásia Central, onde nessa altura havia mais crentes.

Contudo seria injusto afirmar que Volf aparecia em palco apenas em regiões remotas da URSS. Nas suas tournées incluíam-se também grandes cidades. Mas onde quer que chegasse, era sempre bem recebido. O próprio Messing tentava sempre convencer o público de que no seu talento não havia nada de sobrenatural nem de místico, que era uma pessoa comum. Mas não creio que tenha conseguido convencer muitos. Uns consideravam-no um santo vivo, outros, pelo contrário, duvidavam das suas capacidades até se convencerem por si próprios. De um desses casos em Kishinev, entre as inúmeras atuações de Messing, recordou o jornalista A. Kazakov. Eis o que escreveu na revista «Sel'skaia Molodiozh» (1994, n.º 10):

«Ainda hoje não consigo esquecer o episódio que dissipou as minhas dúvidas.

Subiu ao palco um indivíduo do público, manifestamente cético em relação a tudo o que se passava — piscava o olho a alguém, troçava. Colocou-se num canto do palco; no canto oposto estava Messing, a quem a assistente vendou os olhos com uma fita preta larga e espessa. Depois pediu ao cético que escrevesse num papel a tarefa que pretendia dar a Volf Grigoriévitch, dobrou o papel quatro vezes e foi para a sua mesinha junto às bambolinas.

O maestro resmungou qualquer coisa e a mulher traduziu: «Pode começar». Por alguns segundos os participantes da sessão de telepatia pareceram imobilizar-se; depois Messing, sem tirar a venda, desceu rapidamente coxeando os degraus da escada que levava à plateia. O cético seguia-o, continuando a piscar o olho à sala.

Messing parou aproximadamente na fila 15 do balcão, depois enfiou-se pelo corredor e parou junto a um jovem robusto, pedindo-lhe que levantasse do chão e lhe desse a pasta. Este obedeceu, sorrindo atrapalhado. Quem dava as ordens mentais estava no corredor, a cerca de sete metros de Volf Grigoriévitch. De repente Messing, com a ajuda da «tradutora», anunciou à sala que não podia cumprir a tarefa recebida por via mental por... razões éticas.

O cético-transmissor de pensamentos abriu os braços e encolheu os ombros. Já não duvidava do truque. Da sala ouviram-se gritos: «Não consegue, hein?», «Cumpra a tarefa, nós aguentamos» e até: «Charlatanice!»

Messing hesitou ainda, depois abriu a pasta e começou a tirar de lá roupa de desporto suja. O dono acabara de vir do treino. Estava visivelmente perturbado — ao lado sentava-se a sua namorada e agora uma vergonha destas. Mas ainda não era tudo. E então Messing dirigiu-se à sala: «Dispensa-me de estragar coisas alheias!»

Pediram à assistente que lesse a tarefa. Terminava assim: «Tirar o fato de treino e rasgá-lo ao meio».

Pouparam o fato de treino, os céticos calaram-se.»

— Sou um artista? — perguntava muitas vezes Volf a Tatiana Lunguina, pateticamente. E respondia ele próprio: — Não, não sou. Um artista prepara-se para a atuação. Aprofunda o papel, estuda-o. Sabe exatamente o que vai fazer e dizer. Eu não faço nada até me encontrar com o público. Não tenho a mais pequena ideia de que temas serão discutidos, que tarefas os espetadores me porão, e por isso não posso preparar-me para as cumprir. Simplesmente tenho de sintonizar-me na onda psíquica necessária, que viaja à velocidade da luz.

Era realmente um paradoxo.

Os funcionários do Goskontsert poderiam ter escrito nos seus documentos sobre Volf Messing: «Ilusionista de primeira categoria. Vencimento — 180 rublos por atuação». Mas nunca o escreveram.

Das memórias de Volf Messing

Era-lhe difícil e estranho viver neste mundo novo para ele, nunca antes visto. Sobretudo se considerarmos que nele entrou completamente desprevenido, sem o empresário omnisciente que o acompanhava, sem sequer conhecer a língua. Messing pisou terra soviética juntamente com milhares de outros refugiados que procuravam salvação da invasão fascista. Eis como ele conta os seus primeiros dias nesta terra.

«Cheguei ao hotel Brest:

— Preciso de um quarto.

— Não há quartos livres.

— Pago três vezes mais do que o preço normal.

— Já lhe foi dito, cidadão, não há quartos livres!

A janela fechou-se com estrondo.

A primeira noite passei-a na sinagoga, no chão, entre outros refugiados. Com dificuldade encontrei um lugar livre.

Para onde ir? No dia seguinte alguém me deu uma ideia: fui ao departamento de artes do comité municipal. Receberam-me com cortesia, mas com reserva. Na União Soviética, combatendo as superstições, não eram bem vistos nem os adivinhos, nem os mágicos, nem os quiromantes. À mesma categoria de ocupações desincentivadas pertencia a telepatia. Quantas vezes isso me atrapalhou depois!

Tive de convencer. Tive de demonstrar as minhas capacidades mil vezes. Tive de provar que «não havia nenhum truque, engano ou fraude nisso. Mas sobre isso mais tarde».

E, finalmente, apareceu uma pessoa que acreditou em mim. Foi o responsável pelo departamento de artes, Piotr Andréievitch Abrassimov. Por sua conta e risco incluiu-me numa brigada de artistas que servia o distrito de Brest. A vida começou a entrar nos eixos.

Nestes primeiros dias houve muitos episódios divertidos causados pelo facto de Messing falar muito mal russo. O responsável pelo departamento de artes, por exemplo, elogia-o após uma atuação:

— Trabalhas de maneira fantástica!

— Sim, estou saudável... Nunca fico doente.

Noutra ocasião dizem-lhe:

— O secretário do CC vai recebê-lo.

— Não quero falar com o secretário. Que fale comigo o próprio CC.

No 1.º de Maio em Brest foi à manifestação com todos os outros. Foi um dia muito alegre na sua vida. Pouco depois enviaram-no para Minsk.

Aqui Messing encontrou-se com Panteleimon Kondrátievitch Ponomarenko — uma das figuras proeminentes do Estado soviético na

altura — e agradeceu ao destino o encontro com este homem, a quem devia muito.

Messing recorda também outro encontro importante.

«Estávamos em tournée por toda a Bielorrússia. E uma vez, quando atuava num dos palcos de clubes de Gomel, aproximaram-se de mim dois homens de boné regulamentar. Interrompendo a experiência, pediram desculpa à sala e levaram-me. Meteram-me num automóvel. Sentia que não tramavam nada de mal contra mim. Digo:

— No hotel tenho de pagar o quarto...

Riem-se:

— Não se preocupe, pagarão.

— Devia trazer a minha malinha.

— A malinha também não vai a lado nenhum.

De facto, reencontrei a mala na primeira noite que passei sem estar na estrada. E a administração não me enviou a conta — visivelmente alguém pagou por mim.

Chegámos — para onde, não sei. Mais tarde soube que era um hotel. E deixaram-me sozinho. Passado algum tempo levaram-me novamente para qualquer lado. E de novo um quarto desconhecido. Entra um homem de bigode. Cumprimenta. Reconheci-o imediatamente. Respondo:

— Olá. E eu carreguei-o ao colo.

— Como assim ao colo? — admirou-se Estaline.

— No Primeiro de Maio... Na manifestação.

A conversa foi variada.

Estaline interessava-se pela situação na Polónia, pelos meus encontros com Piłsudski e outros dirigentes da Rzeczpospolita. Indutor ele não foi.

Após uma conversa bastante longa, ao despedir-me, Estaline disse:

— Eh! E que espertalhão que você é, Messing.

— Não sou eu o espertalhão — respondi —, você é que é realmente um espertalhão!

Kalinin puxou-me discretamente pela manga.»

Com Estaline encontrou-se também mais tarde. Provavelmente por incumbência dele foram exaustivamente verificadas as capacidades de Messing. Houve, por exemplo, uma tarefa dessas:

levantar 100 000 rublos no Banco do Estado com um papel em branco. Esta experiência quase acabou em tragédia.

«Aproximei-me do caixa — recorda Messing —, entreguei-lhe uma folha arrancada de um caderno escolar. Abri a mala, coloquei-a no balcão junto à janela. O caixa idoso olhou para o papel. Abriu a gaveta. Contou 100 000. Para mim foi a repetição do caso com o revisor, quando obriguei a aceitar um papel por bilhete. Só que agora isso, na verdade, não me representava qualquer dificuldade.

Fechei a mala e afastei-me para o meio da sala. Aproximaram-se as testemunhas que deviam assinar o auto da experiência realizada. Quando esta formalidade terminou, com a mesma malinha voltei ao caixa. Ele olhou para mim, passou o olhar para a folha de caderno em branco que ele próprio pregara no espeto dos cheques anulados, para a mala de onde eu começara a tirar maços apertados e ainda selados de dinheiro. Depois, inesperadamente, recostou-se na cadeira e começou a gorgolejar. Enfarte! Felizmente depois recuperou.»

Outra tarefa consistia em entrar no gabinete de uma altíssima personalidade, rigorosamente guardado. Entrar, evidentemente, sem passe. Cumpriu também esta tarefa sem dificuldade. Sair da cela de isolamento na esquadra da polícia, de que Volf Grigoriévitch falou acima, foi muito mais difícil.

As histórias sobre estas experiências psicológicas bastante peculiares espalharam-se amplamente por Moscovo. E continuavam a sondá-lo, a testá-lo: consideravam-no «uma pessoa perigosa».

«Pode confiar-se em ti?» — pensavam frequentemente os meus interlocutores. E muitas vezes ainda pior: «Estás a mentir tudo... Só te percam de vista! Com tais capacidades, para não as usar em proveito próprio...

Finalmente as «verificações» acabaram. Visivelmente não sem intervenção da mais alta instância. Messing começou a trabalhar. As

primeiras tournées — em Odessa e Kharkov. Já começava a habituar-se, a habituar-se alegremente a um público completamente novo para ele. Em junho de 1941 foi para a Geórgia. Era domingo, 22 de junho. Na véspera, no sábado, fizera uma atuação que correra muito bem. No domingo de manhã foram de funicular. Mas Messing sentia-se o tempo todo estranhamente mal. O humor era horrivelmente mau. E eis que às doze horas, hora de Moscovo — o discurso de Molotov sobre o ataque das tropas alemãs.

Regressaram a Moscovo de comboio. As estações já estavam com blackout. Quase em todas — controlo de documentos.

Messing teve de constatar na própria pele a vigilância das patrulhas: uma aparência algo extravagante, o sotaque estrangeiro levaram a que várias vezes o tomassem por espião. Salvava-o o primeiro «empresário» soviético que viajava com ele, o escritor Viktor Fink.

Ao chegar a Moscovo, mal Messing ficou sozinho na rua — Fink fora diretamente da estação para casa —, prenderam-no mesmo. E poucos dias depois, quando perguntou como ir para certa rua, prenderam-no novamente.

Nestes dias pesados do início da guerra viveu minutos difíceis: sentiu-se interiormente supérfluo. Colocou-se-lhe a questão: o que podia ele, Messing, fazer para ajudar a sua segunda pátria na luta contra a peste fascista? Não ia ele próprio combater com a saúde que tinha... Restava a arte, o talento. Mas quem precisava, numa altura daquelas, de Volf Messing com as suas experiências psicológicas?

Acontece que não era assim. Evacuaram Messing para Novosibirsk. E lá queriam-no ver nos hospitais militares, e os operários das fábricas de defesa que passavam semanas sem sair das oficinas, e os combatentes das unidades em formação. Muitas vezes as salas enchiam-se de pessoas que vinham diretamente dos tornos. E saíam também para os tornos. Os combatentes por vezes seguravam as espingardas nas mãos. E ele fazia tudo o que podia para os inspirar a todos com a sua arte, dar-lhes uma carga de forças novas para o trabalho e a luta.

As suas poupanças pessoais Volf Messing doou-as à defesa do país, para a derrota mais rápida do fascismo. Assim procederam nessa altura muitas pessoas. Com esses meios construíram-se dois aviões que Messing

ofereceu aos pilotos militares, o primeiro em 1942, o segundo em 1944. Até aos últimos dias guardava um exemplar do jornal mural «Piloto do Báltico» de 22 de maio de 1944. Nele o Herói da União Soviética, piloto capitão K. Kovaliov, conta o encontro com Messing e como recebeu o avião...

Na máquina que lhe oferecera abateu 23 aviões inimigos e terminou felizmente os combates na Alemanha.

Conta Tatiana Lunguina

Passavam os anos... Eu orgulhava-me da amizade com Messing. Inesperadamente surgiu no horizonte uma nuvem de tempestade. Aida caiu vítima de cancro da mama. Novamente entrou na nossa vida o hospital e agora estávamos seriamente preocupados. Após a remoção da mama, Aida fez um curso intensivo de terapia.

Sem dúvida Messing previra o fim. Caiu em depressão e na família instalou-se uma tensão dolorosa.

Iraida Mikháilovna ocupava-se apenas da irmã doente, passava dias e noites junto à cama dela, cumpria as indicações dos médicos e de Messing. Os seus esforços foram recompensados: o tumor parou de progredir, pelo menos durante algum tempo.

Admirava sinceramente Aida. Como se agarrava à vida! Que força de vontade tinha! Que autocontrolo era preciso para, entre cursos de quimioterapia e radioterapia, acompanhar sempre o marido e assistir-lhe nas atuações! Durante uma viagem a Gorki sentiu-se muito pior e, acompanhada por uma enfermeira, regressou a casa num barco a vapor. Nem conseguia descer sozinha para terra e Volf levou-a ao colo. Durante a viagem era preciso fazer-lhe injeções constantemente para que chegasse viva a Moscovo.

Nessa altura Volf não a internou no hospital. Compreendia que tudo era inútil e sabia-o desde o início, quando em Tbilissi as dores ainda mal a incomodavam. Aida também sabia que ia morrer, mas nem então a abandonava o otimismo. Nos últimos dias tentava convencer Messing de que tudo correria bem.

Uma vez a doente recebeu a visita de Nikolai Blokhin e Iossif Kassirski. Blokhin era diretor do Instituto de Oncologia, brilhante cirurgião

que operara Aida; Kassirski, especialista em hematologia, era extremamente respeitado por Volf. Era início de junho, a época preferida de Aida. Os dois médicos sentaram-se junto à cama da doente, sentindo culpa por não a terem conseguido curar. Depois todos se mudaram para a cozinha. Ninguém queria ir-se embora. Não achávamos razoável deixar Volf naquele estado. Além de Aida e Iraida, não tinha mais ninguém. Volf não conseguia estar quieto e andava de um lado para o outro na cozinha minúscula. Finalmente Blokhin quebrou o silêncio pesado:

— Caro Volf Grigoriévitch, não deve afligir-se tanto. Sabe, mesmo em doentes em estado crítico há melhoras e vivem ainda muito tempo. Lembro-me...

Volf não o deixou terminar. Tremia, as mãos sacudiam-se-lhe, no rosto surgiram manchas vermelhas.

— Ouça — quase gritou —, eu não sou criança! Sou Messing! Não diga disparates. Ela não vai melhorar. Vai morrer. — Um minuto ficou calado e depois disse já calmamente: — Vai morrer a dois de agosto às sete da tarde.

Como eu desejava que dessa vez a profecia de Volf não se cumprisse! Fosse como fosse, não foi possível guardar em segredo o que aconteceu. Os médicos presentes contaram tudo aos colegas e o prognóstico sombrio espalhou-se pelos círculos médicos e científicos. Ninguém desejava a morte a Aida, mas todos aguardavam com uma certa curiosidade lúgubre a hora marcada. A dois de agosto recebi um convite dos Messing. Aida estava consciente, Messing chorava em silêncio. Ao cair da tarde começou a falar de forma mais descontraída e clara, pedia-me frequentemente qualquer coisa, às seis e meia pediu um copo de água e foi esse o seu último pedido. Às sete horas morreu.

Após o funeral Messing caiu em depressão. A situação parecia especialmente trágica porque no palco ele era forte e todo-poderoso, podia dar ordens aos outros com um simples esforço de vontade, mas não conseguia dominar as próprias emoções. Nesse estado permaneceu nove meses.

Quase todo esse tempo após a morte da mulher ninguém tentou sequer falar-lhe de atuações.

A cunhada de Volf assumiu os afazeres domésticos. Tentava fazer tudo o que estava ao seu alcance para trazer Volf de volta à vida. Aproximadamente seis meses depois Iraida levantou o assunto. Volf fez uma careta.

— Não posso! Não posso! Não sinto nada! — respondeu quase a chorar.

Apesar da relutância dele, Iraida e eu voltávamos regularmente ao tema. Conseguimos reavivar nele o sexto sentido. Passados mais três meses as nossas conversas surtiram efeito — o próprio Volf começou a falar em regressar ao trabalho. Durante esses meses eu não notara em Volf quaisquer capacidades telepáticas. Parecia que com a morte da mulher desaparecera também a sua força. Contudo a sua força psíquica era um dom da natureza e não resultado de treinos intensos e por isso apenas estava temporariamente deprimida.

Quando Volf finalmente regressou ao trabalho surgiu outro problema: quem substituiria Aida? Volf e Iraida propuseram-me essa missão. Mas eu estava absorvida pela minha atividade de repórter e, além disso, o destino oferecera-me mais um filho: quando estive em serviço num lar de crianças em Baku, um rapaz pediu-me que o adotasse. Assim ganhei um segundo filho, mais velho, Vladimir. Após a minha recusa Volf pensou numa velha amiga — Valentina Iossifovna Ivànovskaia. Era a pessoa ideal para o papel: tinha nervos de aço e boa dicção. Assim, enquanto Iraida preparava Valentina, Volf recuperava a forma. Passado um ano estava pronto para aparecer perante o público no seu pleno esplendor.

Estes acontecimentos desenrolavam-se no momento em que eu recuperava a saúde em Sóchi. Pouco antes do regresso de Messing ao palco fui submetida a irradiação com urânio nas montanhas Tian-Chan. Os hematologistas aconselharam-me a fazer um tratamento num resort do Cáucaso. Não falei da minha doença, também nada disse a Messing. Era o verão das mulheres. Estava sentada num outeiro à beira-mar, sem pensar em nada, quando de repente ouvi uma voz melodiosa:

— Volf Grigoriévitch, venha para aqui — disse uma mulher —, está sol.

Esse nome não podia pertencer a mais ninguém. Virei-me e vi Volf a sair do hotel. Ficámos contentes por nos vermos. Apresentou-me a nova

diretora. Valentina fazia o mesmo que Aida — apresentava Volf, explicava a essência das experiências, dava comentários. Mas as suas funções eram muito mais amplas. Ocupava-se das negociações, combinava viagens, reservava quartos de hotel, cozinhava para Volf se não iam ao restaurante local. Em Sóchi Messing deu dois espetáculos. Uma vez, durante um passeio, perguntei-lhe se tencionava regressar a Moscovo.

— Não — respondeu laconicamente.

Mais tarde compreendi a razão. A cunhada criara em casa uma atmosfera tensa, convencendo Volf a dedicar todo o seu tempo livre à sepultura de Aida, a visitar diariamente o cemitério, como ela própria fazia. Tudo isso desequilibrava Volf. Aqui, em Sóchi, estava longe dessa tragédia, desejava ver o mundo luminoso, pois durante demasiado tempo se privara disso.

Chegou a hora de falar séria e demoradamente sobre o fenómeno Messing e sobre o que constitui a base das suas capacidades únicas, qual a sua explicação científica. Para isso, porém, teremos de voltar novamente às memórias de Messing pouco antes do fim da guerra com os fascistas.

Das memórias de Volf Messing

«Em 1944, após um espetáculo em Novosibirsk, aproximou-se de mim nos bastidores uma mulher jovem, um pouco gordinha, de cabelo curto, que com voz suave e agradável disse: “Acho que a introdução antes das suas experiências psicológicas devia ser diferente”. Fiquei intrigado com a sua franqueza. “Bem — disse eu —, pode tentar você mesma, se achar que consegue. O próximo espetáculo é daqui a dois dias.

Consegue preparar-se?”

“Acho que sim”, respondeu a desconhecida. Encontrei-me com ela na véspera do espetáculo seguinte. Gostei do seu discurso, lacónico e contido; decididamente aquela mulher era muito culta. “Tem um vestido comprido para atuar? — perguntei. — Algo como de baile?” Pensei que, se quisesse trabalhar comigo, aceitaria tudo o que eu dissesse. Mas respondeu orgulhosa e independente: “Não tenho nada disso, mas tenho a certeza de que para experiências psicológicas não é preciso. Não é um programa de teatro, por isso um fato escuro e severo é mais adequado”. Assim conheci

pela primeira vez a mulher que mais tarde se tornaria minha esposa, amiga e assistente.

Nos anos do pós-guerra também viajei muito pelo país. Nessas viagens conheci uma enorme quantidade de pessoas. Os amigos significavam para mim extraordinariamente muito, pois, infelizmente, tinha também inimigos invejosos, mas ainda assim os amigos eram consideravelmente mais. Também não me podia queixar do público. Não recordo um único concerto em que não tivessem sido vendidos todos os bilhetes até ao último. A imprensa também se interessava pelo meu trabalho. Sublinho constantemente que capacidades semelhantes pode qualquer pessoa desenvolver em maior ou menor grau.

Para mim é importante fazer compreender que aqui não há nada de sobrenatural. Quem se relacionava comigo, digamos assim, com reserva, eram os cientistas. Não é que fossem contra a telepatia. Pelo contrário, participavam ativamente nas minhas experiências tanto como espetadores como participantes. Mas olhavam com suspeita para tudo o que estivesse para além dos limites da sua compreensão e tentavam sempre encontrar uma explicação racional para as minhas capacidades.»

Preocupado com essa atitude para com Volf Messing, o departamento de teatros do Ministério da Cultura dirigiu-se em 1950 ao Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS com o pedido de fornecer uma fundamentação científica do seu talento. Não era de admirar, pois tudo o que não pudesse ser explicado do ponto de vista do materialismo então dominante na ciência era rejeitado. O departamento de teatros recebeu o texto correspondente, que se devia ler antes dos concertos.

Fora escrito pelo psicólogo M. G. Iarochevski.

Como se sabe, os cientistas que estudavam o fenómeno da parapsicologia não gozavam de popularidade na era estalinista. O seu patrocínio pessoal a Messing, de que já falámos, era antes a exceção que confirmava a regra. Assim continuou até 1953. Sobre a dificuldade com que a parapsicologia abria caminho na ciência, as intervenções dos defensores e opositores que isso acompanhavam, falaremos mais adiante.

Uma contribuição para o desenvolvimento da ciência parapsicológica deu o professor L. L. Vassíliev. Embora o próprio Volf Messing nunca tenha sido submetido a testes em laboratórios soviéticos, em meados dos

anos cinquenta realizaram-se outras experiências ligadas às capacidades misteriosas do homem. Vassíliev utilizou os resultados de uma experiência sensacional realizada nos Estados Unidos, cuja essência consistia na ligação telepática entre a tripulação do submarino nuclear «Nautilus» e os colaboradores da base naval, para fundamentação teórica das investigações oficiais soviéticas de parapsicologia.

A Vassíliev também conseguiu lançar uma ponte do entusiasmo popular por este fenómeno ao materialismo marxista.

Aqui é oportuno citar integralmente um excerto do livro de Leonid Vassíliev «Sugestão à Distância» (Moscovo, 1962), no qual se revelam com suficiente pormenor as abordagens à explicação de um fenómeno como a telepatia — transmissão do pensamento à distância. As conclusões de Vassíliev baseiam-se na experiência pessoal de muitos anos e no estudo cuidadoso de numerosos dados literários.

Do livro de L. Vassíliev

«Sugestão à Distância»

Oitenta e cinco anos de investigação experimental revelaram-se um prazo insuficiente para o reconhecimento geral da sugestão à distância como facto cientificamente estabelecido. Alguns autores consideram que, se em tão longo prazo isso não aconteceu, significa que esforços ulteriores são desnecessários — a sugestão à distância não existe. Tal conclusão é, claro, infundada: as questões de psicologia resolvem-se muito lentamente. Foi preciso um século inteiro (do fim do século XVIII ao fim do XIX) para convencer o mundo científico da existência real da sugestão verbal e do sono hipnótico — fenómenos mais comuns e mais fáceis de provocar do que a sugestão à distância.

Os casos de telepatia espontânea parecem muitas vezes mais contos de terror de escritores de ficção científica do que material factual comum de um cientista; naturalmente isso repele, parece pouco sério. Na realidade os casos de telepatia espontânea são frequentemente certificados por documentos de arquivo e depoimentos de testemunhas vivas não pior do que factos históricos e dados de inquérito judicial... Casos desse tipo devem ser registados com exatidão e investigados cuidadosamente, tendo em conta tudo o que possa certificar ou, pelo contrário, refutar a sua autenticidade.

Estes materiais adquirirão grande valor se for possível estabelecer de forma irrefutável a realidade da sugestão à distância pelo método experimental.

O maior valor comprovativo, têm, sem dúvida, os métodos quantitativos modernos de comprovação da sugestão à distância. Atualmente investigadores de muitos países acumularam um vasto e metodologicamente fiável material factual que, na minha opinião, se ainda não resolve definitivamente a questão, pelo menos torna altamente provável a sua resolução positiva. É preciso trabalhar bastante em experiências para se convencer da existência da sugestão à distância. Pessoalmente convenci-me disso.

Considero correto distinguir duas variedades de sugestão à distância: na primeira o papel ativo cabe ao indutor, na segunda ao percipiente; esta última alguns autores denominam leitura de pensamentos em oposição à transmissão de pensamentos.

Quanto ao carácter da ligação telepática, existem duas opiniões: uns autores atribuem grande importância à sintonização psicológica entre indutor e percipiente; outros consideram que um bom percipiente é capaz de captar sugestões não verbais de diferentes indutores, tanto conhecidos como desconhecidos. Os nossos dados experimentais confirmam a primeira opinião: a boa escolha de «pares telepáticos» aumenta o sucesso das experiências.

Chegámos também à conclusão de que entre indutor e percipiente se estabelece não uma ligação unidirecional, mas bidirecional: por um lado o indutor deve dirigir a sugestão a um percipiente previamente conhecido; por outro o percipiente reconhece, pela sugestão que recebe, quem está exatamente a desempenhar o papel de indutor. Obtém-se algo semelhante a uma retroalimentação, à qual os fisiologistas e os ciberneticistas atribuem tanta importância.

Há hipnotizadores mais ou menos «fortes» e há hipnotizáveis mais ou menos suscetíveis. Do mesmo modo existem indutores dotados e percipientes dotados. Nestes últimos, segundo os nossos dados, observa-se alguma especialização: uns percecionam melhor imagens sugeridas sem palavras, outros movimentos e ações, terceiros o sono e o acordar sugeridos sem palavras. As características psicológicas e tipológicas dos indutores e

dos percipientes diferem acentuadamente, o que não impede, antes facilita, o estabelecimento da ligação telepática. Nos bons indutores regista-se uma capacidade elevada de provocar voluntariamente em si mesmos imagens vívidas e estáveis — visuais, motoras, etc. Nos percipientes dotados parece característico um enfraquecimento, uma maior suscetibilidade da chamada «censura» — isso facilita a passagem do subconsciente para o consciente. Cria-se a impressão de que a dotação telepática é antes uma propriedade inata do que adquirida ao longo da vida. Contudo há dados experimentais que indicam a possibilidade de exercitar as capacidades de perceção e indução telepáticas.

A sugestão não verbal não é exclusiva do género humano. Em formas primitivas diversas, a comunicação a grandes distâncias com ou sem mediação dos órgãos dos sentidos é própria de alguns animais — tanto vertebrados como invertebrados. Isso acontece quando tal comunicação é vitalmente necessária ou pelo menos útil. Mas nos animais realiza-se mediante a transmissão de uma ou outra energia física — ondas eletromagnéticas de diferentes comprimentos, raios infravermelhos ou talvez outros fatores energéticos ainda desconhecidos. Quanto à questão de se a sugestão à distância é uma propriedade progressiva do género humano ou, pelo contrário, uma propriedade regressiva que renasce em certos indivíduos como atavismo, exprimem-se juízos diferentes. Apresentamos uma série de argumentos a favor da segunda solução desta questão.

O mais importante atualmente é a questão da natureza do fator que transmite a sugestão à distância. Para um materialista esse fator só pode ser energético. A hipótese eletromagnética, avançada há 70 anos, até hoje permanece experimentalmente não comprovada. Caberia esperar que um blindagem metálica fiável do indutor ou do percipiente cessasse a manifestação da sugestão à distância se esta fosse transmitida por ondas eletromagnéticas curtas ou médias, ou a enfraquecesse se o transmissor fossem ondas longas. As nossas investigações cuidadosas e prolongadas, realizadas sob controlo de físicos autorizados, não mostraram nem uma coisa nem outra. Isso põe em dúvida a hipótese eletromagnética.

Muito importantes são as experiências de transmissão de sugestão mental a distâncias superlongas (centenas e milhares de quilómetros). Se a transmissão se realiza por algum fator energético, a eficácia dessas experiências deveria diminuir proporcionalmente ao quadrado da distância

entre indutor e percipiente, ou seja, diminuir de forma muito notória. Contudo nem nós nem a maioria dos investigadores estrangeiros conseguimos estabelecer experimentalmente tal diminuição dos resultados com o aumento da distância. Isso pode significar ou que o fator transmissor da sugestão não tem natureza energética mas alguma outra completamente diferente (o que para um materialista é inaceitável), ou que a transmissão da informação telepática se realiza segundo as leis dos sistemas cibernéticos.

Em particular, juntamente com o cibernético B. Goffman pode supor-se que o cérebro possui estruturas ou propriedades funcionais que mascaram a ação da lei dos quadrados inversos. Dispositivos semelhantes são usados na radiotécnica (controlo automático do volume de informação). No organismo o papel de tal dispositivo poderia ser desempenhado, por exemplo, pela conhecida lei fisiológica do «tudo ou nada» — equalização das respostas fisiológicas a estímulos fortes e fracos.

Muito mais pode dar à ciência o derrube definitivo da hipótese eletromagnética da sugestão à distância. Então, naturalmente, colocar-se-á a questão da produção pela matéria mais altamente organizada — a matéria do cérebro — de um fator ainda desconhecido, presumivelmente energético pela sua natureza. Já agora podemos indicar duas das suas propriedades características: propagação a grandes distâncias e penetração através de quaisquer obstáculos.

Propriedades semelhantes possuem os fluxos de partículas de neutrinos e a gravitação universal, mas nada indica que esses fatores tenham alguma relação com o trabalho do cérebro. Significa que é preciso procurar algo diferente, novo. Na história da ciência já aconteceu mais de uma vez que o estabelecimento de novos factos, inexplicáveis pelo que se conhece, levasse à descoberta de lados imprevistos do ser.

Conta Tatiana Lunguina

O apelo para experimentar e controlar as investigações parapsicológicas nos laboratórios psicológicos soviéticos não teve, contudo, êxito. Os interesses militares, e do KGB em particular, nesta área eram demasiado grandes para permitirem que investigações tão delicadas da «psique humana» passassem diretamente para as mãos dos cientistas. Em 1965 a secção de biónica da Sociedade Científico-Técnica de

Radioengenharia, Eletrónica e Comunicações A. S. Popov iniciou o estudo da telepatia, dando a este fenómeno o nome de «comunicação biológica». Sob a égide desta secção foi criado um laboratório de bioinformação que funcionou vários anos e investigou fenómenos semelhantes ao de Messing. Mas depois de em 1967 Iúri Andropov ter passado a chefe do KGB, o controlo sobre as investigações parapsicológicas tornou-se mais rigoroso e os experimentos nesta área foram classificados. O laboratório de bioinformação foi reorganizado e renomeado laboratório de bioeletrónica; todos os trabalhos eram realizados em segredo absoluto.

Durante muitos anos tentei encontrar uma explicação racional para a telepatia. Na imprensa avançaram-se algumas hipóteses, mas foram imediatamente recebidas à baioneta pelos círculos científicos. O mais feroz «desmascarador» foi o professor Aleksandr Kitaigorodski. Ele e os seus colegas céticos não conseguiam encontrar uma explicação científica para este sexto sentido, para o fenómeno parapsicológico. E avançaram a teoria de que a força de Messing era absolutamente racional na sua essência, recorrendo aos trabalhos do fisiologista Ivan Pávlov para encontrar provas disso.

Para representar mais claramente a posição de Kitaigorodski, considero necessário citar aqui um excerto do seu artigo «Telepatia — com certeza!», publicado na «Literatúrnaia Gazeta» (19 de outubro de 1983).

Do artigo de A. Kitaigorodski

Alguma vez pensaram na diferença entre milagres e truques? Os ilusionistas mostram no circo e no palco números cujos segredos nem a pessoa mais inteligente descobre. Pelo menos eu não consigo explicar como um mágico tira de uma caixa vazia uns quarenta metros de fita colorida, cinco pombos e vários baldes de água. Lembro-me de ter passado dias a quebrar a cabeça, sem sucesso, sobre como, por ordem de Kio (o velho), a carta de baralho pensada saía sozinha, sem ajuda de ninguém, do copo onde estava o baralho.

Há truques cujo segredo conheço. Por exemplo, como fazer uma corda ficar tão rígida que se possa subir por ela como por um poste. Mas a esmagadora maioria dos truques é-me absolutamente incompreensível. Tal é o milagre da libertação do famoso ilusionista americano Harry Houdini. Enrolado em correntes fechadas com vários cadeados, metiam-no num baú

também fechado com vários cadeados... Após todas essas operações o baú era atirado ao Tamisa. O ilusionista emergia e libertava-se das correntes.

Pois bem, esses milagres para o espetador não são milagres. São truques. São destreza de mãos, e nada de fraude. Mas quando, por exemplo, Volf Messing encontrava um objeto escondido na mala de uma senhora sentada na terceira fila do balcão... E não o encontrava sozinho, mas com a ajuda do chamado «indutor», ou seja, um ajudante que lhe «transmitia os pensamentos»... E não à distância, mas mesmo ao lado, permitindo ainda que Messing lhe pegasse na mão... Eis esse truque simples e há muito explicado que o espetador «médio» proclama milagre.

Aliás, no espírito da época, a esses milagres hoje dão-se nomes pseudocientíficos: telepatia, clarividência, telecinese, etc. E tudo junto chama-se «parapsicologia».

A artista da Filarmónica de Volgogrado, Guerta Oniskevitch, propôs-se mostrar que o género ilusionista, ou seja, números que todos viram no circo, e a parapsicologia são parentes próximos. Demonstra tudo o que fazem os sacerdotes da parapsicologia, mostra que as suas ações se resumem, na verdade, a truques.

Aprender a trabalhar limpo no género ilusionista «parapsicológico» é muito difícil. É preciso gastar meses e anos nisso. É uma arte e, como a qualquer arte, devemos tratá-la com todo o respeito. Mas mostrar e provar que é prejudicial e desonesto fazer passar a arte por ações místicas, que é inadmissível afirmar a existência de super-homens que possuem «dom de Deus» do qual o homem «médio» está privado, considero uma tarefa muito importante, de modo algum menos importante do que a luta contra a religião.

«Agora vou cortar a mão com um canivete... — diz a artista. Notando que o espetador chamado ao palco se assustou ao ver a faca, Oniskevitch tranquiliza-o, limpa-lhe a mão com algodão e... corta! Todos vemos o corte, mas pronunciam-se palavras «mágicas» — a ferida desaparece.

Naturalmente nem magia nem «dom de Deus» têm aqui qualquer papel. Aqui trabalha a química...

(Curiosamente, numa das nossas conversas perguntei a G. Oniskevitch se era complicado demonstrar o «milagre filipino». Respondeu quase

exatamente como o ilusionista Akopian (ver «LG», 1983, n.º 34): «Se for preciso, comprometo-me a preparar tal ilusão em três dias...»)

Seguem-se números «telepáticos».

Telepatia — transmissão de pensamentos à distância — é, no meu profundo convencimento, pura «renixa» (ou seja, disparate — ver A. P. Tchékhov, «Três Irmãs»). Mas um artista hábil pode aprender a montar números que pela maioria dos espetadores serão percebidos como transmissão de «ondas biológicas» de um cérebro para outro.

O número seguinte — transmissão de informação sem qualquer código verbal ou de entoação.

O ajudante (com G. Oniskevitch trabalha o autor e apresentador dos seus programas, Guennádi Vasko) propõe a alguém do público que se torne «extrassensorial». Acompanhado dessa pessoa vai para a plateia e pede ao «extrassensorial» que anote num bloco quaisquer perguntas que os espetadores lhe façam ao ouvido. Depois o apresentador fica na plateia e o novo telepata vai para o palco, coloca-se de frente para a artista. Pedem-lhe que dite mentalmente as perguntas que anotou no seu bloco. G. Oniskevitch repete sem erro o que foi escrito.

Nem eu próprio sei como neste caso se transmite a informação. Ou os músculos faciais do «extrassensorial» se movem de tal forma que G. Oniskevitch lê os seus pensamentos, ou o ajudante que ficou na plateia, com movimentos dos ombros, das mãos, dá à artista a possibilidade de saber previamente o que está escrito no bloco. Mais provavelmente é verdadeira a última suposição.

O segundo truque da «telepatia» é a ideomotricidade.

Tentarei explicar com o exemplo do trabalho de Messing, um homem que era sem dúvida talentoso, mas que, para atrair o público, dava ao seu ofício uma explicação mística e, além disso, mentia muito...

Do público chamava-se um espetador. Atribuía-se-lhe um «indutor».

Ao indutor propunha-se que pegasse na mão de Messing (atenção: não era Messing que pegava na mão do indutor, era o indutor que pegava na de Messing). Ao indutor encarregava-se de cumprir uma tarefa qualquer de que Messing não sabia. Devia ditar mentalmente a Messing: «Desça do palco, vá até à quinta fila, aproxime-se daquela senhora, abra a mala, tire o

lenço» ou algo do género. Ao mesmo tempo acompanhava Messing até ao objetivo. Se a pessoa dita insistentemente mentalmente, surge-lhe um tremor muscular involuntário e quase imperceptível (pelo menos em nove pessoas em cada dez). É isso a ideomotricidade.

Messing propunha que lhe vendassem os olhos — o número saía. Eu uma vez propus que vendassem os olhos ao indutor.

Messing recusou a proposta.

Era-lhe claro que nada resultaria, pois o indutor não saberia onde era a quinta fila, onde estava a senhora pensada...

Truques semelhantes podem fazer-se mesmo quando o indutor não segura o adivinhador pela mão. Se for ao lado, a chave para a solução da tarefa dá-a a maneira de andar, a respiração do indutor...

O biofísico Mikhail Bongard (já falecido) gastou meio ano para dominar a técnica da ideomotricidade e executava tarefas semelhantes não pior do que Messing.

G. Oniskevitch domina a perceção ideomotora na perfeição. Na mesa colocam-se diferentes objetos. Um dos espetadores (que sabe qual o objeto pensado) pega na mão da artista e passa-a lentamente por cima da mesa sem tocar nos objetos. A artista adivinha sem erro o objeto.

Ela demonstra convincentemente que o domínio da técnica ideomotora não é uma propriedade exclusiva, mas antes uma capacidade natural.

Voltemos à época em que todas as noites as atuações de Volf Messing eram acompanhadas por Aida, que lia perante o público o texto redigido por Iarochevski. Não sei como a plateia recebia esse apelo, mas considero necessário citá-lo integralmente.

«As experiências psicológicas que vão observar são a confirmação do facto de Volf Messing possuir uma força especial. Ele é capaz de cumprir qualquer ordem — exata e sem erro — que lhe seja transmitida mentalmente por um espetador. À primeira vista esta capacidade parece sobrenatural. Mas na essência não ultrapassa os limites do racional.

Este fenómeno pode ser explicado do ponto de vista dos cânones da ciência tradicional. Para que compreendam a natureza de tal dom, explicarei brevemente a base deste fenómeno.

O cérebro é um órgão mental (pensante — Nota do Editor). O mecanismo do seu funcionamento e das suas funções foi explicado pelos cientistas russos I. M. Setchénov e I. P. Pávlov. No final do século passado Setchénov descreveu os princípios básicos da atividade reflexa do cérebro e Pávlov desenvolveu mais tarde as suas teorias. Pávlov demonstrou que todos os processos e sensações mentais — sentimentos, pensamentos — se baseiam na descarga de neurónios do cérebro.

Refletindo o impulso recebido do mundo exterior, o cérebro regula todos os processos fisiológicos que dão origem à vida biológica. Quando uma pessoa pensa em alguma coisa, as células do cérebro transmitem instantaneamente impulsos ao resto do corpo. Por exemplo, se uma pessoa pensa em pegar num objeto com a mão, o cérebro transforma esse pensamento num impulso que controla os músculos da mão. Esse impulso é fraco, mas existe.

Podem convencer-se disso realizando uma experiência simples. Tomem um fio e prendam-lhe um peso de forma a obter um pêndulo. Depois comecem a pensar num movimento qualquer, por exemplo pensem que o pêndulo gira no sentido dos ponteiros do relógio. Quanto mais se concentrarem nesse pensamento, mais sensivelmente o peso girará exatamente assim. Este fenómeno explica-se facilmente: o setor do cérebro responsável pelos pensamentos humanos está diretamente ligado ao setor que regula as funções motoras.

Em resumo, o pensamento está ligado à ação. Basta a um ciclista imaginar vivamente que há um obstáculo no seu caminho para fazer inconscientemente um movimento que confirme os seus receios. Ao passar por uma ponte estreita, imaginam que podem cair e o vosso equilíbrio altera-se. Como se vê pelos exemplos citados, os vossos pensamentos influenciam de uma ou outra forma a vossa atividade motora. Os cientistas chamam a isso atividade ideomotora.

Investigações posteriores — por exemplo de K. M. Bykov e outros — examinaram este processo mais detalhadamente. Os nossos pensamentos não só provocam impulsos musculares involuntários, mas influenciam

também a circulação sanguínea, o sistema nervoso central e assim por diante.»

Recentemente foram realizados experimentos em que foram utilizados instrumentos de alta sensibilidade, que registam correntes que excitam os músculos como resultado da ação de um determinado pensamento. Descobriu-se que, se uma pessoa fechar os olhos e pensar em algum objeto alto — uma torre, por exemplo —, as suas pupilas tornam-se como se estivesse realmente a olhar para cima.

Se colocarmos elétrodos na língua e na garganta de uma pessoa, ligados a um galvanómetro sensível, serão registados impulsos fracos, como se estivesse a pronunciar os seus pensamentos. Estes experimentos científicos provam que o corpo reage a sinais fracos do cérebro e que estes impulsos podem ser detetados.

As nossas sensações baseiam-se nos cinco órgãos dos sentidos. Para que uma sensação seja registada pelo cérebro, a sua intensidade deve atingir um determinado valor. Por exemplo, normalmente não se nota o tique-taque de um relógio, mas se o aproximarmos do ouvido, ouvimo-lo. A sensibilidade dos órgãos dos sentidos pode variar, e algumas pessoas possuem um grau fenomenalmente elevado de sensibilidade.

Muitos de vós sabem da maior sensibilidade dos cegos e dos surdos. Devido ao facto de não poderem usar um ou outro órgão dos sentidos, os restantes sentidos aguçam-se. Ao passarem por uma rua conhecida, determinam a localização pelo cheiro ou sentem a aproximação de uma pessoa ou de um veículo pela mais fraca vibração. Tal acuidade sensorial pode ser desenvolvida com treino.

O que vereis hoje pode ser explicado com base nestas teorias...

Este monólogo Aida terminava com uma pausa significativa. Quão correta é esta explicação? Não penso que os processos que estavam na base do talento de Messing fossem compreendidos pela própria Aida, embora ela tivesse observado os seus experimentos durante vinte anos.

Infelizmente, o auge da carreira de Messing coincidiu com o período do governo de Estaline. Após a sua morte, muitas ciências renasceram. Se o florescimento da criatividade de Messing tivesse ocorrido duas décadas mais tarde, quem sabe que descobertas teriam sido feitas. Pelo menos, o seu

talento seria respeitado, ao passo que nos anos estalinistas o maior parapsicólogo russo foi rebaixado ao papel de ilusionista, forçado a ganhar a vida.

Das memórias de Wolf Messing

TELEPATIA

...O autocarro amassa a lama,
O autocarro da filarmónica corre pelas poças.
Para um concerto com os mineiros
Viaja Wolf Messing.
Provavelmente, sem Messing
eles não podem viver...
Nuvens sobre a estrada
deitaram-se, pairam.
Viaja Wolf Messing,
Radiante de tranquilidade.
Os pensamentos subterrâneos,
Subjacentes dos mineiros
Começará ele, como sementes,
a estalar agora...
Que ele sopre em todos do palco com milagre!
Adivinhará pensamentos — não lhe é tudo o mesmo,
Mas que não diga em voz alta —
Sobre o que os mineiros pensam,
Porque na sala há muitas mulheres...
E eu com todos juntos
fico mudo perante os milagres.
Ah! Oh!
Não acredito nos meus olhos...

Este poema, que Messing cita nas suas memórias (citámos apenas uma parte), foi escrito pelo jovem Robert Rozhdestvensky. Ele mostrou nele Messing-o-telepata.

O amigo de Messing, o escritor Mikhail Vasilyev, divulgador científico, perguntou-lhe muitas vezes: «Diga-me, Wolf Grigoryevich, como é que isso lhe acontece? Como é que o faz?»

E eis o que ele escreve sobre isso.

«Eu sabia que o que o atormentava não era uma curiosidade ociosa, que ele precisava de saber a resposta a essa pergunta. Afinal, ele estava então a reunir materiais para o último volume da sua série de livros «O Homem e o Universo». Esse volume chamava-se «O Homem a sós consigo mesmo». Mas o que poderia eu responder à sua pergunta? Essencialmente nada.

Porque eu próprio não compreendo como isso se faz.

Só não pensem, por favor, que quero apresentar as minhas capacidades nesta área como algo incognoscível, sobrenatural, misterioso.

Nelas não há nada de sobrenatural nem de incognoscível. Pelo menos não mais do que em quaisquer outras capacidades humanas.

Dou um exemplo simples. Imaginai que vos encontrais num país de cegos. Bem, digamos, naquele que Herbert Wells desenhou num dos seus contos, ou naquele em que Maurice Maeterlinck transferiu a ação de uma pequena peça.

Assim, neste mundo de cegos, onde nem suspeitam do que é a visão, vós sois o único que vê. E um cego e meticuloso escritor científico, a quem isso é realmente necessário para o seu trabalho, interroga-vos insistentemente:

— Será que podem ver objetos afastados de vós dezenas, centenas e milhares de metros? Incrível! Bem, contem, como é que isso vos acontece? Como é que o fazem!

Agora desviai-vos destas páginas. Fechai os olhos. Abri-os. E tentai explicar a esse meticuloso escritor como é que conseguis ver.

Eis em que posição me encontrei perante a pergunta do meu amigo.

Mas vós, no exemplo que dei, estareis ainda em melhor posição do que eu. Podereis explicar a essência física dos raios visíveis, contar como funciona o olho com a sua lente — o cristalino — e o fundo sobre o qual se projeta a imagem, falar dos terminais nervosos — bastonetes e cones —, que percecionam a diferença na intensidade da iluminação e no comprimento de onda. Ou seja, podereis transmitir tudo o que várias gerações de cientistas, com base em milhares de experiências no nosso

mundo de videntes, estabeleceram como verdade objetiva. Bem, e se fôsseis natural desse país de cegos, onde nenhuma experiência científica na área da visão foi realizada, não conseguiríeis explicar nada. E encontrar-vos-íeis exatamente na posição em que me encontrei eu.»

A Messing dirigiam igualmente outra pergunta:

— Ensine-nos, Wolf Grigoryevich!

Ele costumava apenas encolher os ombros. Evidentemente, desenvolver esta capacidade, como qualquer outra, digamos, a capacidade para a pintura, é possível. Não é em vão que existem as mais diversas escolas artísticas. Mas se uma pessoa não tem talento de pintor, não pintará grandes quadros, por mais que a ensinem.

«Lembro-me de inúmeros encontros — continua Messing — com os mais diversos telepatas — desde aqueles que realmente em maior ou menor grau podiam percecionar sentimento, imagem, pensamento, até aos habilidosos ou desajeitados vigaristas, que fingiam possuir a capacidade de perceção telepática. Aliás, demonstrar «leitura de pensamentos», tendo um ou dois habilidosos ajudantes e um pouco de treino, não custa nada. Mais de uma vez me aconteceu ver tal espetáculo — continua Messing. — No palco saem dois, digamos, um homem e uma mulher. O homem ata firmemente os olhos com um lenço preto. Delegados do público sobem ao palco e verificam: sim, a venda é tal que é impossível ver algo através dela. Então a mulher desce para a plateia. O espetáculo começa.

A mulher para perto da oitava fila. Na cadeira da extremidade senta-se um coronel com quatro fileiras de fitas de ordens e a Estrela de Ouro de Herói da União Soviética no peito. Rosto voluntarioso e curtido pelo vento. Nos olhos — vivo interesse pelo que acontece. A mulher pergunta distintamente, para que toda a sala ouça:

— Quem está ao meu lado?

O homem no palco responde também em voz alta:

— Militar...

— Especifique... Pense...

Mas o homem já não precisa de pensar:

— Coronel...

— Ramo das forças? Mais rápido!..

— Infantaria.

— Mais preciso?

— Infantaria da guarda.

— A que toquei?

— Barras de ordens.

— Mais claro!

— Fita que significa que o coronel foi agraciado com a ordem da Bandeira Vermelha...

— Quantas ordens dessas tem ele? Responda não imediatamente. Conte...

— Quatro.

— Correto. E agora, ao lado de quem estou?

E assim por diante. Este diálogo pode durar quase indefinidamente. Eu olho para tal sessão de «leitura de pensamentos» com sentimento duplo. Por um lado, dá-me prazer, como a todos na sala, a arte, o treino do «telepata» e da sua ajudante. Exatamente da mesma forma observo sempre com o maior prazer a arte manipuladora de um bom ilusionista — como Diko Chitashvili. Mas irrita-me que estas pessoas muito habilidosas não tenham aquela honestidade de princípio de que Diko Chitashvili possui em pleno. Ao apanhar aos olhos dos espetadores espantados diretamente do ar nove cigarros já acesos seguidos, ele não afirma que foram fabricados de fluidos solares. Pelo contrário, está pronto a informar-vos a qualquer momento do endereço do quiosque de tabaco mais próximo, onde os comprou.

Diko faz magnificamente truques — e não o esconde. Ele demonstra a sua arte de manipulador, arte acessível a poucos. Ele está mesmo pronto a revelar-vos os seus segredos — vós de qualquer modo não conseguireis repetir os seus truques sem treino prévio. Bem, tentai, por exemplo, levantar da mesa uma moeda de três copeques, agindo apenas com os músculos da palma. E em Diko Chitashvili ela como que se cola à palma. Exatamente da mesma forma não conseguireis repetir a «Appassionata» de

Beethoven, executada aos vossos olhos por um pianista, que geralmente nada esconde. E estes «telepatas», que também mostram truques, não o confessam. Eles afirmam que demonstram telepatia.»

Eis o que Messing conta sobre como se faz o truque descrito? O homem e a mulher têm um código rigorosamente elaborado, com o qual conversam aos olhos de toda a sala. Já na própria pergunta feita pela mulher contém-se a resposta que o homem deve dar.

No diálogo citado este código é o seguinte:

Palavra
O seu significado codificado
Quem ao lado?
militar
Especifique, pense
coronel
Mais rápido
infantaria
Mais preciso
guarda
A que toquei
barras de ordens
Mais claro
ordem da Bandeira Vermelha
Responda não imediatamente,
conte (quatro palavras)
quatro

Se, por exemplo, em vez de «especifique, pense» tivesse sido dito apenas «especifique» — isso significaria o posto de tenente-coronel; apenas «pense» — general. Se em vez de «a que toquei» a mulher dissesse «toquei», — isso seria «dragonas»; «aproximei-me» — «estrelinha de Herói da União Soviética», «aproximei-me eu» — «chapéu» etc.

As possibilidades de transmissão de informações deste tipo por código, considerando que a informação é transmitida não só pelas próprias palavras, mas também pela sua ordem, pausas entre elas e entoação, — são praticamente ilimitadas.

«Aconteceu-me ver também outro espetáculo, que também era apresentado como «leitura de pensamentos» — partilha as suas impressões Messing. — Desta vez a mulher ficou no palco, e o homem desceu para a plateia. E soou o diálogo:

— Ao lado de quem estou?

— Militar. Coronel, agraciado com quatro ordens da Bandeira Vermelha.

— E agora ao lado de quem?

— Mineiro. Com ele a sua encantadora jovem esposa.

— E agora ao lado de quem?

— Engenheiro, está vestido com um fato cinzento. Nas mãos tem o jornal de ontem.

— E agora ao lado de quem?

— Rapaz. Aluno do sétimo ano. Veio diretamente da escola com a sua pasta.

O diálogo do homem e da mulher desta vez é tal que exclui a possibilidade de transmissão de informação nas perguntas. Mas também isto não é telepatia. Isto é — ventriloquia.

A mulher no palco — o seu rosto e lábios estavam cobertos por um pano escuro — não pronunciou durante todo o espetáculo um único som. E as perguntas fazia, e as respostas dava com vozes diferentes apenas o homem. Ele possuía também uma capacidade muito rara — falar sem mover os lábios, com vozes diferentes, e ainda de forma que era quase impossível determinar de onde provinha o som. Era ele quem conduzia todo o espetáculo.

Já disse anteriormente que domino a capacidade de me colocar em estado de catalepsia. Esta é uma arte antiga, que os iogues indianos dominam perfeitamente. Catalepsia — estado de completa imobilidade com membros absolutamente rígidos e absoluta rigidez de todos os músculos. Quando entro em estado de catalepsia, podem colocar-me a nuca numa cadeira, os calcanhares noutra de modo a formar uma espécie de ponte. Sobre mim pode sentar-se uma pessoa bastante corpulenta. Num estado normal não conseguiria levantar nem um milímetro acima do chão esta

pessoa. E em estado de catalepsia ela pode sentar-se sobre mim o tempo que quiser. Eu nem sequer sentirei o peso do seu corpo. De um modo geral, nesse momento quase nada sinto. Deixa de se sentir o pulso, desaparece a respiração, torna-se quase impercetível a batida do coração...

Messing entrava neste estado espontaneamente, é verdade, após uma longa preparação de várias horas. Ela consistia em concentrar num único nó toda a sua vontade, aparentemente com a ajuda de auto-hipnose. Nos últimos anos de vida, durante as «Experiências psicológicas», não demonstrava esta sua capacidade. Mas quando vivia na Polónia, a catalepsia espontânea era, como diziam, quase um número obrigatório das atuações, e não poucas vezes teve de encontrar imitadores, que demonstravam a mesma capacidade com a ajuda de dispositivos puramente mecânicos.

Por exemplo, tal estado demonstrou num espetáculo semi-fechado em Varsóvia um faquir caseiro. Foi tudo como nas suas atuações. Um homem largo de ombros respirou fundo, esticou os braços ao longo do corpo e caiu numa poltrona, esticando-se como uma corda. Os ajudantes pegaram nele e colocaram-no com a nuca e calcanhares em cadeiras. Sentou-se sobre ele uma das pessoas mais corpulentas presentes na sala. O médico presente no espetáculo pegou na mão pendente entre as cadeiras e tentou apalpar o pulso. Não havia. Ilusão completa de catalepsia! Mas Messing via que não era assim.

Então ao «cataléptico» aproximou-se o amigo de Messing — o seu médico, com quem tinha vindo ao espetáculo. Apalpou o pulso nos dois braços. Realmente, não havia pulso. Depois pegou num estetoscópio e auscultou o coração. Isto demorou dois segundos. Levantou-se, guardou o estetoscópio no bolso e disse:

— O coração bate distintamente. Ainda chega para cem anos. Levantai-vos, fazedor de milagres.

As pálpebras do «cataléptico» tremeram. O médico puxou-o pelo braço. E da axila, para o fraque que formava um saco, rolou uma bola de aço. Ao pressionar tais bolas com os braços contra o corpo, o «cataléptico» comprimiu os vasos sanguíneos, e o pulso nos pulsos das mãos era realmente impossível de auscultar. O sangue deixava de chegar às mãos. Claro, não podia haver fala de permanecer nessa posição durante vários

dias e mesmo várias horas: nas mãos, pela estagnação do sangue, simplesmente começaria gangrena. Após o desmascaramento o «cataléptico» tirou de si e demonstrou o resto do seu mecanismo bastante engenhoso: um sistema de hastes metálicas e corsets com fechaduras, que começavam atrás do colarinho alto na nuca e terminavam nos calcanhares. Estas hastes e corsets suportavam todo o peso do seu próprio corpo e do corpo da pessoa sentada sobre ele.

«De um modo geral, é preciso dizer — reconhece Wolf Grigoryevich — que em alguns países as chamadas ciências ocultas são muito difundidas. Vi casinhas pintadas com cores garridas de adivinhos, magos, feiticeiros, quiromantes nos Campos Elísios e nos Grandes Boulevares em Paris, na Unter den Linden em Berlim, encontrei-os em Londres, Estocolmo, Buenos Aires, Tóquio. E nada alterava a essência da questão o colorido nacional, que imprimia a sua marca na decoração exterior dos barracões, na roupa dos videntes.

Lembro-me do quiromante Pifelo, de quem já falei. Por uma quantia adequada, distribuía talismãs. Tinha talismãs especiais «contra bala e baioneta em combate», «para mulheres que não tinham dado à luz», «para sorte no comércio» e assim por diante. E uma coisa é incompreensível: por que razão, carregando na mala milhares de talismãs «para sorte no comércio», o próprio Pifelo não se tornou milionário».

O psicografólogo Schiller-Shkolnik propunha-se prever os números dos bilhetes de lotaria que deveriam sair premiados no próximo sorteio. Quando contaram isso a Messing, ele fez apenas uma pergunta: por que razão o próprio grafólogo não comprava esses números, nem que fosse para ter a possibilidade de abandonar a sua profissão duvidosa e arriscada. Normalmente não havia resposta para tais perguntas.

Existiam também sociedades misteriosas de metapsíquicos — sociedades de espíritas e místicos. Isso foi nos anos trinta, quando na Polónia o espiritismo gozava de particular interesse em certos círculos. Os membros desta sociedade eram numerosos «médiuns». Como se sabe, o espiritismo é a convicção de que as almas dos mortos podem, em certas condições, entrar em contacto com as pessoas vivas na Terra.

A condição principal deste contacto é a presença de um médium, intermediário entre os dois reinos. Normalmente os espíritas desta

sociedade reuniam-se com o médium numa mesma sala. Os incrédulos nestas experiências não eram admitidos, pois um cético pode alegadamente perturbar a sessão, emite «fluidos negativos» que impedem a alma do morto de estabelecer ligação com os vivos. O conteúdo dos episódios variava conforme o médium presente na sala.

Havia médiuns especialistas em batidas, rotação de mesas, tocar guitarra, escrever com lápis de ardósia num quadro, até na materialização de espíritos. No caso mais simples, quando estava presente um médium-batedor, a conversa com o espírito fazia-se pelo alfabeto. O médium entrava em transe, num estado semelhante ao hipnótico. Ao fim de algum tempo ouviam-se batidas na parede: o espírito comunicava que tinha aparecido. Começavam a fazer-lhe perguntas em voz alta. E seguia-se uma longa série de batidas. Contavam-nas. Cada série significava o número de uma letra no alfabeto. Das letras formavam-se palavras.

Noutros médiuns os espíritos tocavam guitarra colocada num local de difícil acesso, noutros moviam móveis, noutros ainda escreviam as suas respostas com giz num quadro negro escolar.

O médium considerado mais «poderoso» era um certo Jan Guzik. Ele invocava espíritos — Napoleão, Alexandre o Grande, Adam Mickiewicz... Este homem simplesmente possuía a capacidade de provocar hipnose coletiva e aproveitava isso.

Messing acrescenta ainda alguns factos a isto. Em Londres, por exemplo, teve de assistir a um espetáculo num circo, onde acrobatas-ilusionistas demonstravam todos os «milagres» espíritas e depois explicavam o seu mecanismo simples. E o famoso médium Parker, que na sua época era conhecido quase no mundo inteiro, depois de fazer fortuna, ria-se ele próprio do espiritismo, chamando-lhe «estupidez secular».

Os contactos espíritas do século XIX, nos quais se baseiam a maioria das investigações psicológicas e parapsicológicas modernas, são facilmente reproduzidos por ilusionistas experientes. A paródia que Messing observou no circo foi executada pelo famoso ilusionista Harry Houdini. Mas, ainda assim, muitos fenómenos espíritas permanecem desconhecidos e irreproduzíveis. Na Rússia também existe uma tradição espírita com raízes profundas no passado.

No famoso XX Congresso do Partido, tomou a palavra Darya Lazurkina, que na presença de cinco mil delegados declarou que o espírito de Lenine lhe tinha dito que não podia continuar a partilhar o Mausoléu com o corpo de Estaline. Nessa altura Lazurkina era uma mulher idosa doente, que tinha passado mais de dezanove anos em prisões e campos de correção. Ela dizia: «No meu coração vive sempre Lenine, e eu pergunto-lhe sempre o que devo fazer. Ontem voltei a consultar Lenine, ele estava diante de mim como se estivesse vivo e disse: "É-me desagradável estar ao lado de Estaline, que causou tanto mal ao partido".» Este incidente deve ser considerado no contexto histórico da tradição espírita russa do século XIX.

O mundialmente famoso médium Daniel Dunglas Home visitou a corte czarista em São Petersburgo e foi lá muito popular. Na capital da Rússia, de 1857 a 1867, publicava-se até uma revista dedicada a fenómenos espíritas e psíquicos, chamava-se «Vestnik Yevropy». Sempre existiram céticos e críticos que se relacionavam desaprovadoramente com as ciências ocultas. Entre eles estava Dmitri Mendeleev, que organizou uma comissão de investigação na Sociedade Física de São Petersburgo, destinada a desmascarar médiuns-charlatães. O seu mais conhecido opositor foi Alexander Aksakov, cujos trabalhos sobre o fenómeno espírita foram publicados na Alemanha, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Em 1891 foi fundado o Sociedade Russa de Psicologia Experimental, cujos membros investigaram uma série de fenómenos, incluindo clarividência e telepatia. Na viragem do século, em São Petersburgo, começou a publicar-se a revista «Rebus», dedicada exclusivamente ao espiritismo. A Primeira Guerra Mundial e a revolução puseram fim a estas investigações, mas pessoas isoladas continuaram a ocupar-se do problema, bem como da questão de saber se há vida após a vida.

A vida de Messing juntou-o a muitos representantes do ocultismo.

«Detenho-me tanto tempo em todos estes "ocultistas" — resume Messing — precisamente porque os vi de perto, vi-os nos bastidores, toquei nas molas mais secretas dos dispositivos com que enganavam os espetadores crédulos. Não gosto de engano. E é-me muito mais simpático o honesto faquir Ben Ali, que na sua época atuou no circo de Varsóvia. Um dos números consistia em dispararem contra ele com uma pistola, e ele apanhava as balas com as mãos. Ele não escondia que era um truque habilidoso, não se referia a forças do além que o ajudavam. E quando um

oficial lhe propôs disparar contra ele com a sua própria pistola, respondeu seriamente:

— Senhor! Será que o senhor concordaria, estando no meu lugar, por míseros cinco zlotys por dia, deixar-se matar?!»

Wolf Grigoryevich sempre separava a mística e o charlatanismo da telepatia, que nada tem a ver com mística nem com charlatanismo. A telepatia é perfeitamente materialista, como já falámos. Infelizmente, este fenómeno continua muito mal estudado até hoje. Em primeiro lugar, foi comprometido pelos charlatães, que sempre foram incomparavelmente mais numerosos do que os verdadeiros telepatas.

Claro que houve cientistas que tentaram compreender a essência da telepatia, estudar este fenómeno. Mas, ao depararem-se, pelas leis da teoria das probabilidades, uma e outra vez com charlatães, chegavam à conclusão de que toda a telepatia era puro charlatanismo. Há também uma segunda razão, da qual os próprios telepatas são culpados. Uns esforçavam-se por inflacionar desmedidamente os rumores sobre as suas capacidades, para as usar com fins desonestos, outros, pelo contrário, escondiam-nas, terceiros nem sequer suspeitavam da existência dessas propriedades neles.

Aparentemente, o famoso aventureiro internacional conde Alessandro Cagliostro possuía capacidades telepáticas significativas. O seu verdadeiro nome era Giuseppe Balsamo. Nasceu na ilha da Sicília em 1743, morreu em 1795 no forte de San Leone perto de Urbino, onde foi encarcerado por ordem do papa Pio VI. Cagliostro representava o papel de médico capaz de curar todas as doenças, naturalista, alquimista que dominava o segredo da pedra filosofal, clarividente a quem o futuro estava aberto.

Assegurava a todos que era imortal, que já tinha milhares de anos. Infelizmente, o conde não deixou diários nem memórias — as memórias que lhe são atribuídas são falsificadas. A sua figura enigmática atraía a atenção de muitos escritores — de Alexandre Dumas a Aleksei Tolstoi. Mas eles retratavam a figura deste homem baseando-se principalmente em lendas e tradições. Na sua época, interessou-se pela sua personalidade e analisou alguns registos e testemunhos de contemporâneos. Sem dúvida, no arsenal dos seus meios estavam também capacidades telepáticas muito fortes.

Cagliostro pertencia sem dúvida aos telepatas que exageravam desmedidamente as suas possibilidades. Neste aspeto era-lhe próximo o já várias vezes mencionado Hanussen-Lautenzak, que afirmava, por exemplo, que pela sua boca podiam falar as almas dos mortos. Para isso aprendeu a mudar a voz, tentou dominar a ventriloquia. Tanto um como o outro — Cagliostro e Hanussen — pertencem ao grupo de telepatas que procuram usar as suas capacidades para fins pessoais egoístas e desonestos. Claro que o desejo de um cientista que quisesse estabelecer objetivamente o nível das capacidades destas pessoas deparar-se-ia com a sua enérgica resistência.

E pode fazer-se o estudo das possibilidades de um telepata se ele não quiser ajudar com todas as forças na realização destas investigações? Claro que não!

Felizmente, nem todos os telepatas agiam como Cagliostro e Hanussen. Contaram a Messing uma reunião muito interessante, à qual assistiram umas trinta a trinta e cinco pessoas, do telepata amador Karl Nikolaevich Nikolaev e do conhecido opositor da telepatia, que negava a própria possibilidade de transmissão direta de imagem de cérebro para cérebro, o professor Alexander Kitaigorodsky, de quem já falámos.

Algumas palavras sobre os argumentos do professor Kitaigorodsky contra a telepatia, sobre o facto de não haver campo que pudesse aqui participar. Esta é uma objeção muito, muito ingénua, já obsoleta na época de Kitaigorodsky, ou seja, nos anos setenta. Em primeiro lugar, há muito que se sabe que a atividade pensante do homem é acompanhada pelo surgimento de correntes elétricas no cérebro. Sabem-nas registar e gravar magnificamente sob a forma de linhas denteadas em folhas largas de papel. E quanto mais energicamente, quanto mais intensamente o homem pensa, mais acentuadas e maiores são essas linhas curvas.

Portanto, ao brotar o pensamento, nascem também correntes elétricas e o campo eletromagnético que as acompanha. Por que não considerar este o substrato material que participa no transporte do pensamento? A isto objetam habitualmente: mas essas correntes são demasiado pequenas e o campo eletromagnético que geram é correspondentemente demasiado pequeno. A sua intensidade é tão insignificante que a uma pequena distância já é impossível medi-lo. Mas também esta é uma objeção pouco séria.

Na mesma reunião com o telepata, Kitaigorodsky deu vários exemplos da espantosa finura dos sentidos humanos. Lembrou as experiências do académico Sergei Vavilov, que provou que o olho humano é capaz de captar, sentir até quantas individuais de luz.

«Então por que razão o respeitado cientista não há de tentar — nem que seja como hipótese — aceitar a suposição de que também a sensibilidade do cérebro humano aos biotokos nascidos noutro cérebro é significativamente superior à dos nossos instrumentos? — perguntava-se Messing. — Por que não supor que apenas um ou vários quantas do campo eletromagnético, que chegam a este mecanismo recetor, podem amplificar-se significativamente e provocar sensações análogas às que predominavam no cérebro emissor.

A segunda objeção contra o campo eletromagnético dos biotokos como transportador de informação consiste em considerá-lo um fenómeno não principal no processo do pensamento, mas algo estritamente secundário, como o fumo das chaminés das fábricas. Concordo de bom grado com isto, mas quero lembrar que também pelo fumo das chaminés das fábricas se pode dizer muito sobre a produção. O fumo dos fornos marten vai dizer ao especialista sobre o aço que está a nascer. O fumo dos fornos de cimento é diferente deste.

O fumo das chaminés da fábrica onde nos fornos se faz a torrefação de minério de mercúrio não pode ser confundido com o fumo da caldeira de uma central termoelétrica. E mais uma vez, discutindo por métodos de analogia (pois que outros métodos posso eu aplicar nesta discussão com cientistas céticos?!), posso dizer: por que não supor que em algumas pessoas há analisadores finos, que não só fixam exatamente a composição destes “fumos”, mas determinam claramente em resultado de que esses “fumos” se produziram, e são capazes de responder que “produto” a “fábrica” produz.

Aliás, a hipótese sobre a natureza eletromagnética dos fenómenos telepáticos foi desenvolvida em pormenor pelo engenheiro-eletricista, candidato em ciências físico-matemáticas, Bernard Kazhinsky. Contaram muito a Messing sobre este interessantíssimo homem, e ele lamentava muito não ter conseguido conhecê-lo. Era um homem de erudição espantosa, que participou nas experiências do conhecido treinador de animais V. L. Durov, amigo de K. E. Tsiolkovsky, V. M. Bekhterev, P. P.

Lazarev. Alguns consideram que ele próprio possuía capacidades telepáticas extraordinárias. Kazhinsky foi o protótipo de um dos heróis do conhecido romance de ficção científica de A. R. Belyaev «O Senhor do Mundo» — o engenheiro Kachinsky. Como se sabe, o engenheiro Kachinsky no romance de Belyaev ocupa-se também da transmissão direta de pensamentos.

O romance «O Senhor do Mundo» foi escrito em 1928. Mas já em 1923 saiu a luz o livro do próprio B. B. Kazhinsky «Transmissão de pensamentos (fatores que criam a possibilidade de surgimento no sistema nervoso de oscilações eletromagnéticas irradiadas para o exterior)». Em 1962 publicou o seu último livro «Comunicação rádio biológica». Todo este tempo, quase quarenta anos que separam os dois livros, o cientista acompanhava os avanços de toda uma série de ciências — da psiquiatria à radioeletrónica, encontrando novas e novas provas da sua hipótese. E ele próprio realizou centenas e milhares de experiências as mais diversas, procurando encontrar provas definitivas.

Encontrou-as? Kazhinsky considerava que sim. Em particular, juntamente com Durov realizou experiências de sugestão a animais a partir de uma câmara metálica ligada à terra, que não deixava passar ondas rádio. Com a porta da câmara aberta a sugestão atingia o objetivo, o animal executava a ordem mental, com a porta fechada as experiências revelavam-se sem resultado. «Mas esta série de experiências não me parece definitivamente convincente — reconhece Messing —, nem que seja porque experiências análogas do cientista de Leninegrado L. L. Vasilyev deram resultado oposto: a câmara isoladora de ondas rádio não perturbava em nada a transmissão de sugestão mental.

E por isso a questão da hipótese eletromagnética ou, mais exatamente, da natureza radioondulatória da transmissão de pensamentos continua a ser uma suposição. É preciso estabelecer clara e irrevogavelmente se o campo eletromagnético participa na transmissão de pensamentos. Da minha parte posso dizer: para mim é quase indiferente se tenho ou não contacto pessoal com o meu indutor, ou seja, se lhe seguro a mão ou não. À maioria dos telepatas é-lhes mais fácil penetrar nos pensamentos de uma pessoa se lhe seguram a mão. Talvez este facto ajude na busca da verdade?

Bem, e se se revelar que o campo eletromagnético aqui não tem nada a ver, o que fazer? Muito simples! Será preciso encontrar esse campo ainda

desconhecido que é responsável pelos fenómenos telepáticos. Encontrá-lo e estudá-lo. O domínio dele pode abrir possibilidades completamente espantosas, não menores do que as que abriu o domínio do campo eletromagnético. Lembrai-vos: Heinrich Hertz descobriu as ondas rádio em 1886. E em menos de cem anos tornou-se possível o rádio, a televisão, a radiolocalização, a tempera com correntes de alta frequência etc.

O conhecido cientista soviético N. A. Kozyrev exprimiu a suposição de que podem ser ondas do campo gravitacional. Esta opinião é partilhada também por alguns outros cientistas. Motivam a sua suposição pela identidade das propriedades das ondas gravitacionais, para as quais não há obstáculos, não há écrans opacos e, por assim dizer, das «ondas telepáticas», que também, segundo alguns dados experimentais, possuem capacidade quase absoluta de penetrar quaisquer obstáculos.

Outro cientista soviético, candidato em ciências médicas V. A. Kozak, escreve assim: «Agora, quando quase todos os dias nos traz novos descobrimentos espantosos, quando aos físicos é conhecido uma enorme quantidade de novas partículas “elementares” com função ainda não esclarecida, é perfeitamente legítimo supor que ao número das funções desconhecidas desempenhadas por estas partículas pertence também a função de transmissão de informação mental...

E talvez nós em geral nada saibamos sobre este novo campo ou sobre partículas ou sobre um mecanismo ainda mais peculiar da telepatia, como há apenas oitenta anos nada sabíamos sobre as ondas rádio — gigantesca secção do espetro eletromagnético».

Todas estas ideias ousadas Wolf Grigoryevich Messing exprimiu-as nos anos sessenta-setenta, quando até aos descobrimentos atuais de campos de fita e outros tipos de energia ainda estava oh tão longe!

Conta Tatiana Lungina

Não posso deixar de trazer mais alguns exemplos que indicam diretamente a existência de capacidades sobrenaturais no homem. De um modo geral, o fenómeno da transmissão de pensamentos à distância é conhecido há muitos séculos. E em pessoas perfeitamente comuns aparece não raro um pressentimento de que algo mau aconteceu aos seus familiares ou amigos, mesmo se os separam muitos quilómetros. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial muitas mães e esposas sabiam

intuitivamente da morte dos seus filhos e maridos. Os céticos podem dizer que é simples coincidência e que na guerra morre muita gente. Pois bem: esta observação é insustentável, pois nestas pessoas surgia a sensação de desgraça exatamente no dia e hora da morte dos seus entes queridos.

Eis a história contada por Hans Berger, que descobriu a eletroencefalografia.

«Quando tinha dezanove anos, escapei por milagre à morte durante manobras militares em Würzburg. Acompanhava um carro de artilharia puxado por seis cavalos. O meu cavalo tropeçou numa estrada de montanha íngreme, e estive quase a cair debaixo das rodas. Felizmente, os cavalos pararam a tempo, e fui salvo. Não sofri qualquer dano, mas fiquei terrivelmente assustado. Isso aconteceu numa manhã de um belo dia de primavera. Nessa mesma noite recebi um telegrama do meu pai, no qual perguntava se estava tudo bem comigo.

Foi a primeira e única vez na vida que ele me fez tal pergunta. Acontece que a insistência no envio do telegrama veio da minha irmã mais velha, com quem eu era particularmente próximo. De alguma forma ela "sentiu" que algo me tinha acontecido. Como nessa altura os meus pais viviam em Coburg, o incidente pode considerar-se um exemplo de transmissão involuntária de pensamento. No minuto de perigo mortal eu agi como transmissor, e a minha irmã foi recetora».

Hans Berger lembra também outro caso. «Uma manhã, ao vestir-me, surgiu-me uma sensação estranha. Como se tivesse encontrado um velho amigo de escola, que não via há vinte anos. A caminho da clínica onde trabalhava, este pensamento não me largava, e eu não conseguia de todo livrar-me dele. Quatro horas depois o diretor da clínica disse-me que um certo cavalheiro desejava falar comigo sobre um assunto importante. Esse cavalheiro revelou-se o meu velho amigo».

Uma história semelhante contou já o conhecido Leonid Vasilyev no seu livro «Sugestão à distância». Quando o cientista tinha doze anos, passava o verão na aldeia com a tia perto de Pskov. Os seus pais tinham ido para o balneário checoslovaco de Karlsbad. Uma noite ele, a irmã e o irmão decidiram trepar a um salgueiro na margem do rio, e Leonid caiu na água. Não sabia nadar e podia afogar-se. Felizmente, conseguiu agarrar-se a um ramo baixo e remar até à margem. As crianças assustaram-se com a

possibilidade de serem castigadas; estavam encharcadas até aos ossos, e Leonid perdeu o seu boné escolar. Sabiam que a tia ficaria zangada.

No entanto a tia mostrou sensatez e prometeu não escrever aos pais sobre o incidente. Por isso as crianças ficaram surpreendidas quando, ao regressarem, a mãe contou tudo o que tinha acontecido, nos mais ínfimos pormenores, mencionando o salgueiro e o boné. Ela viu isso num sonho tão vividamente que insistiu com o marido para enviar um telegrama para Pskov. O pai de Leonid jura que não enviou telegrama; foi ao correio só para acalmar a mulher.

Não nego o valor da ciência, mas não contradizem exemplos semelhantes a visão materialista do mundo? Na natureza permanecem para nós muitos pontos brancos. Embora cientistas sérios continuem a esclarecer os processos físicos subjacentes à telepatia, talvez não seja possível explicá-la por nenhum processo físico. Os oráculos da Grécia Antiga eram considerados profetas reconhecidos. Nos nossos dias são conhecidos exemplos de poder incrível da mente sobre o corpo.

Vários experimentos impressionantes realizados pela universidade de investigações psíquicas em Londres com Kuda Bux, faquir da Índia, demonstram capacidades extraordinárias do homem no controlo do seu corpo. O faquir passeava sobre carvões em brasa, cuja temperatura era de 400 graus Celsius, e nos seus pés não se viam marcas de queimaduras. Bux preparava-se para repetir o passeio, mas inesperadamente recusou. «Perdoem-me — disse ele —, mas algo se quebrou dentro de mim, e não posso repetir a experiência. Perdi a fé em mim e posso sofrer queimaduras graves». Esta declaração ajuda a compreender o papel que o estado da mente desempenha em experiências semelhantes.

Um hipnotizador pode provocar queimaduras no corpo do sujeito por sugestão. Uma auto-sugestão semelhante está sem dúvida na base da maioria dos casos de estigmas. Em alguns cristãos devotos apareciam marcas no corpo — estigmas, por vezes essas feridas até sangravam. Sem dúvida, no futuro os psicólogos encontrarão a causa deste fenómeno, uma coisa é clara: a explicação deve ser procurada dentro do cérebro.

Nenhum dos milagres materiais pode comparar-se com os mistérios do cérebro. Ele é a fonte dos impulsos criativos superiores, graças aos quais

temos a possibilidade de admirar as realizações da arte e da ciência. É um mundo desconhecido, cuja linguagem só começamos a estudar.

Das memórias de Wolf Messing

Além dos telepatas que exageravam as suas possibilidades (sobre os quais Messing já falou), há pessoas que as escondem cuidadosamente.

A história das relações diplomáticas conhece não poucos exemplos desses.

«Com estes diplomatas perspicazes — considera Messing — era difícil negociar: de alguma forma adivinhavam os pensamentos mais secretos dos seus adversários, os seus planos mais astutos. Suponhamos — a título de hipótese de trabalho — que alguns deles usavam não só os relatórios dos seus agentes declarados e secretos, não só possuíam capacidades de análise e comparação, mas também a habilidade de ler os pensamentos do adversário. Acham que eles iriam publicitar essa habilidade? E desses casos, se pensarmos, há muitos.

Sim, esta propriedade — a capacidade de ler pensamentos alheios — seria útil em muitos assuntos, mas só se ninguém soubesse, se esta capacidade fosse segredo. E estou convencido: à enorme maioria dos telepatas no Ocidente, por medo da concorrência, não é vantajoso revelar nem às pessoas mais próximas as suas capacidades secretas. Claro que isto ainda não contribuiu para o estudo da complexa área da atividade psíquica do homem».

E, finalmente, Wolf Messing menciona mais um grupo de telepatas — aqueles que nem sequer se apercebem da presença neles destas propriedades raras.

Wolf Grigoryevich gostava de recordar a história de um sargento-mor de serviço prolongado, que trabalhava num posto fronteiriço. Comandante exigente e bom camarada, era o terror inevitável dos contrabandistas. Onde quer que os criminosos escondessem documentos, ouro, moeda estrangeira, narcóticos proibidos, ele encontrava-os ao primeiro olhar. Aproximava-se da pessoa suspeita de contrabando, olhava-a nos olhos:

— Olhem para a bota esquerda. Desatarraxem o salto.

Ou...

— Fundo duplo na malinha; abre para fora ou para dentro: Ah, para fora. Excelente! Dai-me uma chave de fendas.

Quando perguntavam a este sargento-mor como é que adivinhava os esconderijos mais engenhosos dos contrabandistas, ele respondia:

— Eu próprio não sei. Mas ao primeiro olhar sinto quando o assunto não é limpo. E imediatamente adivinho onde o contrabando está escondido.

Os oficiais valorizavam o perspicaz guarda-fronteiras. Exortavam os novos recrutas a aprender com ele a magnífica habilidade. Gostavam de dizer:

— Eis o que significa experiência! Nove anos na fronteira!

«Eu posso afirmar com convicção: a experiência aqui não tem nada a ver. Se não imediatamente, muito em breve este sargento-mor tornou-se este Argos de cem olhos que tudo vê. E noventa e oito olhos desses cem foram-lhe dados pela telepatia», — declara Messing. Sim, ele lia os pensamentos destes contrabandistas, e imediatamente ficava claro onde eles tinham escondido o contrabando. De pé diante do guarda-fronteiras, a pessoa não pode pensar apenas na azul do céu ou nos olhos da sua amada. Inevitavelmente pensa nos objetos de contrabando escondidos em locais secretos. E quanto mais pensa neles, mais francamente se denuncia.

Este sargento-mor, sem dúvida, é telepata. Mas é perfeitamente possível que nem sequer suspeitasse disso. E é perfeitamente possível que, assistindo a uma das minhas sessões de «Experiências psicológicas», aplaudisse honestamente e de boa-fé e se admirasse juntamente com os outros, sem suspeitar que ele próprio possui capacidades semelhantes».

Wolf Messing examinava repetidamente uma espessa pasta de recortes de jornais. Acumularam-se muitos ao longo dos anos da sua vida no país soviético. Tudo isso — artigos sobre as suas atuações. Como são semelhantes uns aos outros. Quase nenhum dispensa a menção a I. M. Sechenov e I. P. Pavlov.

Quase nenhum dispensa o resumo daquela palavra introdutória, que já é conhecida dos leitores e espetadores. Só que todos começam de forma diferente. Aqui os autores permitem-se dar rédea solta às próprias impressões, falam com as próprias palavras.

Citamos um artigo publicado na revista «Zdrovye» (1963. Nº 3). Este artigo intitula-se precisamente «Sobre as experiências de Messing». Foi escrito pelo professor G. I. Kositsky. Aliás, Wolf Messing também o incluiu sem cortes nas suas memórias.

«Há muitos anos assisti a uma das atuações de Wolf Messing. O apresentador anunciou que Messing executaria quaisquer tarefas, que deviam ser descritas por escrito e entregues ao júri, eleito do público. O júri verificaria a correção da execução, ao próprio Messing as notas não eram necessárias: ele percecionaria o conteúdo da tarefa por meio de «transmissão de pensamentos».

Na audiência fez-se silêncio. Será que realmente o pensamento pode transmitir-se diretamente de pessoa para pessoa? Será que existem para isso ondas ou raios eletromagnéticos especiais? Apeteceu-me convencer-me de tudo pessoalmente, e enviei um bilhete. A tarefa era complexa:

«Trazer para o palco a cadeira adicional da 13.ª fila. Retirar do bolso da rapariga sentada no 10.º lugar da 16.ª fila dois documentos de identificação e somar os algarismos do número do primeiro deles e o número até ao qual é válido o segundo. Retirar do outro bolso dinheiro em quantidade igual à soma indicada e colocá-lo debaixo da perna dianteira esquerda da cadeira trazida».

Chamaram-me ao palco. Messing pediu-me que lhe pegasse na mão e me concentrasse na tarefa. A luz intensa dos projetores cegava os olhos. Eu segurava a mão de Messing, e ele estava ao meu lado. De repente ele precipitou-se do palco para a plateia, arrastando-me atrás de si, agarrou a cadeira adicional na 13.ª fila e levou-a para o palco.

Habituando-me ao ambiente invulgar, decidi começar a minha experiência. Compreendi que a minha mão, que apertava o pulso de Messing, permanecera todo esse tempo sem controlo. Relaxando os músculos, concentrei-me na tarefa, que tentava transmitir-lhe mentalmente. De fora tudo isso parecia, aparentemente, bastante estranho. Uma pessoa com olhar fixo ficava imóvel no lugar, e outra agitava-se e corria à volta. Messing produzia dezenas de pequenos movimentos, quase impercetíveis, em diferentes direções, parava por um instante, olhava-me fixamente e começava tudo de novo. A minha mão permanecia inerte.

— Não pense em si! Não pense em si! — dizia ele baixinho, sem conseguir dar um passo.

Ele estava errado: eu não pensava em mim, mas concentrara-me na tarefa a tal ponto que deixara de notar tudo à volta.

Nesse momento tornou-se claro que o meu pensamento não podia transmitir-se-lhe diretamente, que ele captava-o apenas pela reação da minha mão. Produzindo dezenas de movimentos aleatórios em diferentes direções, avaliava instantaneamente a minha reação a cada um deles. É compreensível que, se por acaso se movesse na direção certa, eu reagisse de forma diferente. Ele continuava o movimento necessário e voltava a observar-me. Isto não é «transmissão», mas adivinhação do pensamento.

Compreendi que Messing percecionava o movimento da minha mão. Seria assim? Comecei muito ligeiramente a apertar-lhe a mão sempre que a direção do seu movimento se revelava correta. Messing animou-se. Cada vez sentia o aperto quase impercetível da minha mão quando começava a mover-se na direção certa.

Encontrou a rapariga na 16.ª fila, levou-a para o palco (embora na tarefa isso não estivesse) e voltou a fazer dezenas de pequenos movimentos. Quando as suas mãos se encontraram perto dos bolsos, voltei a apertar ligeiramente a mão, e ele nesse mesmo instante retirou dos bolsos tudo o que lá estava e colocou-o na mesa. Num instante conseguiu tocar sucessivamente em cada objeto, e de novo a minha mão apertou-se ligeiramente no momento em que tocou nos documentos de identificação.

Um instante — e os documentos foram postos de lado. Abriu-os e começou a passar ligeiramente o lápis pelas linhas. Assim que o lápis se encontrou perto do algarismo necessário, voltei a apertar a mão. Assim se repetiu com o outro documento. Depois, da mesma forma, atraí a sua atenção para o dinheiro e ajudei-o a adivinhar onde o devia colocar. Executou a sua tarefa, mas nunca se apercebeu de que eu estava a experimentar com ele.

Desde então passou muito tempo, e provavelmente não me lembraria deste caso, se não fosse o pedido da redação para responder às cartas dos leitores da revista. Algumas delas colocam a mesma pergunta: pode o pensamento transmitir-se de pessoa para pessoa diretamente?

Referem-se à telepatia. Citam como exemplos as experiências de Messing e de outros.

Não vi experiências de telepatas e não me pronuncio sobre elas. Quanto a Messing, é preciso sublinhar com toda a determinação que nada de misterioso há nas suas experiências. À telepatia elas não têm qualquer relação.

O nosso pensamento — produto do cérebro e não pode existir separado dele ou da matéria em geral. Só os idealistas pensam que o pensamento pode existir em forma pura, ou seja, fora de ligação com a matéria. Quando uma pessoa transmite um pensamento a outra, transmite portadores materiais, pesados, visíveis, audíveis do pensamento: palavra, texto, sinais etc.

A ciência da fisiologia provou irrefutavelmente que o pensamento é o resultado de uma atividade nervosa subtil e muito complexa do organismo humano. Esta atividade pode manifestar-se sob forma de movimento, gesto, palavra, escrita.

Mas o pensamento pode também não se manifestar. Há muitos pensamentos internos ocultos, experiências, sentimentos que não expressamos. Nesse caso não há manifestação externa, visível do pensamento, mas a atividade nervosa existe, pode captar-se, investigando com a ajuda de aparelhos especiais o trabalho do cérebro. É verdade que hoje ainda não estamos em condições de conhecer o conteúdo do próprio pensamento. No entanto, como mostram as investigações, tal pensamento oculto, não expresso, tem algumas manifestações externas, mas tão fracas que habitualmente não as notamos.

O fundador da fisiologia russa I. M. Sechenov indicou ainda há um século que qualquer pensamento está indissociavelmente ligado ao movimento muscular. No pensamento não expresso este movimento permanece oculto, quase impercetível. Registando com um aparelho especial movimentos muito fracos da mão, Sechenov provou que, assim que a pessoa imagina mentalmente que está a desenhar um círculo, a mão começa a produzir movimentos circulares. Mas mesmo nesses casos, quando não há qualquer manifestação visível do pensamento, o movimento que o acompanha existe.

I. P. Pavlov sublinhou repetidamente a importância destes factos.

«Há muito que foi notado e cientificamente provado — escreveu ele — que, assim que pensa num determinado movimento, executa-o involuntariamente, sem o notar. O mesmo — num conhecido truque com uma pessoa que resolve uma tarefa desconhecida: ir a algum lado, fazer algo com a ajuda de outra pessoa, que conhece a tarefa, mas não pensa nem deseja ajudá-lo. No entanto, para ajuda real basta que o primeiro segure na mão a mão do segundo. Nesse caso o segundo involuntariamente, sem o notar, empurra o primeiro na direção do objetivo e retém-no da direção oposta».

Tais movimentos receberam na ciência o nome de «atos ideomotores» (do grego «ideia» — pensamento e do latim «motor» — que põe em movimento). Os músculos executam o movimento em consequência de impulsos nervosos que chegam até eles do cérebro pelos nervos motores. A transmissão destes impulsos é sempre acompanhada pelo surgimento de potenciais bioelétricos.

Com a ajuda de aparelhos eletrónicos estes potenciais podem ser facilmente detetados. Assim, os cientistas registaram potenciais nos músculos da fala da pessoa quando esta começava a resolver tarefas mentalmente, no músculo da mão direita em movimentos imaginários, e nos músculos dos lábios e da mão direita ao escrever palavras mentalmente etc.

Tudo isto testemunha que os nossos pensamentos provocam o aparecimento de reações musculares mesmo quando permanecem ocultos, não expressos. Mas por que razão, como regra, não vemos tais reações? Em que consiste a singularidade das experiências de Messing? Por que estas experiências não pode realizá-las cada um de nós?

O facto é que as reações musculares que acompanham o pensamento são muito fracamente expressas. Para as captar são necessários aparelhos sensíveis ou um treino especial prolongado.

A capacidade de perceção de impactos muito fracos pode ser inata, mas em cada um de nós aumenta bruscamente após um treino especial. Os degustadores distinguem dezenas de milhares de matizes de aromas. Os cegos possuem ouvido e tato finamente desenvolvidos. O treino pode dar resultados verdadeiramente fenomenais.

O académico-fisiologista I. S. Beritov realizou recentemente experiências de investigação da capacidade dos cegos sentirem alguns objetos à distância. Nessas experiências estabeleceu-se que as pessoas privadas do órgão da visão podem sentir à distância objetos grandes e densos — paredes, escudos de madeira etc. Uma rede fina e objetos macios não sentem e tropeçam neles.

Verificou-se que os cegos sentem os objetos graças ao eco sonoro refletido pelo objeto. O eco é habitualmente tão fraco que as próprias pessoas não o apercebem e não podem explicar a causa das suas sensações dos objetos.

A natureza dotou com abundância cada um de nós de enormes possibilidades e capacidades, mas muitas delas nem sempre se desenvolvem e realizam.

A pessoa que utilizou estas possibilidades espantosas e capacidades extraordinárias e as desenvolveu pode fazer o que faz Wolf Messing. Graças a exercícios prolongados e persistentes desenvolveu as suas capacidades naturais, captando reações tão subtis de outra pessoa, que para muitos permanecem impercetíveis e podem ser detetadas apenas com a ajuda de aparelhos especiais sensíveis. Possuindo uma memória notável, lembra exatamente a disposição do palco, da sala, da escada etc. e pode mover-se de olhos vendados tão livremente como o fazem os cegos num ambiente conhecido.

Assim, as experiências de Messing são o resultado de um enorme, tenso trabalho, que poliu até ao brilho aquilo que a natureza deposita em cada um de nós em maior ou menor grau. Conquista-nos o trabalho subtil, filigranado dele, e esquecemo-nos de que a espantosa facilidade com que executa as suas experiências é na realidade o resultado de um treino prolongado e tenaz, de uma enorme concentração de atenção e tensão.

E este enorme trabalho de Messing conquista. Não podemos permanecer indiferentes quando ouvimos tocar David Oistrakh ou Van Cliburn. Nesse momento, claro, não pensamos no trabalho colossal investido em cada execução deles. Tal é a força da verdadeira arte e do talento».

Este artigo exprime a convicção de que Messing não é telepata e que tudo se explica pelo aguçamento dos seus sentidos. Eis o que respondeu a

isso Wolf Grigoryevich. «Estou mesmo disposto a concordar com isto, se o respeitado professor me disser como é que me deu o sinal para somar os algarismos do número do primeiro documento de identificação e o número que indica o prazo de validade do segundo documento de identificação? A isto posso acrescentar que G. I. Kositsky, claro, não foi o primeiro a fazer experiências comigo. Fizeram-nas também oficialmente, por exemplo no Instituto de Psiquiatria da Academia de Ciências Médicas da URSS. E sempre, pelo menos nos seus relatórios, os cientistas procuravam contornar as questões que não cabem na hipótese de um mecanismo puramente ideomotor do meu trabalho.

Ouso assegurar ao professor Kositsky outra coisa: todas as tentativas de não me dar sinais foram sem resultado. Claro que me perturbava o facto de o cientista pensar não na tarefa que eu devia executar, mas em não mover a mão. Esses pensamentos é que eu percecionava do indutor. E por isso, procurando obrigá-lo a distrair-se e voltar à tarefa, pedi: «Não pense em si». Os apertos da mão deste último, aparentemente, nem sequer os notava. Eu todo me absorvia nesse momento no esforço de compreender os pensamentos do interlocutor.

Perturbar-me no trabalho pode antes outra coisa. O facto é que nem todas as pessoas «ouço» telepaticamente do mesmo modo — perdoem-me este verbo «ouvir», que absolutamente não transmite a essência do fenómeno. A essência é que o desejo alheio sinto-o como se fosse desejo próprio. A sensação aparece em mim como sensação. Se o meu indutor imaginar que quer beber, e eu começarei a sentir sede. Se imaginar que acaricia um gato fofo, e eu sentirei nas minhas mãos algo quente e fofo.

O pensamento alheio nasce na minha cabeça como se fosse próprio, e custou-me muito trabalho aprender a separar os meus pensamentos dos pensamentos do indutor. Eis em que consiste a diferença da palavra «ouvir» no sentido habitual e no telepático, como eu a aplico aqui.

Assim, os pensamentos e sentimentos nem de todas as pessoas «ouço» igualmente bem. Uns «soam» no meu cérebro mais alto, outros abafados, terceiros — num sussurro, do qual chegam apenas palavras isoladas. Mas os indutores durante a atuação não se escolhem. E se calha um indutor com «voz» baixa (tudo isto são termos no meu entendimento telepático), e ao lado pensa «alto» outra pessoa, isto pode perturbar muito o trabalho. Quem me viu durante as sessões notou mais de uma vez que lanço réplicas a tais

pessoas. Eis o que registou o jornalista científico V. Safonov (cito das suas notas, com as quais o autor amavelmente me deu a conhecer):

...Isso aconteceu no outono do ano passado em Moscovo, na Casa dos Trabalhadores Médicos, onde Messing mostrava as suas capacidades aos médicos aí reunidos... Fui incluído no júri, e isso permitiu-me estar a par de todos os eventos que ocorriam no palco e no público. A penúltima experiência de Messing foi o ditado mental da tarefa sem contacto pela mão com o indutor. Para maior convicção Messing foi retirado da sala sob escolta de dois membros do júri.

Era preciso esconder confiavelmente algum objeto, e Messing devia encontrá-lo. Após discussões e várias «reenterros» o objeto (uma caneta) foi escondido no revestimento de um painel de parede. Introduzem Messing. Na sala em silêncio Messing rapidamente encontra a rapariga que escondeu a caneta. Leva-a para o palco, coloca-a diante de si, olha-a fixamente, pede:

— Pensem! Dai a imagem mental...

«E se tentasse desorientar Messing», — vem-me à cabeça uma ideia travessa. E imediatamente começo a sugerir-lhe o seguinte:

«Não ouçam a rapariga, a caneta não está onde ela pensa, mas no capitel da coluna, à esquerda da parede».

Ao mesmo tempo só lancei um olhar fugidio ao perfil de Messing (a distância não mais de três metros) e repito de novo a sugestão: «A caneta no capitel da coluna...

A imaginação desenha vividamente uma espessa camada de pó, sobre a qual jaz uma caneta preta de ébonite com pena dourada. De repente acontece o que, francamente, eu não esperava. Messing olhou na minha direção e com irritação não disfarçada disse (cito exatamente, anotado imediatamente):

— Não são precisas muitas ordens... Lá é muito alto... É precisa uma escada grande.

Eu, claro, fiquei embaraçado e murmurei algo como um pedido de desculpas. Depois disso Messing esqueceu a minha presença e voltou a concentrar a sua atenção na rapariga. A caneta foi retirada dali, onde a tinham colocado por desejo dos presentes».

Citei propositadamente estas notas para que o leitor, que não esteve nas minhas sessões, imagine como por vezes se reflete no meu trabalho este coro dissonante de pensamentos alheios.

Na verdade, não é mais fácil do que numa multidão de pessoas que falam simultaneamente em voz alta destacar uma voz e ouvir apenas essa. E essa é que muitas vezes é particularmente «baixa».

Com uma atitude benevolente dos espetadores trabalha-se facilmente. Assim, provavelmente, também num virtuoso pianista os dedos voam mais leves pelas teclas quando sente o êxtase mudo da sala. E provavelmente as mãos se lhe encheriam de chumbo se sentisse uma expectativa hostil: agora vai falhar... agora vai falhar... Mas assim como o músico pode reunir forças e não falhar, também eu posso levar até ao fim a experiência com o indutor mais cético.

Toda a sessão devo estar absolutamente seguro de mim. Assim o funambulista nem por um instante se pode permitir pensar que pode cair».

E agora citamos alguns exemplos de tarefas que Wolf Messing executava nas sessões das suas «Experiências psicológicas». Conservaram-se junto de diferentes pessoas em diferentes épocas.

Eis alguns dos mais característicos.

1. Retirar do bolso lateral direito do meu (ou seja, da pessoa que escreveu esta tarefa) fato o calendário de 1964:

a) abrir o mês — novembro;

b) riscar a data de hoje: 19.XI.1964.

2. Retirar do bolso lateral esquerdo do meu fato um pacote preto com fotografias:

a) encontrar entre as fotografias a foto de um jovem com barrete e escova de sapatos nas mãos e a foto de uma rapariga de vestido preto;

b) dobrar as restantes fotografias no pacote, e o pacote colocar no lugar anterior, ou seja, no bolso lateral esquerdo do meu casaco;

c) pelas fotografias escolhidas encontrar o jovem com a rapariga na sala na 5.ª fila e trazê-los ao palco.

3. Retirar do bolso lateral esquerdo um pacote branco com cartas de jogar e dispô-las da seguinte forma:

a) todos os ases numa pilha com a face para baixo;

b) na fila superior as damas: dama de ouros, dama de copas, para a dama de espadas deixar lugar vazio, depois dama de paus;

c) na fila inferior os reis: valete de ouros, rei de copas, para o rei de espadas deixar lugar vazio, depois rei de paus.

4. Pegar na mão de um jovem e executar a sua ordem-desejo mental, que consiste no seguinte:

a) retirar do bolso interno direito do peito do meu fato um envelope e entregá-lo aos membros do júri;

b) pedir aos membros do júri que abram o envelope e leiam os pontos da tarefa.

...Peço a Messing que vá até ao meu pombal, retire do bolso direito do meu casaco a chave dele, abra o pombal, pegue num pombo branco e traga-o para o palco do clube...

c. Angarsk, 21.V.1964

G. Vilden

Peço encarecidamente que descubra o nome da rapariga que amo!

Descobrir o nome pode-se da seguinte forma:

c. Irkutsk, 19.XI.1964

G. M. S.

1. No 6.º lugar da 11.ª fila senta-se uma rapariga. Pegar na mala dela, abri-la e entre os outros livrinhos pegar no «Atlas mundial» geográfico.

2. Pegar também da mala um lápis azul-vermelho, afiado dos dois lados, e precisamente com a cor azul marcar as seguintes cidades da União Soviética nas páginas 4 e 5 do atlas indicado:

a) Novosibirsk,

b) Irkutsk,

c) Nikolaev,

d) Alma-Ata.

É preciso ler as primeiras letras destes nomes.

Elas é que compõem o nome da rapariga.

3. Entre a última página e a capa do «Atlas mundial» encontram-se postais de felicitações «Feliz Ano Novo!».

4. Entre todos os postais, no verso precisamente do postal verde escrever este nome, composto pelas letras iniciais das cidades encontradas.

5. Entregar este postal à rapariga e, em meu nome, felicitá-la pelo Ano Novo que se aproxima!

Engenheiro da direção energética distrital «Tselinenergo»

Marat Urazakov

11 de dezembro de 1963.

Camarada Messing, venda, por favor, os olhos.

No hidrante de incêndio, à esquerda do palco, encontra-se um barrete militar. Nele estão um relógio. Pegue no barrete com o relógio, aproxime-se do meu amigo, que está junto à 3.ª janela à esquerda, entregue-lhe o barrete, e o relógio pegue nele e entregue ao soldado que está sentado na fila cujo número indica o ponteiro pequeno, no lugar cujo número indica o ponteiro grande.

Pegue-lhe as chaves no bolso direito da guerrilha e entregue-as à rapariga que está sentada no júri junto ao sargento.

Peça-lhe que se levante.

c. Kustanai, 5.XII.1963

Soldado

Vasilyev L. V.

1. Levar para o palco espetadores: a) da fila 14, lugar 16 e b) da fila 15, lugar 2.

2. Do bolso externo direito do casaco de um deles retirar jornais, e do direito escondido — tesoura:

a) o jornal dobrado da forma habitual cortar ao meio com a tesoura transversalmente;

b) pegar numa cadeira da mesa do júri e colocá-la na beira do palco com as costas viradas para os espetadores;

c) as partes do jornal pendurar nas costas da cadeira.

3. Do outro dos espetadores levados pegar na pasta que tem nas mãos e abrir o fecho de correr; retirar da pasta o rádio «Spidola» e colocá-lo na mesa do júri.

4. Retirar a antena e o regulador de volume (botão à esquerda) colocar no máximo, rodando o botão à direita, esperar pelo aparecimento de música.

c. Leninegrado, 18.II.1964

Valshonok A. M.

Encontrar o jovem — fila 2, lugar 1, — pegar-lhe no bolso interno um envelope com letras:

a) das letras compor a frase: «Se perdeste a fé, perdeste tudo»;

b) encontrar a rapariga — fila 5, lugar 2, — pegar-lhe na revista. Na revista está a imagem de um tabuleiro de xadrez;

c) no jovem no bolso esquerdo pegar num lápis vermelho e no tabuleiro de xadrez traçar uma linha de modo a que passe apenas pelas casas brancas, começando no canto superior esquerdo e terminando no inferior direito. Não saltar nenhuma casa.

c. Novosibirsk, 18.IV.1964

G. Popov

Estes não são os mais complexos nem os mais simples das tarefas que davam a Messing. Entre as dezenas e centenas de milhares de pessoas que assistiram às suas sessões de «Experiências psicológicas», claro que havia pessoas mais engenhosas do que os autores destas tarefas.

Mas todas as tarefas, independentemente do seu carácter, Messing executava-as completa e exatamente.

Conta Tatiana Lungina

— Diz-me, Wolf, não aconteceu que a audiência te enviasse pedidos indecentes? Afinal, alguns espetadores vêm ao espetáculo em estado de embriaguez. Ou simplesmente querem dar-te uma tarefa que não consigas executar, para depois te acusarem de fraude. Não te aconteceu lidar com tais espetadores?

— Tânia, tens razão, tais casos são possíveis, mas o júri não aceita quaisquer tarefas indecorosas, no entanto na parte final da atuação isso pode mesmo assim acontecer. Lembro-me de um incidente semelhante. Chegou ao júri uma instrução: Wolf deve aproximar-se da 5.ª fila, pedir à mulher no 13.º lugar que lhe dê o livro de capa azul, abri-lo na página 28, ler a sétima linha a contar de baixo e apertar-lhe a mão. A tarefa não me pareceu complexa. Era semelhante a milhares de outras. Neste caso, no lugar indicado estava sentada uma jovem senhora muito atraente, com um vestido vivo com um grande decote.

O brincalhão que enviou o bilhete para o palco tinha em mente um pedido não tão inofensivo como parecia à primeira vista. A teoria psicanalítica afirma que nenhuma palavra sai dos nossos lábios ou da nossa pena por acaso. Além disso, cada palavra tem, além do literal, um significado associativo. Neste contexto as palavras «pedir» e «abrir» tinham um subtexto sexual oculto. Os números no bilhete também foram escolhidos não por acaso. À mulher a quem me aproximei tinha 28 anos, e ao autor do bilhete — 35. O último número obtém-se se somarmos a 28 (número da página) 7 (número da linha).

Não se pode considerar univocamente este tipo de psicanálise, mesmo entre os seguidores de Freud há céticos. Eu não estava familiarizado com as nuances do freudismo nessa altura, eu simplesmente «ouvia» os desejos reais da pessoa enquanto executava a sua encomenda. Evidentemente, ele tinha encontrado esta encantadora mulher antes, não conseguira conquistar a sua simpatia e sentia-se rejeitado. Ou talvez a tivesse visto antes do início do espetáculo ou durante o intervalo.

Saí para além dos projetores para a sala semiluza. Embora nenhum dos espetadores me perturbasse, sentia claramente os seus desejos

indecentes. Eles, sem dúvida, eram para ele mais importantes do que a tarefa que me tinha colocado. Sinalizava-me: tire-lhe a roupa... beije-a nos lábios... ponha-lhe a mão no peito... Ouvi estas instruções três-quatro vezes. Li a linha do livro, que se revelou um tomo de poemas de Tyutchev. Finalmente, disse à sala: «Não poderei executar os restantes desejos deste jovem sem vergonha. Aqui não é lugar adequado para encontros, e ele deve expressar os seus sentimentos em relação a esta simpática mulher de outra forma. Eu realizo experiências psicológicas, e não um espetáculo erótico». A sala respondeu com riso e aplausos.

De um modo geral, é-me mais fácil atuar perante uma audiência bem-disposta, assim como, provavelmente, a um ilusionista, a um ator. O início do programa sempre me deixa confuso, porque preciso de verificar o meu estado e conquistar a simpatia do público. Por isso começo com experiências relativamente simples, e as complexas deixo para o momento em que estabeleço contacto com a sala.

Estudei escrupulosamente a literatura científica sobre o tema da telepatia. Enquanto folheava estes trabalhos, pareceu-me que a natureza muitas vezes nos entreabre os seus segredos com a ajuda dos animais e que, investigando o mundo animal, se pode lançar luz sobre a natureza do grande dom de Messing. Os animais são capazes de vários modos de comunicação. A fauna como que está permeada por fios invisíveis de ligação. Parece-me que esta forma de comunicação pode ser resultado de interação telepática.

Alguns cientistas e parapsicólogos indicam que quanto mais primitivo é o organismo biológico, mais ele se apoia em capacidades intuitivas e outras formas subtis de comunicação. Por exemplo, estabeleceu-se que certas espécies de borboletas (bicho-da-seda) reconhecem a localização uma da outra mesmo a uma distância de um quilómetro e meio. Uma das explicações possíveis deste fenómeno — a telepatia, embora a teoria tradicional testemunhe a presença nas borboletas de um olfato unicamente subtil, que capta elementos químicos — feromonas, segregados por outras borboletas.

Muito mais difícil é explicar de que modo duas borboletas podem voar absolutamente em sincronia. O voo sincronizado de um bando de cisnes, o movimento coordenado de um cardume de peixes e o salto súbito de um

enxame de gafanhotos — a telepatia poderia explicar estes e outros fenómenos do reino animal.

Os seres mais altamente desenvolvidos dependem menos da comunicação não sensorial. Por exemplo, os leões comunicam com a ajuda do rugido, os lobos — por meio do cheiro. A tigresa avisa os filhotes da sua aproximação com um ronronar terno. Os macacos desenvolveram um sistema complexo de sinais, com a ajuda do qual transmitem várias mensagens — de emoções a avisos. Muitos outros mamíferos e aves comunicam com a ajuda de sons, e os humanos, que criaram uma massa de aparelhos de comunicação complexos, necessitam ainda menos de um meio como a telepatia. Possivelmente, em tempos os humanos perderam a capacidade de perceção de pensamentos por desnecessidade, e em alguns esta capacidade conservou-se — como atavismo.

Mesmo se o curso dos meus raciocínios for correto, espantar-vos-eis por que razão a telepatia deixou de ser necessária. Se a humanidade no passado possuía uma força tão poderosa, esta força devia servir como meio de sobrevivência neste mundo. Ou os humanos não conseguiram coexistir com tal dom? Nem todos os que possuem o talento de clarividente são felizes. Suponhamos que sois capazes de prever a morte de um amigo ou alguma catástrofe. Podeis mesmo saber quando morrereis vós próprios. O que fareis com esta informação? A nossa consciência recusa-se a reconciliar-se com a inevitabilidade da morte. Embora cada um saiba que a sua vida tem limite, a ausência de informação clara cria a ilusão de imortalidade física. Caso contrário a nossa existência transformar-se-ia em tortura, seríamos como prisioneiros à espera da execução da sentença.

Algumas pessoas, no entanto, são capazes de penetrar no futuro com a ajuda do sexto sentido. Outras podem percecionar pensamentos à distância. Não vos aconteceu alguma vez virar-vos na rua ou na escada rolante sob a influência da sensação de que alguém vos olha? E depois revelava-se que era mesmo assim. Provavelmente, a sábia natureza não prodigaliza os seus dons a torto e a direito. Dotou de capacidades sobrenaturais apenas os eleitos, para que o mundo não se transformasse em caos.

Não é segredo que o homem — a mais alta criação da natureza — pode usar o seu poder não só com boas intenções. Felizmente, a natureza dotou de força invulgar pessoas como Wolf Messing, que a usaram apenas para o bem.

Lembro-me de uma noite passada no acolhedor pequeno apartamento de Wolf na Novopeschanaya. Ele estava de bom humor, e quando lhe perguntei o que o tinha levado a tal disposição de espírito, contou a seguinte história. Telefonou-lhe o gerente do Mostorg. Wolf nunca se tinha encontrado com ele, mas este homem confessou que era seu fervoroso admirador e procurava nunca perder as suas atuações. O gerente queria agradecer-lhe pela ajuda na descoberta de um roubo na sua loja. Pedia a Wolf que viesse à loja receber uma recompensa.

Messing respondeu com o humor que lhe era próprio, que hoje não era primeiro de abril e que não tinha feito nada para merecer a sua gratidão. Então o homem explicou como tinha sido. Cada secção entregava a caixa ao contabilista-chefe, cujo gabinete ficava perto da entrada de serviço. Depois de encher vários sacos com dinheiro, virou-se por um instante para desligar a chaleira. Quando se virou, um dos sacos já não estava. Ficava claro que o ladrão era dos empregados da loja, pois só a eles era permitido entrar por essa porta. Mas na enorme loja de quatro andares trabalhavam várias centenas de pessoas, e muitas nessa altura passavam pelo corredor de serviço. Sob suspeita estavam todos — da mulher da limpeza aos chefes de secção.

O contabilista abatido informou o gerente do roubo. Este não se perdeu e, tal como Sherlock Holmes, avaliou instantaneamente a situação. Tinham passado apenas alguns minutos desde o momento do roubo, e o gabinete do contabilista ficava no quarto andar. Quer dizer que, em tão curto tempo, o dinheiro não podia ter sido levado para fora da loja. O ladrão não podia ter fugido pela escada ou escadas rolantes, que estavam cheias de compradores. Isto significava que ou o ladrão continuava a carregar o dinheiro consigo, ou o tinha escondido entre a mercadoria.

Muito em breve começou a funcionar o altifalante, e os compradores ouviram: «Cidadãos! — anunciou o gerente. — Na nossa loja ocorreu um roubo. Por feliz coincidência entre os nossos visitantes encontra-se Wolf Messing, que todos vós, claro, conheceis. Ordenei que bloqueassem todas as saídas, incluindo as de serviço. Não temos direito a revistar mil pessoas. Mas no caminho de regresso da loja Wolf Messing despedir-se-á de todos vós com um aperto de mão. Não penso que seja preciso explicar o que acontecerá ao ladrão. Por isso proponho que a pessoa que pegou no dinheiro, possivelmente sem intenção, o devolva imediatamente». Passados

alguns minutos o saco foi encontrado no terceiro andar, o seu conteúdo estava intacto.

— Sabes em que pensei agora, Tânia? — perguntou Wolf, terminando o relato. — Talvez devesse ter proposto a este gerente o lugar de apresentador nas minhas atuações. Nem a Sociedade Teatral de Toda a Rússia me dava tal publicidade.

— E a recompensa? — perguntei eu. — Vais recebê-la?

— Vamos juntos, Tânia, mas não pela recompensa. Tenho uma curiosidade terrível de ver este homem engenhoso, além disso compraremos algo invulgar para ti. Ele não se atreverá a negar-nos! Conheço estes vendedores, têm sempre algo útil escondido debaixo do balcão.

— Interessante, é o único caso assim ou o teu nome ajudou mais vezes a restaurar a justiça?

— Não conheço mais casos assim, por isso me impressionou tanto. Mas, possivelmente, alguém mais usou o meu nome para fins semelhantes.

Lembrei-me imediatamente de um incidente que ocorreu fora do palco. Então graças a Wolf Grigoryevich conseguiu-se acalmar as pessoas agitadas. Na primavera de 1964 voávamos juntos para Alma-Ata. Messing estava em tournée pelo Cazaquistão, e eu tinha uma missão jornalística. Aproximadamente quatro meses antes com este mesmo voo tinha acontecido uma catástrofe, na qual morreram 107 pessoas. Quando ocorrem tais tragédias, habitualmente o número de passageiros do voo «azarado» reduz-se drasticamente. Mas alguns são obrigados a ceder aos seus preconceitos quando se trata de um assunto urgente, e criam uma atmosfera de tensão no salão, que oprime os restantes passageiros.

Assim aconteceu no nosso caso. Depois de distribuir rebuçados a todos, a hospedeira desapareceu atrás da porta da cabina do piloto e anunciou: «Atenção! Peço a todos que mantenham a calma. Posso afirmar com segurança que o nosso voo decorrerá sem incidentes. A bordo encontra-se o famoso Wolf Messing. Ele nunca se sentaria num avião a que estivesse destinado um mau fado, pois as suas capacidades atuam não só em terra, mas também no ar. A tripulação deseja-vos um bom voo e uma aterragem suave!»

Messing ficou lisonjeado com este discurso. Entrefechando os olhos, estatelou-se na poltrona e ronronava alegremente. Os passageiros animaram-se. Todos começaram imediatamente a conversar, a brincar e claramente sentiram alívio.

Das memórias de Wolf Messing

«Não me apetece deter-me em todos esses argumentos que os investigadores imparciais aducem para prova da existência da ligação telepática — reconhece Wolf Grigoryevich. — Entre eles os súbitos pressentimentos ou mesmo representações claras da morte de pessoas próximas que se encontram a milhares de quilómetros, e o surgimento simultâneo das mesmas ideias em pessoas próximas, e a «sensação do olhar», quando alguém vos olha fixamente para as costas. Sobre tudo isto escreveram-se não poucos livros, nos quais se aducem numerosos factos.

Não me apetece aqui repetir o material contido nesses livros. Mas não posso deixar de me deter ainda numa questão. Não posso passar em silêncio as numerosas tentativas dos cientistas de investigar os fenómenos da telepatia por métodos objetivos, puramente científicos».

Em 1882 foi fundado em Londres o «Society for Psychical Research». Os membros desta sociedade, entre os quais havia cientistas proeminentes, ocupavam-se da recolha, verificação cuidadosa e análise, incluindo de fenómenos telepáticos.

Aliás, o termo grego «telepatia» — sensação à distância — começou a ser amplamente aplicado precisamente no seio desta sociedade. Os seus membros realizaram também os primeiros experimentos de transmissões telepáticas. Do alcance e profundidade do trabalho realizado por esta sociedade testemunha o volumoso livro de Gurney, Myers e Podmore «Phantasms of the Living and Other Telepathic Phenomena», publicado em 1886 em Inglaterra e traduzido para russo em 1893. Neste livro são aducidos cerca de 700 casos de telepatia, confirmados documentalmente.

Na URSS uma grande cartoteca tem-na o professor de Leninegrado, membro-correspondente da Academia de Ciências Médicas da URSS L. L. Vasilyev, cujo trabalho já relatámos. Se fosse preciso convencer-se da existência de fenómenos telepáticos, bastaria analisar por métodos científicos apenas estes casos fixados e verificados. Mas os adversários da telepatia preferem ignorá-los.

Os cientistas — adversários da telepatia, sem se darem ao trabalho de estudar estes factos, exigem obrigatoriamente novas experiências, e tais que pudessem ser reproduzidas em qualquer laboratório e a qualquer momento. Mas afinal em laboratório podem ser reproduzidos apenas os fenómenos em que eles surgem. Infelizmente, tal grau de estudo da telepatia ainda não existe. Mas tal clareza não existe também noutras esferas de observações científicas, por exemplo na investigação do raio globular. Também este os cientistas até agora não conseguem reproduzir em laboratório.

Mas na bagagem da telepatia há não só inúmeros factos cientificamente fiáveis de observações de fenómenos telepáticos, por assim dizer, «na natureza». Há lá também experiências não menos cientificamente fiáveis, postas por cientistas que não há razões para considerar mistificadores.

Ainda em 1902 o privat-dozent Ya. N. Zhuk em Kiev realizava experiências de transmissão de sensações visuais. Indutor nestas experiências era ele próprio. Pegava num desenho previamente preparado relativamente simples — um barco, uma garrafa, um cesto, uma escada etc. — e olhava-o atentamente. O adivinhador, sem ver este desenho, procurava reproduzir a imagem que vinha à mente do indutor. Em vários casos a coincidência revelava-se espantosa.

Zhuk não se limitou à constatação do fenómeno. Começou a estudar os erros e distorções que ocorrem na transmissão telepática de imagens, procurava estabelecer as suas causas. Este era já um abordagem estritamente científica ao problema.

A transmissão de imagem por modo telepático foi estudada também por muitos outros cientistas. As experiências mais interessantes foram realizadas em 1928 pela Sociedade Ateniense de Investigações Psíquicas. A transmissão de imagens — figuras geométricas, letras, desenhos — realizava-se a grandes distâncias: Atenas — Paris (1201 km), Varsóvia — Atenas (1597 km), Viena — Atenas (1284 km). Estas experiências também foram extraordinariamente bem-sucedidas. Dos seus resultados foi relatado pelo doutor Konstantinos Das no quarto Congresso Internacional de Investigações Psíquicas em Atenas. A transmissão de imagens, desenhos — é a tarefa mais fácil para o telepata. E mais facilmente percebia a imagem, o desenho, do que, por exemplo, a palavra, o pensamento.

Messing não podia deixar de prestar atenção a uma série de experiências extraordinariamente interessantes de sugestão telepática a animais, realizadas no laboratório de zoopsicologia do famoso treinador V. L. Durov, que se realizaram desde meados de 1920 até à morte de Vladimir Leonidovich.

A quantidade de experiências realizadas por ele excedeu 10000.

Nestas experiências participaram os professores G. A. Kozhevnikov, B. B. Kazhinsky, A. V. Leontovich, A. L. Chizhevsky, o académico V. M. Bekhterev. Do ponto de vista de Messing, esta série de experiências é um testemunho irrefutável da existência da telepatia. Contou apenas uma das experiências realizadas pelos cientistas.

V. L. Durov e V. M. Bekhterev encontravam-se numa sala, e o cão de nome Mars noutra, separada por duas salas intermédias. Todas as portas fecharam-se hermeticamente. O professor A. V. Leontovich, que observava o comportamento de Mars, não sabia a tarefa que V. L. Durov devia transmitir mentalmente ao cão. Nem o famoso treinador a sabia. Apenas Bekhterev antes do início da experiência sabia dela.

Começa a experiência. Bekhterev entrega a Durov um papelinho com a tarefa: Mars deve ladrar 14 vezes.

Durov fica perplexo: nunca lhe tinha acontecido dar à cadela tarefas desse tipo, ela geralmente «sabe contar» apenas até sete. Então decide dividir a tarefa em duas, escreve no papelinho «7+7» e começa a sugestão. Cruzando os braços no peito, concentra-se...

Passados alguns minutos senta-se numa cadeira. Aparece Leontovich e informa: Mars ladrou sete vezes e deitou-se no chão. Depois levantou-se de um salto, ladrou mais sete vezes e voltou a deitar-se.

Durov realizava também outras sugestões mentais a animais. Olhando nos olhos do animal, pensava numa determinada ação, e a cadela executava-a. Os resultados, como regra, eram magníficos. Para eliminar quaisquer dúvidas, Bekhterev realizava experiências análogas na ausência de Durov com as cadelas dele.

Dificilmente existem outras experiências, postas com igual rigor do ponto de vista científico, de sugestão telepática a animais. Parece que,

infelizmente, ninguém não só as continuou nos anos subsequentes, mas nem tentou repeti-las.

Experiências interessantes realizou em 1925 em Moscovo o médico-neurologista T. V. Gurshtein. Nestes experiências participaram colaboradores de Gurshtein e o académico V. S. Kulebakin. A sugestão realizava-se a uma distância de 55 quilómetros. Transmitiam-se figuras geométricas, tarefas de mover a mão, o pé. Foi transmitida também a ordem de dizer a frase: «É-me agradável estar aqui sentada». Ela foi recebida pela sujeito E. G. Nikolskaya de forma algo abreviada: no protocolo ficaram registadas as suas palavras — «É-me agradável estar sentada». Nestes experiências aplicava-se uma câmara metálica isoladora de radiação rádio.

No fim dos anos vinte — início dos trinta os investigadores de fenómenos telepáticos adotaram métodos de estatística matemática. E os métodos matemáticos exatos testemunhavam uma e outra vez que a transmissão telepática do pensamento existe, que pela teoria das probabilidades não pode haver tal percentagem de coincidências com que os adversários tentavam explicar os sucessos das experiências telepáticas.

«Não, não sou adversário da aplicação de métodos matemáticos na área da telepatia — reconhece Messing. — Mas parece-me que em toda uma série de casos o tratamento matemático dos dados experimentais não acrescenta nada ao resultado geral. Assim, um dos fundadores da aplicação da estatística matemática na telepatia — o cientista inglês S. Soal, em meados dos anos cinquenta, com dois irmãos telepatas realizou 15000 provas isoladas e obteve os seguintes resultados: em média de 25 cartas 9 cartas eram adivinhadas exatamente pelo telepata, embora pela teoria das probabilidades o número de cartas adivinhadas não devesse exceder 5.

Era um resultado aparentemente bom, mas de modo nenhum brilhante. Entre tanto, nos minutos de «inspiração», nos minutos de entusiasmo os irmãos «adivinhavam» 25 cartas de 25! E tal resultado no decurso das experiências foi obtido não uma só vez. Este facto convence das capacidades telepáticas dos irmãos significativamente mais do que os números abstratos obtidos em experiências quando os irmãos não estavam inspirados, quando não lhes apetecia trabalhar etc.».

Aliás, simultaneamente com os cientistas da Europa Ocidental e independentemente deles métodos matemáticos de investigação dos fenómenos da telepatia aplicou também o académico V. F. Mitkevich. Pelo que se sabe, foi o primeiro a construir um dispositivo mecânico que excluía na realização da experiência a iniciativa do indutor. A «roleta» construída por ele lançava uma ou outra tarefa — cor branca ou preta — sem intervenção humana.

Repetimos que experiências interessantíssimas realizou o já mencionado professor L. L. Vasilyev. Eram experiências de sugestão a grandes distâncias — até centenas e milhares de quilómetros que separavam Leninegrado e Sebastopol. Eram também experiências de sugestão a partir de uma câmara metálica com paredes opacas à maior parte dos raios do espetro eletromagnético. Deram resultados extraordinariamente interessantes. Em particular, L. L. Vasilyev chegou à conclusão de que nenhum isolamento, nenhum obstáculo e, talvez, nenhuma distância terrestre pode perturbar a ligação telepática.

Em 1940 foram publicados experiências do professor S. Ya. Turigin, realizadas no laboratório de biofísica da Academia de Ciências da URSS, dirigido pelo académico P. P. Lazarev. Turigin tentava estudar as leis de reflexão das «ondas telepáticas», que identificava com ondas do espetro eletromagnético.

Significativamente mais amplamente começaram a realizar-se investigações de fenómenos telepáticos nos anos do pós-guerra. É verdade que todas passaram a ser realizadas em institutos fechados e laboratórios secretos.

Não há nenhuma necessidade de procurar mais e mais provas da existência da telepatia: tais provas acumularam-se mesmo em excesso. Está na hora de renunciar também às infinitas experiências com cartões, transmissão de desenhos — elas já nada acrescentam ao conhecido. É preciso considerar firmemente estabelecidas também algumas propriedades da telepatia — pelo menos aquelas que foram confirmadas nessas mesmas séries de experiências.

«Eu sou telepata — reconhecia abertamente Messing —, e claro que me apetece que mais rapidamente e mais profundamente seja conhecida a essência deste fenómeno. Estou pronto a contribuir com todas as minhas

forças para o seu estudo, mas só para o estudo, e não para o estabelecimento da existência da telepatia».

Agora sobre outras capacidades de Wolf Grigoryevich.

É sabido que a pessoa mergulhada no sono pode tornar-se brinquedo nas mãos do hipnotizador. Pode-se obrigá-la a recordar eventos do passado longínquo, livrar-se da dependência alcoólica ou tabágica etc. No entanto, apesar da grande força da sugestão, a maioria das pessoas pode ser introduzida em sono hipnótico apenas com a sua permissão e quando estão interessadas no sucesso da empresa. Felizmente, a maior parte dos hipnotizadores usa o seu dom para ajudar as pessoas, e não para as submeter à sua vontade.

Em 1841 o cirurgião britânico James Braid empreendeu uma investigação científica do hipnotismo, que considerava uma forma particular do sono normal. Chamava-lhe sono artificial, mas mais tarde propôs o termo que usamos até hoje, proveniente da palavra grega que significa «sono».

Os médicos e juristas modernos recorrem frequentemente ao hipnotismo. A força da sugestão pode ajudar a livrar-se de uma doença ou a restaurar a memória de uma testemunha importante. Não é de admirar que Wolf Messing também praticasse o hipnotismo.

Eis como ele próprio conta sobre isso.

«Até agora falei de telepatia, agora quero falar de outro meu talento, ligado ao hipnotismo. A minha mestria de hipnotizador sai fora dos limites das leis científicas, e não posso deixar de partilhar alguns dos meus segredos. Enquanto a telepatia continua envolta num véu de mistério, o hipnotismo, embora não estudado exaustivamente, representa uma força acessível a todos. O seu mecanismo foi investigado suficientemente a fundo.

Não me vou deter em pormenores, limito-me a afirmar que as raízes deste fenómeno remontam a um passado longínquo, ao início da civilização humana. Os sacerdotes do antigo Egito e da antiga Grécia dominavam o hipnotismo, nessa época isso só podia provocar medo místico nas pessoas. As danças dos xamãs esquimós representam uma forma peculiar de hipnotismo; com isso os feiticeiros curam as doenças dos seus congéneres,

usando todos os meios proporcionados pela sugestão hipnótica. O conhecido curador Franz-Anton Mesmer, que demonstrava milagres de cura no fim do século XVIII, usava nada mais do que hipnotismo. A sua força era tão grande que algumas pessoas consideravam que podiam curar-se completamente segurando nas mãos um objeto que ele tivesse tocado.

Aliás, Leonid Vasilyev realizou várias experiências com três mulheres introduzidas em estado hipnótico, à distância. Elas não viam nem ouviam o hipnotizador, que se encontrava noutra sala, mas mesmo assim adormeciam e acordavam pela sua ordem silenciosa; para confirmação disso usavam-se aparelhos especiais».

Alguns especialistas distinguem três estádios do transe hipnótico. O primeiro — sonolência. A pessoa sente peso no corpo, as pernas fraquejam-lhe, e os olhos começam a fechar-se involuntariamente. O segundo estádio — hipotaxia, quando o corpo se torna maleável como cera. Ao corpo pode dar-se qualquer posição, mesmo inacessível à pessoa em estado normal. O terceiro estádio — sonambulismo, quando a pessoa está absolutamente desligada do mundo circundante. Obedece apenas às ordens do hipnotizador.

Durante o hipnotismo as palavras do hipnotizador possuem força enorme. Pode-se obrigar a pessoa a não sentir dor de uma queimadura de cigarro! Messing assistiu à demonstração desta experiência cruel na Polónia. Ou, pelo contrário, um lápis comum pode parecer ao hipnotizado incandescente ao rubro. E o que é espantoso, ficar-lhe-ão mesmo marcas da queimadura! O hipnotizador pode obrigar o sujeito a colocar a mão num jarro com água e sentir frio. Mesmo se a água for suficientemente quente, digamos, cerca de 40 graus, a mão dele cobrir-se-á de pele de galinha. Isto não só é visível visualmente, mas foi registado por aparelhos.

Os processos subjacentes ao hipnotismo estão bastante bem estudados pela ciência. No estado hipnótico bloqueiam-se as funções do córtex cerebral. Digamos que, se uma pessoa perde o dom da fala após algum choque, a sua língua e laringe deixam de lhe obedecer. As perturbações ocorrem nesse caso no departamento do cérebro responsável pela fala. Mas sob a influência de outro choque, mais forte, este departamento do cérebro pode ser desbloqueado. Na imprensa mundial foi amplamente noticiada a história sensacional de um surdo-mudo que adquiriu a capacidade de ouvir e falar após ser atingido por um raio. Vale a pena lembrar também a

história de um cego que recuperou a visão após um ataque apoplético. Por vezes um hipnotizador talentoso pode provocar o mesmo choque curativo por sugestão.

«Que formas de hipnotismo utilizo eu? Partilho um segredo profissional. Aliás, aquele incidente da infância, quando o revisor aceitou um papelinho limpo como bilhete, foi também uma forma de sugestão hipnótica — diz Messing e conta um dos casos mais famosos da sua prática. — Uma vez fui convidado ao Kremlin por Estaline, que tinha ouvido falar das minhas façanhas e queria especialmente saber como me tinha escapado daqueles saudosistas da Gestapo

. Estaline tinha de si próprio uma opinião tão elevada que nem podia admitir que alguém o pudesse enganar a ele próprio.

“Vós, camarada Messing, não podereis sair deste edifício sem passe assinado pelo meu secretário!” — disse-me ele. “Sem este papelinho? — perguntei eu. — Fiquei com ele, camarada Estaline, e ameace os seus guardas com castigo severo se me deixarem passar”. Consegui ferir o seu amor-próprio. Telefonou ao chefe da guarda e ordenou que não me deixassem sair sem passe, no qual devia estar indicado o tempo exato e que devia ser assinado pessoalmente por ele. Depois instruiu o seu secretário, a quem encarregou de me seguir discretamente a uma distância de dez passos. Comecei a preparar-me...

Passados alguns minutos já estava na rua, tendo passado pela guarda, que continuava a vigiar atentamente a janela do gabinete de Estaline. “Talvez devesse mandar-lhe um beijo pelo ar”, — pensei eu, sorrindo, quando notei a sua figura na janela. A existência de uma fronteira entre o que é aceitável e inaceitável do ponto de vista da moral dificulta experiências semelhantes. Cada pessoa tem um código moral pessoal. Nunca se deve sair desses limites, mesmo sob hipnotismo, caso contrário será causada uma trauma psíquica à pessoa. Alguns especialistas consideram que uma pessoa com valores morais elevados não poderá mesmo sob hipnotismo fazer algo contrário aos seus princípios. Não sei. Possivelmente, tal capacidade de resistir à influência do hipnotizador possuem algumas pessoas, mas claramente representam uma exceção à regra».

Conta Tatiana Lungina

Li uma vez sobre um caso em que a uma pessoa hipnotizada deram nas mãos uma pistola carregada com cartuchos de salva e ordenaram que disparasse contra um alvo vivo. A pessoa não obedeceu. Mas o hipnotizador saiu da situação sugerindo-lhe que disparava contra um alvo comum num campo de tiro.

Assim, o hipnotismo pode representar uma arma perigosa nas mãos de um doente mental ou de um criminoso.

É conhecido um caso em que ladrões usaram hipnotismo num país ocidental. Dinheiro e valores estavam colocados num cofre subterrâneo de um banco, a entrada era guardada vinte e quatro horas. Os guardas não de serviço relaxavam numa salinha, bebendo café, jogando às cartas e conversando. A única pessoa que podia entrar no cofre a essa hora era o idoso limpador-encajador. Terminando o trabalho na sala da guarda, desceu aos cofres subterrâneos. Limpando também lá, voltou ao corredor, trocou duas palavras com a guarda, acabou de fumar o cigarro e saiu.

No dia seguinte descobriu-se que um cofre tinha sido esvaziado. O limpador, que trabalhava há muitos anos e se recomendara bem, caiu sob suspeita. Revelou-se que dois dias antes do roubo ele, contornando as leis aduaneiras, abandonara o país, subornado pelo verdadeiro ladrão, que lhe pedira que não aparecesse no trabalho durante alguns dias. O salário do limpador era pequeno, e ele cobiçou o dinheiro. Durante a sua ausência o ladrão veio no lugar dele ao trabalho, sugerindo à guarda que era empregado do banco. Na realidade não limpava o chão, mas o cofre.

Sempre me interessou como Wolf se relacionava com curadores de vários tipos, e uma vez durante uma conversa Wolf comparou o seu talento ao hipnotismo.

— Os seus encantos, sem dúvida, baseavam-se numa variedade de hipnotismo, bastavam-lhes alguns segundos para alcançar o resultado. Eu sei isso não por ouvir dizer, pois eu próprio podia fazer passar uma dor de cabeça com um simples toque da mão. Fiz isso milhares de vezes e não dizia uma palavra. Claro que as minhas capacidades curativas não são uma panaceia. Os curadores populares aliviam a dor, mas não são capazes de nos livrar da sua causa. Depois de fazermos o nosso trabalho, o paciente deve ir ao médico. Mas mesmo assim penso que a medicina deve prestar

mais atenção aos meios populares. Alguns deles têm raízes num passado profundo, e negligenciá-los é estúpido. Quantos segredos estão escondidos nas tradições culturais de vários povos!

Quem sabe, por exemplo, como se fabricava o famoso aço de Damasco? Em Deli ainda está de pé uma antiga coluna de ferro inoxidável. Pode encontrar-se nalgum outro lugar do mundo ferro inoxidável? Admiramos a vivacidade das cores de cera que usavam os artistas do antigo Egito, mas não conseguimos desvendar o seu segredo. Isto são apenas alguns dos milagres não sujeitos à nossa compreensão.

Quantos enigmas assim encerra em si a medicina popular! Simplesmente não temos o direito de negligenciá-los.

Os escritores de ficção científica antecipavam frequentemente as conquistas científicas do futuro. Ainda mais nos impressionam as capacidades dos antigos: eles podiam por vezes prever eventos que deviam ocorrer milhares de anos depois. Uma parábola indiana de há quase dois mil anos descreve um voo cósmico, comunicação telepática, misteriosos viajantes celestes, os chamados discos voadores. Um conto japonês criado há três mil anos descreve a teoria da relatividade. Narra um jovem pescador a quem, como recompensa por salvar a filha predileta do rei do mar, foi permitido passar três dias no seu reino submarino.

Regressando à terra, o pescador descobriu que se encontrara noutra dimensão, onde passara setecentos anos terrestres. Interessante, terá Albert Einstein lido este conto?

Realmente, no mundo não há nada de novo. Muitas vezes admiramo-nos com descobrimentos espantosos contidos nas tradições e lendas populares.

Uma vez Messing contou-me ainda sobre outro lado do seu talento — a capacidade de lidar com problemas psicológicos.

Ele podia controlar a vontade de uma pessoa simplesmente olhando-lhe para a nuca, sem contacto visual.

Num espetáculo num pequeno e acolhedor salão de uma das residências ministeriais de Moscovo em meados dos anos cinquenta a sua audiência consistia em militares de alto oficialato, estavam presentes até generais. Tudo no palco decorria segundo o protocolo. Os espetadores

tentavam penetrar na essência das experiências que lhes eram demonstradas. Messing procurava evitar observações ambíguas e ajudava-os a compreender o que fazia.

De repente no fim da sala apareceu a figura de um homem gordo, calvo, com o posto de tenente-general.

Todos se levantaram e saudaram-no militarmente. Sentou-se na primeira fila e com ironia não disfarçada disse: «Bem, vamos ver os seus truques». Messing irritou-se com este burocrata presunçoso. «Truques? Ótimo, o senhor será o meu indutor!» — disse ele.

E começou a dar-lhe ordens mentais, obrigando-o a comportar-se de modo não adequado a um oficial tão sólido. Dirigiu-se ao palco, saltando numa perna só — três saltos para a frente e um para trás.

A sala ficou em choque, observando os movimentos selvagens do profundamente respeitado comandante, depois todos finalmente compreenderam o que tinha causado isso. Tudo acabou bem, pois o general não se lembrava do que lhe tinha acontecido quando estava sob hipnotismo, e nenhum dos subordinados se atreveu a mencionar o embaraço.

— Foi hipnotismo? Sim, sem dúvida. Mas era uma variedade mais complexa dele em diferença daquela que observamos no contacto do paciente com o médico. Eu uso frequentemente o hipnotismo para tratamento de doenças psíquicas. Um conde polaco era dominado por uma ideia obsessiva paranoica estranha: parecia-lhe que pombos faziam ninho dentro da sua cabeça.

Os médicos não sabiam como tratar tal estado. O próprio conde recusava teimosamente o tratamento, temendo que, se fosse operado, juntamente com o ninho lhe removessem também a cabeça. Tendo experimentado todos os meios, os médicos recorreram a mim.

Usei um método completamente diferente de interação com o paciente, pois compreendia bem que era inútil usar os truques habituais.

Fingindo ser um idiota, entrei com ele numa conspiração secreta. Na primeira consulta levei comigo um longo tubo brilhante num tripé, algo como um telescópio portátil com pequenas roldanas e rodinhas. Coloquei o instrumento ao lado da cabeça do conde e examinei cuidadosamente o seu conteúdo.

«Sim, conde — disse eu —, o senhor tem absolutamente razão. Na sua cabeça realmente há um ninho de pombo, e temo que nele não se instalem outros pombos».

«Está a ver! — exclamou o conde. — E os outros duvidam. Dia e noite sinto o farfalhar das suas asas, e agora começa a aproximar-se deles um gato. Então realmente começará tal coisa! A minha cabeça voará em pedaços!» Respondi que podia expulsar os hóspedes indesejados da sua cabeça e eles nunca mais lá voltariam. O conde disse que me ficaria muito grato por isso. Depois, aplicando o telescópio à sua cabeça mais uma vez, contei em voz alta todas as aves e informei que elas tinham começado a pôr ovos. No entanto assegurei-lhe que as aves em breve abandonariam o ninho, pois não lhes agradava que observassem a sua vida. Provavelmente em breve decidiriam procurar um lugar mais adequado.

Depois despedi-me do conde e fui para o hotel.

Na manhã seguinte o conde mandou uma carruagem buscar-me. «Muito obrigado — disse ele. — Os malditos pássaros voaram! Mas chocaram os pintos, e eles são ainda mais barulhentos!» Com a ajuda do meu maravilhoso telescópio voltei a examinar o conteúdo da sua cabeça, confirmei a presença da geração jovem e marquei a última sessão para o dia seguinte. Então levei comigo três ajudantes, entregando-lhes pombos verdadeiros numa cesta, e escondi-os no jardim nos arbustos.

Vendando os olhos do conde com um lenço de seda, levei-o para os arbustos. «Chega o momento responsável, conde — disse eu solenemente. — Ouça atentamente». Disparei com uma pistola — era o sinal para os meus ajudantes soltarem os pombos. Nesse mesmo momento tirei do meu bolso um pombo morto e meti-o nas mãos do conde.

«Está a ver, conde, consegui matá-lo». O conde viu com os próprios olhos os pássaros a voar. Depois enterrou o pombo morto. O conde livrou-se da sua obsessão durante alguns anos, mas um conhecido seu, considerando que a doença já não voltaria, contou-lhe da minha astúcia. Sabendo a verdade, o conde por um instante ficou petrificado de horror e com um grito selvagem agarrou a cabeça. Os pássaros voltaram de novo. Duvidava que conseguisse encontrar um meio para o curar pela segunda vez.

Como se sabe, Sigmund Freud considerava os sonhos um elemento extraordinariamente importante para a compreensão do estado psíquico do homem. Não só teve sucesso no tratamento de doenças psíquicas, mas podia pôr um diagnóstico exato. Por vezes pedia aos pacientes que contassem vários sonhos que especialmente se lhes tivessem gravado na memória. Analisando estes sonhos, onde o subconsciente vem para primeiro plano, penetrava na essência da vida psíquica do paciente. Os sonhos levam-nos a um mundo associativo: o paciente ajuda a obter uma ideia do que com ele acontece na realidade.

Confesso honestamente que estou pouco familiarizado com esta área misteriosa da alma humana e nunca recorri a ela nos meus experimentos. No entanto, posso captar imagens do passado ou do futuro por meio de outro instrumento psíquico, e não importa como o chamareis — telepatia ou clarividência. Contarei um caso incrível, que ainda hoje me parece um pesadelo.

Após uma das minhas atuações nos Urais, veio ao meu quarto no hotel um jovem de vinte e dois anos com traços finos no rosto. Estava muito cansado, mas não podia recusar-lhe. Apenas ao olhar para ele, compreendi que sofria intensamente. O desespero e o medo liam-se nos seus olhos. Instantaneamente determinei que tinha sido vítima de um drama amoroso. Depois soube que fora criado num lar de crianças e era ainda muito pequeno quando a administração lhe contou que os seus pais eram «inimigos do povo». O pai tinha sido fuzilado, e os rastos da mãe perderam-se nos campos. Aos dezasseis anos entrou num instituto técnico e dois anos depois começou a trabalhar como mecânico numa fábrica. Vivia no hotel local, à espera que se libertasse um quarto no dormitório da fábrica.

Chegou à cidade uma mulher, que se instalou no mesmo hotel, e conheceram-se. Ela era vinte anos mais velha do que ele, mas parecia mais jovem do que os seus anos. Tinha sido recentemente libertada de um campo. Surgiu um romance. Mas a mulher precisava de ir à capital para recuperar os documentos e, de caminho, o seu bom nome. Ele não pôde acompanhá-la, e ela também não queria isso. Nela falou a sabedoria feminina, que lhe sussurrava que nada de bom sairia do seu romance devido à diferença de idades. Disse-lhe que o comboio para Moscovo partia quando ele estaria a trabalhar no turno da noite. Depois partiu e não deixou

quaisquer coordenadas suas. O jovem impressionável ficou muito perturbado. Os vários dias que passaram juntos foram cheios de ternura e amor. Uma vez tiraram uma fotografia no parque da cidade. Esta fotografia — a única coisa que lhe restou como recordação da amada.

O jovem meteu a mão trémula no bolso e entregou-me uma fotografia a preto e branco. Fiquei estupefacto. Diante de mim estava o rosto de uma bela mulher jovem, a quem de modo nenhum se poderiam dar trinta e oito anos. Subitamente fui atingido por uma descoberta que me assustou. Parecia que o jovem sentiu o que eu pensava. Nas minhas mãos estava a prova de que a tragédia de Édipo se repete também nos nossos tempos. O jovem não se parecia com a mulher, e eu não tinha quaisquer provas do seu parentesco, mas estava convencido de que diante de mim estava a fotografia de uma mãe e de um filho!

Tendo ouvido falar das minhas capacidades, o jovem queria pedir-me que estabelecesse o paradeiro dela. Mais ainda, desejava saber se o filho era dele. Na minha cabeça havia uma completa confusão, surgiam imagens da mulher, que ansiava por carícias masculinas após quinze anos num campo e encontrara paz nos braços do próprio filho. Se eu revelasse ao jovem o segredo, isso levá-lo-ia a um esgotamento nervoso, e compreendi que devia dizer uma mentira nobre para o salvar.

Assim, reunindo a vontade num punho, disse ao meu visitante: «Creia em mim e siga o meu conselho. A sua amada casou com um estrangeiro e agora vive no estrangeiro. Tem um filho, mas não é seu. Esqueça-a. Tem o negativo da fotografia? Não? Excelente. Ficarei com ela, se me permitir. Recordar-me-á do nosso encontro». Após hesitar, o jovem concordou em deixar-me a foto. Pedi-lhe que viesse ver-me mais uma vez antes de eu partir da cidade. Veio passados cinco dias e parecia muito mais calmo.

Sabes, Tânia — concluiu Wolf Grigoryevich o seu relato —, que eu trago sempre comigo um talismã — um anel com um diamante de três quilates, nessa altura trazia também uma engraçada pequena estatueta esquimó de osso, que me ofereceram em Magadan. Gravei nela com um canivete as minhas iniciais e entreguei-a ao meu hóspede. Ele agradeceu-me e partiu, libertado para sempre, parece, do pesadelo que o atormentava.

Wolf trouxe muitas impressões das suas viagens pelo Oriente. Pode dizer-se que a Europa lançou nele as bases dos conhecimentos

psicológicos, e o Oriente poliu-os. Durante a viagem pela Índia conheceu alguns iogues e interessou-se muito pelas suas capacidades. Inspiraram-no a continuar as experiências com o sono cataléptico. Ao regressar, começou a demonstrar esta experiência em várias capitais europeias. Depois seguiu-se uma interrupção de vinte e seis anos, não porque estas demonstrações não interessassem os espetadores, mas porque esgotavam o seu corpo e alma. E o principal — tais atuações eram proibidas na União Soviética.

Em dezembro de 1963 pediram a Wolf que demonstrasse novamente estas capacidades na Casa Central dos Literatos em Moscovo. A catalepsia interessava mais como fenómeno científico do que como entretenimento. À atuação vieram pouco mais de cem pessoas. Estavam presentes também médicos, incluindo o professor Sergeev — diretor do Instituto de Investigação do Cérebro. Foi precisamente a pedido dele que Messing concordou com a experiência. Estavam também alguns jornalistas. Wolf era percecionado como um médico que mostrava uma operação complexa aos seus alunos.

Como a experiência era bastante complexa e perigosa, decidiram que um jovem psiquiatra traria Messing de volta aos sentidos se algo corresse mal. Após uma longa interrupção, aos sessenta e quatro anos, Messing não confiava plenamente nas suas forças. A doutora Lidia Pakhomova levou consigo os medicamentos habituais: cafeína, estrofantina, oxigénio e coisas semelhantes. Podia também, se necessário, fazer massagem cardíaca.

Wolf subiu ao palco, cruzou as mãos no peito à maneira oriental e inclinou-se profundamente. Disse que não podia garantir o sucesso e pediu desculpa antecipadamente. Depois ficou um pouco em silêncio e imobilizou-se, como se estivesse profundamente pensativo. Passados sete — dez minutos, o seu coração e outros órgãos funcionavam normalmente. Passados trinta — quarenta minutos, tornou-se claro que Messing se mergulhara num transe profundo.

Transformara-se como que numa cópia escultórica de si próprio. A médica anunciou que não sentia o pulso. Os seus assistentes trouxeram para o palco duas cadeiras e deitaram nelas Messing. O seu corpo permanecia rígido, como se fosse esculpido em madeira. Isto, é preciso dizê-lo, não era um espetáculo agradável, mas a ciência, como a arte, exige sacrifícios.

O homem mais pesado subiu a uma cadeira e sentou-se na barriga de Messing. Mesmo sob a pressão de tal peso o seu corpo não se moveu. A médica fez uma injeção com uma grande agulha hipodérmica de solução antisséptica nos músculos do pescoço. Ele não reagiu, e não apareceu uma gota de sangue no local da picada. Depois o professor Sergeev convidou um dos espetadores para o palco e pediu-lhe que perguntasse algo a Messing.

Nessa altura estava aguda a questão da fronteira soviético-chinesa, e perguntaram a Messing se este confronto resultaria num conflito militar. Foi repetida várias vezes, mas Messing calava-se. Decidiram que, possivelmente, ele poderia escrever a resposta. No seu peito colocaram uma tábua com uma folha de papel e meteram-lhe uma caneta na mão. Como um robot, Messing escreveu:

«Haverá paz!»

Nesta nota alegre a atuação terminou. Com a ajuda dos médicos Messing voltou à vida normal. Esta experiência cansou-o muito.

Passados alguns dias Messing festejava o Ano Novo com a sua família, e quero notar que nunca o vimos tão esgotado.

Nessa altura os meus filhos tinham crescido e estavam independentes. O mais velho, Vladimir, estudava física teórica na Universidade de Baku. Aos vinte e seis anos defendeu a dissertação de candidatura, e pouco depois a de doutoramento. Sasha em 1965 entrou no instituto médico, embora com grande dificuldade. Estávamos felizes, mas em breve no horizonte sem nuvens surgiu uma nuvem. O professor de anatomia Leopold Gavrilov, por alguma razão, passou a odiar Sasha. Chumbou-o em dois exames e em qualquer ocasião humilhava-o. Uma vez disse-lhe: «Lungin, é melhor deixar o instituto, nunca passará na minha disciplina. Isso prometo-lhe eu».

Sasha ficou completamente abatido. O seu estado piorava à medida que se aproximava o exame final de anatomia. Parecia-me que Sasha exagerava tudo, mas mesmo assim iniciei uma conversa com Wolf. Wolf escutou-me atentamente, e depois inesperadamente mudou de tema. Eu sabia que se ele não queria falar de algo, por nenhuma força se podia obrigá-lo a fazê-lo.

Chegou o dia do exame. Sasha saiu de casa de mau humor. Tocou o telefone.

— Taibele! Compreende, é vergonhoso! Não posso trabalhar assim.

Era Wolf, algo o preocupava.

— Sasha vai telefonar-te. Diz-lhe que pare de se preocupar. Diz-lhe que eu estou com ele.

— Wolf Grigoryevich, ele não pode telefonar, está no exame.

— Não fala Wolf Grigoryevich, fala Messing! Ele vai telefonar.

Eu sabia que discutir com ele era inútil. Simplesmente disse: «Bem» e desliguei. Quase imediatamente tocou de novo o telefone. Era Sasha.

— Mãe, não vale a pena tentar. Gavrilov acabou de sair e disse: «Não se esqueça, Lungin, vai fazer o exame oral comigo!» Se visses a cara sanguinária dele. Não sei o que fazer.

— Acabou de telefonar Wolf e mandou-te que te acalmes. Ele mantém contacto contigo e ajudar-te-á.

Sasha suspirou, mas era-lhe difícil acreditar que Wolf pudesse ajudar. No entanto decidiu arriscar. Eu rapidamente me arranjei e fui para o instituto, felizmente ficava perto de casa. Subindo a escada, vi Sasha a descer. O seu rosto estava branco como giz. Tinha tirado 4. Não podia acreditar.

— Mãe, eu sabia que Wolf era capaz de muito, mas de tal coisa... — começou ele. — Gavrilov olhava-me fixamente e não me via, como se eu nem lá estivesse. É um milagre! Esperei até outro professor ficar livre, e ele aceitou o meu exame mesmo na mesa ao lado, debaixo do nariz de Gavrilov. Imagina o que vai ser com ele! Vai lá acima e espera por mim, que eu vou correr a comprar vinho.

Entrei na sala de exames, onde jaziam cadáveres em formaldeído. Atrás de cinco mesas sentavam-se os professores. No centro estava um homem enérgico de cabelo ruivo. Este sem dúvida era Gavrilov, que Sasha descrevera pormenorizadamente. Perguntou aos estudantes se todos tinham feito o exame. Um coro de vozes respondeu: «Sim». «Nem todos — retorquiu ele sombriamente. — Lungin não fez». Os estudantes asseguraram ao professor que também Sasha tinha feito o exame e tirara 4.

Ele ergueu as sobrancelhas em indignação espantada. Compreendi que Sasha nada exagerara e que este exame poderia realmente ter sido o último para ele.

1965 foi notável também por outro acontecimento, é verdade, triste. Voltou a fazer-se sentir a minha irradiação, e fiquei pior. Os médicos aconselharam internamento para exames no hospital do Ministério dos Caminhos de Ferro em Moscovo, onde o departamento de hematologia era dirigido por Iosif Kassirsky, o especialista mais experiente em doenças do sangue. Era difícil arranjar lá lugar, mas considerava impossível usar o meu conhecimento com Messing ou com o próprio Kassirsky para esses fins. Felizmente, o meu filho mais velho tomou o assunto nas suas mãos. Telefonou para o hospital e apresentou-se como algum funcionário do Ministério das Comunicações. Fui imediatamente internada, embora o hospital estivesse superlotado.

Passados alguns dias Kassirsky disse que a operação ao baço era inevitável. Tive de concordar, mas estava terrivelmente assustada. Uma vez entrou na enfermaria uma enfermeira:

— Lungina, chamam-na ao telefone, mas que seja a última vez. Chamadas telefónicas distraem o pessoal do trabalho.

— Taibele? — ouvi a voz. Só Wolf me chamava por este nome. — Amanhã tens marcada uma operação?

— Sim.

— Não te preocupes, a operação não haverá. Boa noite.

Sem explicar mais nada, Wolf desligou.

De manhã cedo entrou na enfermaria uma enfermeira e lembrou-me que não comesse nada antes da operação. E o que dizer da previsão de Wolf, pensei eu? Mas segui a enfermeira pelo corredor, passando pela sala de operações, até ao primeiro andar. Na sala de conferências esperava-nos o professor Abramov. Aqui estavam cerca de duzentos médicos e estudantes, todos vestidos com batas brancas. O doutor Kassirsky também lá estava. Pegou na minha mão e disse que pelos resultados das análises da medula óssea a minha operação era adiada. E explicou aos estudantes que se o curso de tratamento não fosse coroado de sucesso, então a operação seria realizada sem demora. Perguntei-lhe:

— Tomou esta decisão porque Messing lho pediu?

Ele ficou surpreendido.

— Messing? Que tem ele a ver com isto? — E, sorrindo, disse: — Não, minha querida, os meus amigos não interferem nos assuntos dos meus doentes. Nem mesmo Wolf Grigoryevich. Além disso, há muito que não o vejo.

Wolf e Iraida visitaram-me no dia seguinte, trouxeram uma caixa de bombons de chocolate e bananas. Na conversa Messing não tocou no tema que me interessava. O que aconteceu? Ele por meios de telepatia sugeriu a Kassirsky que adiasse a operação ou curou-me ele próprio? Passados três dias deram-me alta, prescrevendo repouso na cama.

Diante da Casa Central dos Trabalhadores Médicos, a 19 de janeiro de 1966, havia um mar de gente. Chamaram a polícia para conter a multidão descontrolada, composta por pessoas que não tinham conseguido bilhetes para a atuação jubilar de Messing. Na realidade ele já tinha 67 anos, mas por alguma razão o governo decidiu que devia ser o jubileu de 65 anos do conhecido telepata e clarividente.

Na véspera tinha estado em casa dos Messing e soube que Wolf não se sentia muito bem. Iraida disse-me que, provavelmente, se tratava do seu apendicite crónico. Não lhe apetecia festejar jubileus nenhuns, mas não podia cancelar a atuação. Deviam estar presentes cientistas e jornalistas. Propus-lhe que consultasse o professor Viktor Agranenko, cirurgião experiente do Instituto de Hematologia e Transfusão de Sangue: talvez devesse ir para o hospital. Mas Wolf recusou, dizendo que não tinha o direito de desiludir tanta gente.

A sala estava cheia até ao limite. No vestíbulo e nas salas adjacentes instalaram altifalantes para satisfazer os infelizes que não tinham conseguido bilhetes. Eu devia ler o discurso de saudação. Não é fácil falar de um amigo diante de tanta gente. O meu discurso saiu completamente diferente do que planeara. Simplesmente expus brevemente a história do nosso conhecimento, inserindo de vez em quando epítetos elevados.

Quando terminei, houve aplausos, mas eu estava descontente comigo própria. No entanto os outros, embora mais eloquentes, não me superaram muito. Simplesmente prodigalizavam cumprimentos e admiravam Wolf.

Wolf pediu a todos os oradores que ficassem no palco, onde ao redor da mesa em semicírculo estavam colocados cestos com flores. Sentava-se à mesa como uma criança no seu aniversário. E só pôde dizer:

— Amigos, muito obrigado!

Com estas palavras começou a atuação. Subiu ao palco uma mulher corpulenta de cerca de 60 anos e queixou-se de que sofria de dores de cabeça insuportáveis há meio ano. Messing pediu um copo de água, sussurrou algo ao ouvido da mulher, segurou-lhe o pulso durante alguns segundos e ordenou-lhe que bebesse alguns golos. Quase imediatamente ela declarou que a dor tinha passado!

No dia seguinte a festa continuou, mas numa atmosfera menos oficial. Messing deu um banquete no majestoso Salão Vermelho do restaurante «Praga». Foram convidados muitos hóspedes ilustres.

Tudo correu bem, houve muitas piadas e riso. Os empregados estavam habituados a ver estrangeiros e altos funcionários do partido, mas mesmo assim olhavam com interesse para Messing. As pessoas vinham ver Messing até da sala ao lado, onde se celebrava um casamento. No fim da noite apareceram os próprios noivo e noiva, pedindo um autógrafo a Messing.

Estou convencida de que tanto os recém-casados como os convidados pensavam que esta união seria longa e sólida, mas quando regressaram à sua sala, Messing disse calmamente: «Viverão juntos exatamente cinco meses». Infelizmente, não pude verificar a veracidade das suas palavras; nunca mais encontrei este casal. No entanto não duvidava que a previsão de Wolf se cumpriu.

Um dia após as homenagens telefonou Iraida e disse que Wolf estava internado no hospital Botkin. Encontrava-se em estado crítico, e deviam operá-lo imediatamente. O meu filho Sasha, estudante do segundo ano do instituto médico, trabalhava na mesma clínica. Quando cheguei, ele recebeu-me, fazendo o sinal da cruz com os indicadores. Isto significava que as coisas estavam más. Explicou que o apêndice de Messing tinha rebentado, causando peritonite. Nessa altura em Moscovo havia uma epidemia de gripe, e o hospital estava fechado a visitas, mas o meu filho informou Wolf que eu tinha chegado, e permitiram-me vê-lo. Saudou-me com um sorriso azedo. Inclinei-me e beijei-o na testa, compreendendo o

que lhe custava o sorriso: a sua temperatura aproximava-se dos 40 graus. Não se queixava, mas a respiração era pesada e entrecortada.

Na sua enfermaria jazia também um jovem de compleição atlética com barba à Ernest Hemingway. Messing acenou na direção do homem, chamou-me com o dedo e sussurrou:

— Taibele, estes malditos médicos pensam que comigo está tudo acabado — disse ele —, mas enganam-se. Tenho pena deste jovem. Ele está a viver os últimos dias, embora pareça estar em excelente forma.

Quando vim pela segunda vez, Wolf pediu que lhe trouxesse um pouco de caviar preto: quase perdera completamente o apetite. Percorrendo toda Moscovo, consegui uma latinha. Wolf ficou muito contente. Agora sorria sem esforço, e compreendi que as coisas iam melhor. Mas o bravo jovem já não estava, como previra o meu amigo.

Messing recuperava rapidamente, e passadas algumas semanas teve alta. A ameaça passou, e festejou o seu aniversário em plena saúde.

Passados três anos festejávamos o seu aniversário no restaurante do hotel «Sovetskaya». O caso era notável: 70 anos. Em segredo de todos encomendei um enorme bolo festivo e mal consegui colocar nele 70 velas. Os convidados sentavam-se às mesas, o champanhe estava aberto, e de repente na sala apagou-se a luz. Quando saí da escuridão com o enorme bolo, no rosto de Wolf apareceu um largo sorriso.

Wolf Grigoryevich gostava de dar atuações neste hotel. De novo aqui se reuniram muitas celebridades. Messing era amado por todos.

No verão de 1967 alguns trabalhadores científicos médicos convidaram Messing para o Alto Volga. Ele, por sua vez, convidou-me a mim e aos meus filhos. O meu filho mais velho Vladimir tinha recentemente passado por um divórcio. Messing soube do casamento do filho apenas quando já era facto consumado. Então avisou-me que a família se desfaria. «Exatamente meio ano — lembra-te disso, Taibele, durará apenas meio ano!»

A previsão cumpriu-se exatamente.

Sasha, entretanto, apaixonara-se por uma jovem, e Wolf pressentia que também aqui nem tudo corria bem. Penso que por isso nos convidou para esta viagem. Instalámos-nos numa casa mesmo na margem do rio.

Wolf levou consigo duas bolonhesas, Pushinka e Mashenka, que, cansadas da vida citadina, corriam loucamente pelo pátio todo o dia. Cogumelos havia poucos, mas Messing com as cadelas ia todas as manhãs ao bosque de coníferas para apanhar pelo menos alguns. Jantávamos num velho vapor transformado em restaurante. Os trabalhadores reconheceram Messing, e frequentemente aproveitávamos isso, pedindo que preparassem cogumelos ou peixe que por vezes Sasha trazia.

Quando estava calor, Messing ia à aldeia mais próxima, onde perto de um moinho abandonado brotava uma nascente. Apanhava um punhado de água, matava a sede, e para nós trazia um pouco para o chá da noite numa garrafa de plástico. Wolf fez amizade com os camponeses locais, comprando-lhes leite e perguntando sobre curadores populares e profetas que tinham vivido na sua região.

Como a maioria das atuações Messing dava nas cidades, não tinha oportunidade de encontrar-se com os habitantes rurais tão frequentemente como desejava. E agora fazia-o com grande prazer.

Os aldeões gostaram de Messing e no fim ofereceram-lhe uma prenda: uma figura de madeira de um homem sentado num tronco a beber cerveja caseira de uma grande caneca. Regressámos em ótimo estado de espírito.

— Quem poderia prever que seria tal bem-aventurança — notou Wolf.

Confesso honestamente que estou pouco familiarizado com esta área misteriosa da alma humana e nunca recorri a ela nos meus experimentos. No entanto, posso captar imagens do passado ou do futuro por meio de outro instrumento psíquico, e não importa como o chamareis — telepatia ou clarividência. Contarei um caso incrível, que ainda hoje me parece um pesadelo.

Quando um excerto da versão russa do meu livro sobre Messing apareceu no jornal emigrante de Nova Iorque «Novo Russkoye Slovo», começaram a telefonar-me e a escrever-me leitores que queriam partilhar as suas impressões dos encontros com ele na União Soviética. Alguns contavam como ele curara os seus amigos de graves doenças. Apresento testemunhos de várias pessoas, que agora vivem nos Estados Unidos, que na sua própria experiência se convenceram de que as previsões de Messing se cumpriam.

O primeiro relato pertence à pena do bem conhecido jornalista nova-iorquino Mikhail Germanov.

«No início de 1946, em Leninegrado, anunciaram que em breve chegaria Wolf Messing com experiências psicológicas. Nessa altura os rumores sobre as incríveis capacidades telepáticas de Messing tinham chegado também a Leninegrado. Contavam como este emigrante polaco, com a ajuda da sugestão, fugira da prisão de Varsóvia. Nessa altura eu era chefe do departamento teatral do jornal «Vecherniy Leningrad», e um belo dia Wolf Grigoryevich Messing apareceu na redação com a mulher.

Relacionando-se extremamente a sério com a sua primeira atuação, Wolf Grigoryevich pediu-me que o ajudasse a dissipar o mito de que executava truques comuns, como todos os ilusionistas e prestidigitadores. Propôs demonstrar as suas capacidades aos funcionários da redação.

No dia seguinte, após o trabalho, Wolf Messing dava uma atuação na sala de conferências. Diante de nós estava um homem de estatura média com uma cabeleira negra-azulada e olhos brilhantes e penetrantes, ligeiramente arrebitado e emocionalmente excitável.

Após uma curta palavra introdutória, pronunciada pela sua mulher, Messing começou uma série de experimentos. Descobria com facilidade objetos escondidos, segurando a pessoa pelo pulso. Lia bilhetes escritos pelos funcionários do jornal, lia páginas inteiras de livros aos quais olhara apenas por um instante. Realizava com espantosa rapidez operações com números de muitos algarismos, extraía raízes quadradas e cúbicas de números de sete algarismos e, além disso, enumerava todos os algarismos que figuravam na experiência.

Tudo isto antes dele demonstravam-no o espantoso parapsicólogo russo Arago (L. S. Levitin) e mais tarde o seu seguidor de Leninegrado Mikhail (Hans) Kuni. Messing não mostrou experimentos com sugestão telepática, explicando que isso era categoricamente proibido pelas autoridades.

Após a atuação, ao despedir-se de mim e da minha mulher, dirigiu-se a ela com a seguinte proposta:

— Sei o que a atormenta — disse ele. — A senhora quer muito saber o destino de uma pessoa querida. Venha ver-me amanhã de manhã ao hotel «Evropa», e partilharei consigo o que sei.

Com uma excitação perfeitamente compreensível, a minha mulher foi ter com Wolf Grigoryevich. Pegando-lhe na mão, disse:

— A senhora quer saber o destino do seu irmão, que combateu nas frentes da Grande Guerra Patriótica.

De facto, o irmão dela desaparecera sem deixar rasto no fim da guerra, e nenhum de nós sabia o que lhe tinha acontecido.

— Infelizmente, o seu irmão Anatoly foi morto pouco antes do fim da guerra.

Assim Wolf Grigoryevich livrou-nos das dúvidas quanto ao destino do familiar. As suas palavras foram mais tarde confirmadas por uma comunicação oficial recebida da comendatura e do commissariado militar. Este homem, sem dúvida, possuía capacidades espantosas».

A escritora Nadezhda Filippovna Kramova, que vive em Boston, contou-me uma história ainda mais interessante sobre o encontro com Wolf Messing.

«Quero partilhar convosco recordações que testemunham o seu dom mágico não só de ver eventos do passado, mas também de prever o futuro.

Encontrei-me com Wolf Messing durante a guerra. Em Perm (então Molotov) estava aquartelado um grupo de escritores evacuados de Leninegrado. Vivíamos no único edifício de sete andares da cidade, o hotel que apelidaram de «Sete andares». Uma vez no hall vi um homem baixo com uma cabeça grande e cabelos espetados para todos os lados. Passando por mim, parou, lançou-me um olhar penetrante, sorriu para algo e dirigiu-se rapidamente para a saída.

— Quem é este? — perguntei ao administrador do hotel.

— Como, não sabe? É Wolf Messing, chegou ontem.

— Oh! — disse eu, envergonhada da minha ignorância. Nessa altura este nome nada me dizia.

Em breve Messing dava a primeira atuação. Não me deterei pormenorizadamente nas suas capacidades fenomenais. Contarei o incidente que, na minha opinião, não se presta a explicação.

Deram a Messing uma tarefa relativamente simples: ir ter com uma mulher sentada na terceira fila, tirar o passaporte da carteira dela, subir ao palco e abri-lo. Lendo em voz alta o nome do proprietário, devia devolver o passaporte. Quando Messing subiu ao palco e abriu o passaporte, caiu dele uma fotografia.

— Que belo oficial — disse ele com um sorriso. — Um rapazinho completamente jovem.

Subitamente o seu rosto contorceu-se, os olhos arredondaram-se, e agarrou o coração.

— Cortina! Baixem a cortina! — gritou ele.

A sala ficou petrificada.

A sua assistente saiu para a frente do palco e anunciou que Messing se sentia mal, mas passados dez — quinze minutos a atuação continuaria. A última parte da atuação prolongou-se, pois Messing interrompia-se frequentemente para enxugar o rosto com um lenço. No dia seguinte conseguimos saber junto da assistente o que tinha acontecido. Revelou-se que Messing «vira» que o jovem fora morto exatamente no momento em que admirava a fotografia.

A mãe do jovem não estava instalada no nosso hotel, mas víamo-la todos os dias na cantina, onde estavam registados os nossos cartões de racionamento. Olhávamos com horror para o seu rosto, mas estava tão calmo como sempre; o filho escrevia-lhe frequentemente, e ela mostrava as suas cartas curtas e calorosas. Por algum tempo acalmámo-nos, considerando que Messing se tinha enganado. Afinal, todos os pessoas se enganam.

Passaram três semanas, e esquecemos este incidente. Mas passados vinte e quatro dias a mulher não veio à cantina. No dia seguinte soubemos que recebera a notificação de morte do filho, nela estava indicado o dia e a hora da morte, e exatamente nessa altura aparecera a visão a Messing.

Procurava nunca perder as atuações de Messing. Uma vez demorei-me após a atuação. A sala já esvaziara, e saí por último para a rua fria. Caía

uma forte nevasca, e além de dois passos nada se via. À entrada, indeciso, estava Messing.

— Tempo horrível — resmungou ele em alemão. — Como no inferno.

— Pior — respondi eu. — Pelo menos está quente.

— A senhora fala alemão? — Virou-se e olhou-me de forma estudada. — Isso é bom. A senhora está instalada no hotel. Vi-a no hall.

Assenti, espantada com a sua memória.

— Aqui está a minha mão, e vamos — continuou ele em alemão. — Agora pelo menos tenho com quem falar alemão. O russo para mim é muito mais difícil.

— Mas onde está a sua assistente? — perguntei eu.

— Às vezes ela vai-se embora após o intervalo.

Depois encontrava-o frequentemente à entrada, e regressávamos juntos ao hotel «Sete andares».

— Fale mais baixo — avisava-me ele. — Durante a guerra é perigoso falar alemão na rua. Uma vez tomaram-me por espião.

Nessa altura eram dias pesados e ansiosos para mim. Deixara de receber notícias do meu marido desde o bloqueio de Leninegrado. Corriam rumores de que fora morto num bombardeamento. Durante muito tempo guardei tudo em mim, mas finalmente decidi confiar em Messing. Não queria falar com ele das minhas ansiedades a caminho, mas não tinha coragem de pedir uma audiência: sabia que lhe era proibida a prática privada. Finalmente, decidi pedir à assistente que intercedesse por mim.

— Ele concorda, mas só como exceção — disse a assistente. — Venha ao quarto dele às três horas.

Tentarei reproduzir palavra por palavra a minha conversa com Messing.

— É a senhora? Sente-se. Mas lembre-se de que me é proibido receber visitantes. Por isso 15 minutos, e nem um segundo mais — disse ele.

Sentei-me obedientemente, sem saber por onde começar.

— Para começar — ajudou-me ele —, escreva num papel qualquer número. — Entregou-me um lápis e papel.

Escrevi o algarismo «18».

— Agora dobre o papel e coloque-o no seu sapato. Assim. Dê-me a sua mão.

Obedientemente fiz o que ele pedia. Passado um segundo Wolf Messing escreveu 18 num pedaço de jornal e olhou-me vitoriosamente. Encolhi os ombros: simplesmente perdíamos tempo.

— Ha! — disse inesperadamente Messing. — «Eu não vim para ele me mostrar os seus truques; simplesmente perdemos tempo». Adivinhei corretamente?

Sorri involuntariamente.

— A senhora quer perguntar o destino do seu marido.

— O que mais deseja saber uma mulher durante a guerra? — perguntei eu um pouco irritada. — Nem todos nasceram Messings.

— Mas para responder à sua pergunta é preciso ser Messing — disse ele astutamente e depois riu-se. Comportava-se como uma criança travessa, e isso começava a irritar-me ainda mais. Subitamente o seu rosto ficou sério.

— Eis o que lhe digo. Para começar quero passear pelo seu apartamento lá em Leninegrado — apertou fortemente a minha mão. — Vamos pelo corredor.

Aqui está ele. Vá devagar, à esquerda a porta para o quarto de alguém, corredor, à direita — o seu quarto, entre. Não, o piano não está ao lado da porta, mas junto à janela; o vidro está partido, a tampa aberta, nas cordas neve.

Bem, por que parou? Vá mais adiante. O segundo quarto está quase vazio: não há nem mesa, nem cadeiras, nem prateleiras — os livros estão em monte no chão no meio do quarto. Bem, basta.

— Soltou-me a mão. — E agora ouça atentamente! Escreva! — O seu rosto gradualmente ficava pálido e tenso. — O seu marido está vivo. Está doente, muito doente. A senhora verá-o. Ele chegará... chegará aqui a cinco

de julho às dez horas da manhã. — Messing calou-se e fechou os olhos. Eu temia mexer-me.

— Agora vá-se embora imediatamente! — disse ele baixinho. — Tenho uma atuação esta noite. Preciso de descansar, e estou aqui a ocupar-me consigo!

Olhou-me zangado.

— Estou cansado, vá-se embora! — gritou ele, enxugando gotas de suor da testa.

Finalmente chegou o cinco de julho. Eu já sabia que o meu marido estava fortemente esgotado pela fome e jazia num hospital. Não podia haver fala da sua chegada aos Urais num futuro próximo. Mas as palavras de Messing não me saíam da cabeça, e nós, amigos, esperávamos ansiosamente este dia. Eu até me preparei para o encontro: consegui vodca com cartões de manteiga, troquei parte dos cartões de pão por rebuçados de menta, e três metros de tecido que me dera o fundo literário troquei por batatas e cebolas.

A cinco de julho fiquei sozinha no quarto. Temia descer à cantina ou mesmo ir buscar água a ferver para o chá. Passavam as horas: 10, 11, 12...16, 17,18.

A cada poucos minutos alguma cabeça espreitava pela porta.

— Não chegou?

— Ainda não.

Sentava-me faminta, zangada, chorava e sentia-me uma idiota. Às sete horas bateram à porta. No limiar estava o meu marido. Aos ombros trazia um saco de campanha bem cheio, ainda apertava ao peito dois pães.

— Meu Deus! Esperei-te o dia todo! — gritei eu, lançando-me para ele.

— Como soubeste que eu chegava? — espantou-se o marido. — Aconteceu inesperadamente. Acabei de ter alta do hospital, e telefonaram-me.

— Contarás depois — interrompi eu. — Mal te aguentas de pé.

Tirei-lhe o pão das mãos e ajudei a tirar o saco. Se não o esperasse, dificilmente reconheceria neste homem envelhecido com raros cabelos grisalhos, têmporas encovadas, rosto por barbear o meu marido. E ele tinha apenas 42 anos. Quando nos separámos, era um homem belo, elegante, bem constituído. Doeu-me o coração.

— Esperei-te esta manhã — disse eu. — Mas o principal é que chegaste mesmo.

— Cheguei de manhã, às dez horas — respondeu ele.

— O quê? — exclamei eu com horror. — Onde estiveste todo este tempo?

— Vês, na estação davam pão a todos os passageiros, e estive oito horas na fila. Afinal, não podia renunciar ao pão.

— Meu Deus! Eu tenho pão suficiente!

Apeteceu-me chorar, mas contive-me.

Diante de mim estava uma pessoa que sobrevivera ao bloqueio de Leninegrado.

Quando regressei ao meu apartamento em Leninegrado, vi o piano com a tampa aberta junto à janela partida. A neve derretera, e dentro havia água. No chão do outro quarto estavam amontoados livros. Mobiliário não havia — os vizinhos queimaram-no no inverno frio de 1942. Fiquei contente por isso os ter ajudado a sobreviver».

E agora quero contar outro caso, quando as previsões de Messing mudaram a vida de várias pessoas e ajudaram a criar uma nova família.

O principal participante desta pequena drama foi o meu filho Sasha.

No início de 1968 Sasha conheceu uma simpática rapariga da Checoslováquia, cujos pais trabalhavam na embaixada checoslovaca em Moscovo. Em breve afeiçoaram-se um ao outro e encontravam-se quase todos os dias. Eu observava com alegria como as suas relações amistosas se transformavam em amor. Era assustador, no entanto, pensar no futuro. Criar família com uma estrangeira significava deparar-se com dificuldades incríveis. Além disso, após as tropas soviéticas entrarem na Checoslováquia, os pais de Iva, como muitos outros checos, mudaram radicalmente a sua atitude para com a União Soviética. Era um momento

importante na vida de Sasha, e eu não queria que repetisse o erro do irmão. Pedi-lhe que consultasse Messing. Ele convidou Sasha e Iva a sua casa para um chá, pedindo que levassem consigo uma fotografia dos pais de Iva.

Tudo correu maravilhosamente. Wolf estava de bom humor e brincou o dia todo. Quando os jovens se preparavam para partir, disse que lhes daria a resposta quanto ao seu futuro passados alguns dias. Passámos esse tempo em estado de tensão nervosa, temendo resultados negativos. Não penso que Sasha tivesse forças para romper com Iva.

Passados três dias Messing chamou Sasha a sua casa. Ele regressou feliz e excitado e anotou tudo o que Wolf Grigoryevich lhe disse.

— Devem casar com Iva. Ninguém te amará como ela. É uma pessoa muito boa, que raramente se encontra. Terão dificuldades no início. Os pais dela renunciarão a ela, mas passados dois anos após o nascimento do vosso primeiro filho mudarão de atitude. Terão dois filhos e uma filha, e tu tornar-te-ás um bom médico.

Contarei brevemente o que aconteceu na realidade.

Passados meio ano após essa conversa Sasha e Iva casaram-se, o seu primeiro filho, Garrett, nasceu em dezembro de 1969. Quem sabe se ele teria nascido se não tivesse sido aquele encontro com Wolf! No verão de 1971 partiram para a Checoslováquia, e a partir desse momento as suas relações com os pais de Iva começaram a melhorar. O seu segundo filho, Tomáš, nasceu em 1972. Em 1973 Sasha terminou o instituto médico.

Em 1978, quando apresentámos o pedido de saída para Israel, Iva com as crianças foi expulsa para a Checoslováquia. Só passados meio ano se encontraram de novo com Sasha em Viena. Após a chegada à América Sasha terminou a escola de pediatras e, como previra Wolf, tornou-se médico. Desde então Sasha e Iva são felizes. A última filha deles nasceu em maio de 1982.

Das memórias de Wolf Messing

Wolf Grigoryevich estava convencido de que mesmo se o seu ponto de vista sobre os fenómenos da telepatia não coincidisse com o ponto de vista deste ou daquele cientista, isso não mudava a essência da questão. Esperava que «o mecanismo material da sua arte» fosse, no fim de contas, encontrado.

Quanto às outras capacidades extraordinárias que Messing possuía, ele próprio apenas se espantava e confessava a sua completa impotência em propor qualquer explicação clara para essas capacidades. Ao mesmo tempo não podia ignorar completamente muitos factos, pois eram factos reais, e sobre eles costuma dizer-se que são coisa teimosa.

Além disso lembrava-se bem do conselho do grande cientista russo Dmitri Mendeleev, que disse uma vez relativamente a fenómenos que não cabem nos moldes geralmente aceites: «Não se deve ignorá-los, mas examiná-los exatamente, ou seja, indicar o que neles pertence à área dos fenómenos naturais conhecidos de todos, o que ao invento e à alucinação, o que ao número dos enganos vergonhosos, e, finalmente, não pertencerá algo à secção dos fenómenos atualmente inexplicáveis, que se realizam por leis da natureza ainda desconhecidas».

E mais adiante Messing conta sobre a capacidade espantosa para ele próprio de adivinhar e prever alguns eventos. Sobre alguns deles já soubemos dos relatos de Tatiana Lungina. E agora apresentamos tais factos, sobre os quais ele próprio narra.

Uma vez, ainda nos anos trinta, na Polónia, veio ter com Messing em consulta uma jovem mulher. Veio como a uma pessoa capaz de ler pensamentos, saber o que está oculto dos outros. Tirou uma fotografia de um homem, algo mais novo do que ela, com evidente semelhança familiar com ela.

— O meu irmão — explicou ela. — Há dois anos partiu para a América. Em busca da felicidade. E desde então — nem uma palavra. Está vivo? Pode saber?!

Olhou para a fotografia do irmão da pobre mulher... Aqui está ele, um dos dezenas e centenas de milhares de infelizes, devorados pela fábrica de máquinas de Detroit ou pelo matadouro de Chicago... E de repente viu-o, como se tivesse saído da fotografia. Como que algo rejuvenescido. Com um bom fato. E diz:

— Não se preocupe, pani. O seu irmão está vivo. Teve dias difíceis, agora ficou mais fácil. Receberá uma carta dele no décimo terceiro dia, contando a partir de hoje.

— Será a primeira notícia dele em dois anos.

— Depois escreverá mais frequentemente.

A mulher partiu e, como é costume, contou tudo aos vizinhos. Correu a notícia. Chegou aos jornalistas. Começou uma polémica na imprensa: enganara-se Messing ou não? Em geral, no décimo terceiro dia nesse lugarejo reuniram-se correspondentes de quase todos os jornais polacos.

A carta da longínqua Filadélfia chegou com o comboio da noite.

Sobre este facto escreveram muito os jornais polacos. E antes de ele se realizar — durante os fatais «treze dias» —, e depois. Foi uma das «sensações».

Outro caso aconteceu há alguns anos. Messing mostrava as suas «Experiências psicológicas» na redação de um jornal. Após a sessão convidaram-no para o gabinete do redator-chefe. Estavam presentes dez jornalistas.

A conversa recaiu sobre telepatia. Alguém exprimiu dúvida nas possibilidades de Messing. Ligeiramente excitado após a sessão que acabara de terminar, ainda não entrado em «estado normal», e ainda por cima instigado pela conversa, disse:

— Bem! Dou-vos a possibilidade de vos convenceres da força da telepatia. São todos jornalistas. Peguem nos vossos blocos.

Uns com interesse, outros com um sorriso cético, mas todos tiraram os blocos. Os que não os tinham, pegaram folhas limpas da mesa do redator-chefe. Armaram-se de canetas...

— Agora escrevam — ordenou ele alegremente —, hoje — cinco de junho... Entre o vigésimo e o vigésimo quinto de junho... Desculpem, qual é o vosso apelido? — dirigiu-se a um dos presentes.

— Ivanov Ivan Ivanovich — respondeu prontamente aquele.

— Pois bem, entre o vigésimo e o vigésimo quinto de junho vós, Ivanov, recebereis uma promoção muito importante na carreira. Novo cargo. Tenho um pedido a todos: quando isso acontecer, telefonem-me. Todos anotaram? Bem, passarão algumas semanas — e verificareis se eu tinha ou não razão.

A vinte e dois do mês telefonaram a Messing em horas diferentes quatro pessoas. Ivanov fora nomeado redator-chefe de um dos jornais centrais.

Era inútil perguntar a Wolf Grigoryevich como lhe tinha conseguido isso. «Direi honestamente e abertamente — confessou ele —, não sei eu próprio. Exatamente da mesma forma que não sei o mecanismo da telepatia. Posso dizer o seguinte: habitualmente, quando me fazem uma pergunta concreta sobre o destino desta ou daquela pessoa, sobre se acontecerá ou não este ou aquele evento, devo pensar teimosamente, perguntar a mim próprio: acontecerá ou não acontecerá? E passados algum tempo surge a convicção: sim, acontecerá ou não acontecerá. Provavelmente, muitos involuntariamente pensarão: Messing entra em contradição com a compreensão materialista do mundo. Mas ousemos exprimir algumas considerações.

Em primeiro lugar, como materialista, não posso nem por um iota supor que nesta minha capacidade haja embora uma migalha de algo sobrenatural.

Em segundo lugar, estou convencido de que esta propriedade encontrará com o tempo a sua explicação materialista.

Aliás, os casos citados podem ser explicados por uma manifestação particular das capacidades telepáticas.

Possivelmente, exatamente no momento em que eu olhava para a fotografia do irmão da mulher que veio ter comigo, ele escrevia à sua irmã a carta e calculava que só passados treze dias ela a receberia. Este pensamento é que «recebi» então o meu cérebro.

Exatamente da mesma forma, em algum lugar nas instâncias superiores, nessas horas em que eu estava sentado na redação do jornal, decidia-se a questão da nomeação de Ivanov. E eu «ouvi» isso e comuniquei aos jornalistas.

Mas nesta hipótese não cabem, vejo-o eu próprio, muitos outros factos».

Melhor de tudo Messing sentia o destino de uma pessoa que encontrava pela primeira vez na vida. Ou mesmo nem a via de todo, só

segurava algum objeto que lhe pertencesse, e ao lado pensava nele o seu familiar ou pessoa próxima.

O episódio do emigrante polaco pertence precisamente ao número de tais casos: Messing segurava na mão a sua fotografia, e ao lado estava sentada e pensava a sua irmã.

Passando pela memória centenas de casos semelhantes, Messing não podia deixar de se deter no único erróneo. Aliás, não completamente erróneo. O caso foi mais uma vez na Polónia. Veio ter com ele uma mulher já nada jovem. Cabelos grisalhos. Rosto cansado. Sentou-se diante dele e chorou:

— O filho... Há dois meses nem sinal nem notícia. O que será dele?

— Dê-me a fotografia dele, algum objeto do filho. Talvez tenha cartas dele?

A mulher tirou um envelope azul oficial, estendeu-o a Messing. Este retirou dele uma folha de papel escrita com manchas de tinta borrada.

Via-se que muitas lágrimas derramara nos últimos dois meses a mãe amorosa sobre esta folha de papel pautado.

A Messing de modo nenhum era necessário ler nesses casos, mas mesmo assim leu o tratamento «Cara mãe!..» e o fim «o teu filho Vladik». Concentrou-se. E viu, viu convictamente, que a pessoa que escrevera estas páginas estava morta.

Messing virou-se para a mulher:

— Pani, seja firme. Seja corajosa. A senhora ainda tem muitos assuntos na vida. Lembre-se da sua filha. Ela espera um filho — o seu neto.

Pois sem a senhora não conseguirá criá-lo.

No caleidoscópio de rostos perdeu-se este rosto cansado, os olhos ansiosos da mãe que perdera o filho. Mas esta história teve continuação.

Passado mês e meio Messing recebeu um telegrama: «Venha urgentemente» da cidade onde estivera há pouco tempo. Chegou com o primeiro comboio.

Saiu do vagão — na estação uma multidão. Só que nem saudações, nem flores, nem sorrisos — rostos sérios, pouco amigáveis. Adiantou-se um jovem:

— O senhor é que é Messing?

— Sim, Messing sou eu.

— O charlatão Messing, penso, não espera de nós uma boa receção?

— Por que sou charlatão? Nunca enganei ninguém, não ofendi.

— Mas o senhor enterrou vivo!

— Eu não sou coveiro...

— E quase não meteu no caixão esta mulher. A minha pobre mãe.

Recordo vagamente o seu rosto, visto por mim. Pergunto:

— Afinal quem foi que eu enterrei vivo?

— Eu! — responde o jovem.

Fomos esclarecer... Lembrei-me de toda a história.

— Dê-me — peço à mulher —, aquela carta que me mostrou então.

Abre a mala, tira-a. No mesmo envelope azul, só que as manchas de lágrimas aumentaram. Por minha culpa correram estas lágrimas! Olho para as páginas com a tinta borrada — e mais uma vez chego à convicção: morreu a pessoa que escreveu esta carta, morreu a pessoa que se assinou «o teu filho Vladik»...

Mas então quem é este jovem?

— O senhor chama-se Vladik?

— Sim, Vladislav.

— Escreveu esta carta com a sua própria mão?

— Não.

Para mim este «não» é como um relâmpago que ilumina o mundo.

— E quem a escreveu?

— O meu amigo. Sob o meu ditado. Doía-me a mão. Estávamos juntos no hospital.

— Claro. O seu amigo — morreu?

— Sim. Morreu. Completamente inesperadamente. Não estava gravemente doente.

Dirijo-me à mulher:

— Pani, perdoe-me as lágrimas que derramou após o nosso encontro. Mas afinal não se pode saber tudo de uma vez. A senhora deu-me esta carta e disse que a escrevera o seu filho. Eu vejo o tratamento «mãe», a assinatura «o teu filho». E vejo que a mão que escreveu estas palavras — está morta. Eis por que disse que o seu filho morreu...

Contámos esta história tão pormenorizadamente com todos os detalhes porque, talvez, os seus estranhos eventos ajudem a decifrar as bases misteriosas hoje, mas, aparentemente, absolutamente materiais dessa propriedade invulgar do cérebro de Messing, sobre a qual falámos.

Claro que o dom possuía-o não só Messing. Na história estão registados milhares de pressentimentos completamente inesperados e cumpridos com espantosa exatidão — intuições previdentes.

«Sim, eu sei que o “conhecimento direto”, a “visão direta” durante muitos anos e séculos na maioria dos países civilizados era declarado charlatanismo, ocupação não digna de pessoas sérias — reconhece Messing. — Mas nos últimos anos em alguns lugares a atitude para com esta área do desconhecido começa a mudar. Não me refiro a organizações e uniões puramente especulativas e charlatãs, que há muitas.

Refiro-me a organizações científicas que se propõem como tarefa, deitando fora a casca da mística, esclarecer o mecanismo da visão direta, procurar usá-la para o bem das pessoas. Aparentemente, ao número de tais organizações pertence o Instituto de Parapsicologia criado na Holanda ainda em 1953, sobre o qual li num dos números da revista francesa de divulgação científica «Science et Vie». Este instituto, segundo a informação da revista, colabora com o ministério da educação e a polícia.

No artigo relata-se como um dos colaboradores do instituto, um certo Croiset, indicou o local do cadáver de uma criança afogada, apesar de não haver nada que indicasse isso».

Wolf Grigoryevich conta também outro caso, oficialmente protocolado e fornecido com assinaturas de pessoas oficiais e funcionários policiais.

Aconteceu com uma dama que teve a imprudência de deixar cair um colar precioso... na sanita. Felizmente, o colar estava segurado por uma grande soma. Preferindo encontrar o perdido a pagar uma grande soma, a companhia de seguros tentou em vários lugares abrir a canalização, mas a rede de tubos ramificava-se por toda a cidade, e as buscas eram de facto desesperadas. Então recorreram a um certo Gerard Croiset, conhecido pelo seu dom de clarividência. Entrando num estado de extrema concentração, ou, como dizem, transe, Croiset indicou sem erro o lugar do pavimento que devia ser aberto e onde profundamente debaixo da terra, num tubo, foi realmente encontrado o colar perdido.

São conhecidos também não poucos outros factos, quando uma pessoa, por exemplo, dotada do dom do «conhecimento direto», recriava mentalmente o quadro de um crime cometido, dava a descrição do ambiente e da aparência exata do criminoso.

Guiando-se apenas por este retrato verbal, a polícia deteve o criminoso, que comunicou esses detalhes do assassínio que já eram conhecidos da polícia pelas palavras do clarividente.

Natural o espanto do detido, pois ele sabia exatamente que ninguém o vira e fora o único no local do crime.

Da literatura sabe-se que no estrangeiro realizavam-se experiências para estudo também deste fenómeno. Em particular, tais experiências eram postas pela sociedade psicológica em Nova Iorque. O sujeito — chamemo-lo condicionalmente clarividente — sentava-se em frente do experimentador. Este tirava do baralho a primeira carta que calhasse de modo que o seu valor não visse nem ele próprio, nem o clarividente, nem as testemunhas da experiência. Olhando apenas para o verso da carta, o clarividente nomeava-a. Só depois disso a carta era virada e confirmava-se a correção ou erro da resposta.

Para tornar a experiência definitivamente e irrepreensivelmente pura, excluíram as mãos do sujeito.

Numa máquina especial colocavam-se vários baralhos de cartas de jogar comuns. A máquina baralhava-as sozinha, e depois lançava uma a uma carta a intervalos determinados. O clarividente nomeava o valor da carta — as testemunhas da experiência anotavam, e a verificação realizava-se depois de terminar toda uma série — 25 cartas. Depois realizava-se o tratamento matemático dos resultados obtidos, e eles testemunhavam completamente unívoca que o sujeito possuía a capacidade de reconhecer qual era a carta.

Muitos especialistas nos países ocidentais consideram que a clarividência é um facto tão exatamente estabelecido como a telepatia. O líder do grupo de investigadores americanos da telepatia doutor Rhine considera este fenómeno confirmado experimentalmente.

«Sim, a previsão do futuro, não a previsão científica, mas a previsão intuitiva — declara convictamente Messing —, existe. Inexplicável? Sim, com a nossa representação pouco clara da essência do tempo, da sua ligação com o espaço, das interligações do passado, presente e futuro por enquanto inexplicável. Pois, penso, com isto concordará cada um, que ainda sabemos muito pouco sobre a interdependência entre o passado e o futuro».

Wolf Messing toca também numa área completamente diferente — a espantosa capacidade de calcular instantaneamente. Pessoas que possuem tal talento encontravam-se em todos os tempos em todos os povos. Habitualmente manifesta-se esta capacidade na primeira infância, e uma criança de quatro-cinco anos, que aparentemente não tem noção das quatro operações, começa a resolver tarefas que requerem extração de raízes quadradas e cúbicas, elevação múltipla à potência etc. Por vezes com os anos este dom desaparece sem deixar rasto, mas acontece que se conserva por toda a vida.

Dos mais interessantes «calculadores instantâneos» foram em diferentes tempos conhecidos a francesa Osaka, a indiana Shakuntala Devi, o italiano Gian Inaudi, o francês Maurice Dagbert etc. Osaka extraía instantaneamente a raiz de sexta potência de um número tal, por exemplo: 402 420 747 776 576. Devi em três-quatro segundos respondia à pergunta de quanto seria a raiz de 20.ª potência de um número composto por 42 algarismos. Impossível para ela não havia: «Ainda nunca alcancei os meus limites», — disse ela uma vez.

Aos especialistas de cálculo instantâneo perguntavam frequentemente sobre os segredos da sua habilidade, mas respondiam habitualmente não mais do que a estas perguntas podia responder o próprio Messing. O sentido geral das respostas resumia-se a que durante alguns instantes sentiam na mente uma algaravia e piscar de algarismos não sujeitos ao seu controlo, e depois aparecia o resultado.

Seguir ou analisar o curso da resolução habitualmente não eram capazes. Não eram capazes porque do próprio processo desta resolução não podiam compreender, captar. Há o resultado final, o último algarismo, que surge de repente em resultado da tensão da vontade semelhante a como ao clarividente se revela de repente o facto final em relação a alguma pessoa ou evento. Isto também é «conhecimento direto», que evita a longa cadeia causal-lógica e dá apenas o seu elo final, conclusivo.

«Muito frequentemente — reconhece Wolf Grigoryevich —, capto os pensamentos de pessoas que me invejam.

— Quem me dera capacidades assim. Eu...

E apetece-me dizer a estas pessoas:

— Não invejem!

E realmente, o que invejar? A propriedade do telepata permite-me por vezes ouvir sobre mim tal coisa que, como se diz, os ouvidos murcham. Ai! Tantos pensamentos nascem nas pessoas, que de modo nenhum é preciso ouvir aos outros e que habitualmente não se exprimem em voz alta. É agradável ouvir sobre si expressões descaradas, grosseiras, astutas?

Assim, talvez a capacidade de influência hipnótica — coisa invejável?

Oh não! E em prova disso posso referir-me ao facto de que eu próprio recorro a esta capacidade extremamente raramente. Contadas vezes na minha vida.

Bem, provavelmente o mais invejável — a capacidade de ver o futuro?

Também não! Aliás, nunca digo às pessoas que devem morrer em breve. Procuro não comunicar também outras notícias tristes. Para quê? Que antes não esperem males e desgraças. Que sejam felizes!

Não, nenhuma destas capacidades dá quaisquer vantagens particulares. Se, claro, o seu possuidor for pessoa honesta e não tencione usar a sua habilidade para fins de ganho pessoal, engano, crimes... Mas mesmo nesse caso não alcançará sucesso. Será no fim de contas descoberto e, simplesmente falando, punido.

Por isso não invejem!»

Conta Tatiana Lungina

Quando a doença atinge um membro da família ou um amigo próximo, zangamo-nos com a nossa impotência. Nós esperávamos que a desgraça passasse ao lado das pessoas queridas! Mas a filosofia de vida de Wolf preparara-o para tais golpes.

Wolf Grigoryevich há muito que era atormentado por dores nas pernas, especialmente ao andar, mas procurava suportar enquanto fosse possível. Finalmente, a coisa chegou a tal ponto que não podia trabalhar normalmente e foi obrigado a recorrer a ajuda médica. Dirigiu-se ao seu amigo o conhecido cirurgião Aleksandr Aleksandrovich Vishnevsky. Assim, duas semanas em maio de 1969 Messing passou no hospital. Vishnevsky rapidamente pôs o diagnóstico. Wolf sofria de artrite crónica de ambos os membros, e o cirurgião ordenou que o internasse no instituto. Visitando-o pela primeira vez, encontrei Messing abatido. O médico prescrevera-lhe analgésico e proibira-o de fumar.

Quanto a este último Messing lamentava-se particularmente e recusava-se a aceitar esta prescrição a sério.

Tive de esperar até terminarem os procedimentos e permitirem ver Wolf, no gabinete de Vishnevsky. De repente alguém disse suficientemente alto e claramente: «Idiota!» Fiquei estupefacta, parecia-me que estava sozinha na sala. Assustada olhei à volta, mas mesmo no canto escuro não conseguia ver ninguém. Examinava os quadros nas paredes e as prateleiras com livros e prendas de doentes, e passados alguns minutos ouvi de novo a mesma voz: «Idiota!» Firmemente decidida a encontrar o brincalhão, aproximei-me do canto escuro.

Quando os meus olhos se habituaram à escuridão, vi uma alta gaiola redonda com uma ave preto-cinzenta do tamanho de um grande papagaio.

Era uma mainá indiana, pertencente à família dos estorninhos pretos, conhecida pela sua espantosa capacidade de imitar a voz humana.

Compreendendo que não sofria de alucinações, perguntei:

— E quem és tu?

A ave respondeu, como se tivesse compreendido a pergunta:

— Eu sou Serezha, eu sou bom! Eu sou Serezha, eu sou bom rapaz!

Disse ao pequeno falador que estava muito contente com o conhecimento, mas Serezha não escutava e continuava o seu monólogo:

— Doentes, voltem para as vossas enfermarias, para as vossas enfermarias, para as vossas enfermarias...

Ou não conseguia parar, ou não queria. Finalmente, entrou o dono da ave e do instituto.

— O que, Serezha, já te gabaste? Disseste a Tatiana que és muito inteligente?

Serezha ficou embaraçado, calou-se, mudava de pé para pé e no fim acalmou-se. A mainá provocou um sorriso, mas este logo desapareceu. Aleksandr Aleksandrovich contou-me que as coisas de Wolf estavam más. Nas pernas estava perturbada a circulação sanguínea; os seus vasos sanguíneos estavam obstruídos por placas escleróticas. A Wolf fora prescrito tratamento conservador para alívio das dores e parar o processo, mas há o receio de que o tabagismo leve ao surgimento de gangrena, possivelmente de ambas as pernas. Nesse caso as pernas teriam de ser amputadas.

— Wolf Grigoryevich prometeu deixar de fumar — disse o professor Vishnevsky —, mas por enquanto não cumpre a promessa. Eu, velho idiota, acredito nele todas as vezes...

O doutor bateu na testa em desespero, e Serezha repetiu atrás dele: «Idiota! Velho idiota!» Depois a ave desatou a palavrões. Nem um bêbado se atreveria a expressar-se assim na presença de uma dama!

Depois compreendi que ela imitava o seu dono, que praguejava desesperadamente mesmo durante as operações. Fechado na sua gaiola no gabinete do professor Serezha rapidamente aprendera esta linguagem

específica e usava-a com prazer. O doutor Vishnevsky ficou embaraçado, mas, infelizmente, era tarde demais. O aluno superara o seu professor.

Vishnevsky disse que este prodígio falante lhe fora oferecido por Yuri Gagarin, que o trouxera da Índia. Depois encontrei-me com Wolf e contei-lhe sobre a ave espantosa. Wolf simplesmente sorriu e disse:

— A mim também me chamaram idiota. Quem sabe, talvez Serezha tenha razão? Olha, quantos anos vivi entre russos, e até agora não aprendi a língua russa. Serezha é mais capaz. E, apesar do seu comportamento detestável, as pessoas admiram-no, amam-no. Pode invejá-lo!

Wolf não era idiota, e, felizmente, não perdeu as pernas. Mas este internamento foi apenas o início dos problemas.

Devido à minha doença não podia trabalhar durante sete anos! Já não era capaz de realizar o volume de trabalho que era exigido de uma fotojornalista, e regressei à minha primeira profissão, é verdade, a minha atividade tinha carácter puramente administrativo.

Comecei a trabalhar no Instituto de Cirurgia Cardio-Vascular da Academia de Ciências em nome de A. N. Bakulev.

De vez em quando o «espírito» de Wolf Messing pairava nas paredes do nosso instituto, pois recorriam à sua ajuda quando era preciso pôr o diagnóstico correto numa série de casos complexos. Uma manhã cheguei ao trabalho e soube que de noite tinham trazido um doente grave. Era uma pessoa importante, e de manhã reuniu-se um conselho. Uma cavalgada de limusines pretas alinhou-se junto ao hospital. O nosso doente revelou-se o tenente-general Zhukovsky, comandante das Forças Aéreas do Distrito Militar da Bielorrússia, velho amigo de Messing.

Ninguém duvidava do desfecho letal. Nenhum cirurgião no mundo realizara ainda operações semelhantes. Só o diretor do instituto professor Vladimir Burakovsky tinha direito a operar tal doente, mas considerava que a operação só aceleraria o fim. Mas não tomar quaisquer medidas em relação a Zhukovsky também era impossível. Os médicos encontravam-se numa situação bastante delicada. Nesse momento o secretário disse-me que Messing me pedia que telefonasse urgentemente.

— Taibele, diz ao teu chefe que comece a operação imediatamente. Zhukovsky é meu amigo, e aconselho-vos a não perder nem um minuto.

Comuniquei-lhe as dúvidas de Burakovsky, mas Messing interrompeu-me:

— Tudo correrá bem; ele recuperará. E o teu chefe será apresentado a uma condecoração. Diz-lhe isso.

Não vendo outra saída da situação criada, Burakovsky finalmente decidiu-se pela operação, esperando talvez apenas um milagre. A operação foi longa, mas correu com sucesso, os primeiros dias pós-operatórios também. Zhukovsky foi transferido para a clínica Burdenko para observação ulterior. Foi um verdadeiro milagre para uma pessoa que todos consideravam não residente neste mundo. Se Messing não tivesse telefonado a tempo, a operação, pelo menos, teria sido adiada e as consequências teriam sido trágicas. Ao professor Burakovsky foi atribuído o título de membro-correspondente da AMN e condecorado pela operação bem-sucedida — a primeira do género na União Soviética.

Estou certa de que Wolf Messing nunca analisava os seus pressentimentos e outras capacidades psíquicas; era simplesmente informação que chegava até ele. Quando lhe perguntei se deviam operar Zhukovsky, Messing respondeu:

— Nem pensei nisso. Cadeia de associações: operação... Zhukovsky... vida... — simplesmente surgiram na minha consciência. E tudo.

Isto pouco esclareceu para mim. Nunca compreendi até ao fim onde estava escondida a chave para as capacidades de Messing. Como éramos amigos próximos, não sentia embaraço ao perguntar-lhe se na sua vida houvera casos trágicos em que não conseguira evitar a desgraça. Wolf compreendia que eu me referia não a erros inevitáveis que ocorrem durante as atuações, mas a falhas pessoais mais sérias.

Messing ergueu nervosamente a cabeça. Tirou um cigarro, embora no cinzeiro já estivesse um aceso. Dando várias passas, respondeu:

— As pessoas claramente influenciam umas às outras — começou ele. — Como consegues ler os meus pensamentos? Há muito que quero contar-te um caso, mas não consigo decidir por onde começar... E agora começaste tu primeiro. Não, nunca cometi erros sérios. Refiro aqui todos os pedidos pessoais que executei, e casos em que a iniciativa pertencia a mim, especialmente quando se tratava de vida e morte. Estou certo de que te

lembras do caso com Mstislav Keldysh, presidente da Academia de Ciências. Internaram-no no vosso instituto, embora compreendessem que nenhum dos cirurgiões famosos se atreveria a operá-lo. Ao nível governamental foi decidido convidar para consulta uma brigada de médicos americanos, encabeçada pelo famoso Michael DeBakey. Já sabes o resultado. (Em 1972 Keldysh precisava de uma operação aos vasos. Os pormenores da operação não foram comunicados nessa altura, mas foi bem-sucedida.) Quanto à meta final, serei eu o primeiro a cortar a fita... E algumas instruções quanto aos meus funerais dará precisamente Keldysh. Verás tu própria.

Eu ouvia estas palavras com horror, e pela primeira vez na vida apeteceu-me parar Wolf. Ele continuava calmamente:

— Deixemos estes prognósticos sombrios e voltemos à tua pergunta. Nunca me perdoarei a indecisão que resultou na tragédia de que bem sabes. O pressentimento trágico veio-me de forma espontânea, nem sequer houve uma visão clara da catástrofe. Numa manhã de abril de 1967 acordei, mal amanheceu, e decidi passear pelas ruas desertas. Nos quiosques de jornais já se vendiam jornais, e comprei vários.

Os títulos na primeira página anunciavam o lançamento bem-sucedido da nave espacial «Soyuz-1», e lá estavam publicadas fotografias do cosmonauta Vladimir Komarov. Komarov, de quarenta anos, era um homem baixo com lábios finos e sobrancelhas espessas. Nos editoriais relatavam-se pormenores do voo, a biografia de Komarov, estavam publicadas as suas fotografias no Kremlin antes do lançamento. Eu examinava-as. De repente fui fulminado pelo pensamento: «Ele não regressará». Senti um arrepio percorrer-me as costas, e por um instante o pressentimento pareceu-me ridículo. Mas o pensamento não me largava. A catástrofe não me apareceu, e pensei que o pensamento se referia a outra coisa.

Tentei livrar-me de todos os pensamentos sobre o voo. Mas ao pequeno-almoço esta frase surgiu-me na cabeça três vezes, como se um sinal pulsasse na minha cabeça: ele não regressará... ele não regressará... ele não regressará... Não conseguia relaxar, pois não compreendia o significado deste sinal. Deixando de lado a chávena de chá, deitei-me no sofá e tentei concentrar-me. Mas mesmo depois disso não surgiu qualquer visão.

Depois comecei a refletir, procurando colocar tudo o que se relacionava com este pressentimento nos seus lugares. Este foi o meu primeiro e principal erro! Nestes casos a tentativa de encontrar justificação para a impressão só perturba. Devia simplesmente ter tomado nota do sinal sem quaisquer condicionalismos e tentar ainda mais cedo tomar algumas medidas... embora mesmo hoje me pareça que a catástrofe dificilmente poderia ter sido evitada. Afinal, as decisões relativas aos voos espaciais são tomadas ao nível dos altos escalões políticos. Dificilmente me teriam escutado.

Comecei a pensar: por que não regressará? A nave espacial, lançada em órbita terrestre, não poderá sair dela. Mesmo se o motor de foguete explodir durante a entrada nas camadas densas da atmosfera, a cápsula com o cosmonauta regressará mesmo assim à Terra. Assim, ele regressará de qualquer modo. Decididamente não acreditava que a nave colidisse com um OVNI. Tal era o curso dos meus raciocínios. Mas a clarividência não pode ser explicada com métodos de lógica; tal tentativa torna sem sentido quaisquer visões. Não tive de esperar muito. Passados alguns dias foi oficialmente anunciado que Vladimir Komarov morreu a 24 de abril de 1967, regressando da órbita.

Realmente, o que Messing fazia não se prestava a explicação lógica. Era como que o antípode de Sherlock Holmes com o seu método dedutivo.

Em 1928 ou 1929, durante uma atuação em Paris, convidaram Wolf para uma pequena cidade provincial para ajudar a resolver o mistério do envenenamento de uma viúva abastada. O prefeito não tinha quaisquer pistas, e a Messing coube começar do zero. Acompanhado por dois detetives, apresentou-se na villa da vítima.

O guia deles era o filho da falecida, um jovem magro e simpático de 18—20 anos. Passando de sala em sala, Messing parou subitamente diante de um velho quadro na sala adjacente ao quarto de dormir. Era um retrato da mulher assassinada — uma senhora de aparência aristocrática com vestido de noiva. Durante algum tempo Messing estudou o quadro, depois virou-se para o jovem.

— Entregue a chave que está pendurada atrás do retrato à polícia — disse ele. — O senhor abriu com ela o cofre, depois de envenenar a sua mãe.

Passada uma hora o jovem confessou o assassínio.

Passado um ano uma família polaca de Toruń, enlutada pela dor, pediu a Messing que encontrasse o filho. Messing passou dois dias em Toruń na casa da família inconsolável. No terceiro dia, num estado próximo do transe cataléptico, informou os pais:

— O vosso Józef está morto. O corpo está no rio imediatamente depois da ponte, e a cabeça na casa de banho pública.

Nomeou a rua. No entanto não pôde dizer como ocorrera o assassínio.

Pelo que sei, Wolf nunca usou a sua força para fins puramente políticos. Mas contava frequentemente um caso de que se orgulhava muito. Este caso está ligado à espionagem alemã nos anos da Segunda Guerra Mundial. Em 1944, perto de Novgorod, prenderam um homem suspeito. Era um loiro alto de ombros largos, que usava óculos de armação de corno e parecia um alemão autêntico, aliás, reconheceu imediatamente que assim era. Os oficiais de inteligência estavam certos de que era agente do serviço de informações alemão, mas não tinham provas. Compreendendo que estava condenado, o alemão mesmo assim negava teimosamente a sua culpa. Torturaram-no e organizaram mesmo uma encenação de fuzilamento para arrancar dele a confissão, mas tudo foi inútil.

Revelou-se um daqueles raros pessoas que podem suportar qualquer dor e não quebrar. Não o queriam fuzilar, pois suspeitavam da sua ligação a toda uma rede de espionagem.

Eis o que contava o alemão: fora contuso e recuperara os sentidos no campo de batalha, chegara à aldeia mais próxima, que se revelara abandonada. Passara três meses num celeiro, queimara o seu uniforme, vestira roupa camponesa. Alimentava-se da comida que encontrara na aldeia, por vezes abatendo caça com a pistola. Não sabia uma palavra de russo. Esta última declaração despertou suspeitas nos oficiais. Consideravam que na realidade falava russo e bastante bem, mas nem uma vez se traíra durante quatro semanas de prisão.

Nesse momento os oficiais recorreram à ajuda de Messing. Queriam saber se o alemão compreendia a fala russa. Pediram a Wolf que assistisse aos interrogatórios sob a aparência de uma alta figura (embora se vestisse à civil). Ele próprio, no entanto, não participava na conversa. Durante meia

hora, em que ao prisioneiro faziam as perguntas habituais quanto ao nome e local de nascimento, Wolf por meio de telepatia estabeleceu que o alemão na mente traduzia todas as frases do russo para alemão. Messing já compreendera que o alemão era um espião experiente, mas como prová-lo? Em vinte e cinco minutos Wolf inventou um plano brilhante, que realizou nesse mesmo dia. A sua ideia era tão astuta que mesmo um разведчик tão experiente caiu nas redes armadas.

O investigador principal começou o interrogatório em russo na presença de um secretário. Messing estava sentado em silêncio. O suspeito durante todo o interrogatório olhava esperançado na sua direção. Quando o interrogatório terminou, Messing bateu com o dedo na pasta que trouxera consigo e disse num alemão perfeito:

— Sim, agora estou absolutamente convencido de que o senhor é inocente.

Depois levantou-se calmamente da mesa e disse no mesmo tom, mas já em russo:

— E é tudo. O senhor pode ir.

O prisioneiro imediatamente levantou-se do lugar. No entanto, compreendendo imediatamente o erro que cometera, sentou-se de novo, mas já era tarde.

Quando Wolf me contou pela primeira vez esta história, perguntei:

— Quer dizer que não fica nenhum crime — mesmo o mais complexo, que não possa ser desvendado? Não seria mais conveniente às autoridades contratar um ou dois telepatas para investigações? Nesse caso não haveria sentenças injustas ou casos não resolvidos.

— Não! — declarou Wolf. — As minhas capacidades não são uma panaceia. Qualquer tribunal e sentença devem basear-se em factos. Este caso com o разведчик alemão foi uma exceção e não pode servir de exemplo para a ciência jurídica. Concordei em participar na investigação só porque as circunstâncias exigiam medidas não ordinárias. Questão controversa: pode um parapsicólogo ou telepata ajudar na investigação de crimes? O problema é semelhante ao dilema de realizar ou não uma operação de transplante de órgãos se o dador está apenas próximo da morte.

Esta questão foi discutida pelos médicos antes de o doutor Barnard realizar o primeiro transplante de coração.

O problema consistia não tanto no lado prático da questão, quanto no moral-ético. De onde sabeis que o dador se encontra realmente numa situação sem saída? Devemos nós deixar de salvar uma pessoa para salvar outra? Ninguém poderá dizer isso enquanto o dador não morrer.

Nenhum telepata substituirá uma investigação e tribunal normais. Pode ser envolvido em casos isolados para encontrar provas, mas não mais. Tal função desempenhei, participando na investigação de vários casos sonantes. Muitos juristas, infelizmente, partilham a opinião de que cada criminoso deixa rastos, embora microscópicos.

Na minha opinião, não é assim. Não poucos crimes graves foram cometidos por profissionais que não deixam rastos. E se algo houve, o tempo e as circunstâncias apagaram-no. Tais crimes são extremamente difíceis de desvendar e quase impossível provar a culpa do suspeito. As sensações do clarividente podem servir apenas de ponto de partida para o investigador. Não podem ser base para proferir sentença. Dou um exemplo.

Em 1951 em Kazan corriam rumores sobre o assassínio misterioso de uma rapariga de dezanove anos.

Era um crime clássico sem rastos. Atiraram-na de uma ponte para o rio no meio da noite. A rapariga era de constituição frágil, e possivelmente alguém fingiu abraçá-la, e de facto lançou-a por cima do parapeito. O ex-namorado dela foi preso passados alguns meses, embora contra ele não houvesse quaisquer provas. Muitos testemunhas confirmaram no tribunal que ele não vira a vítima durante dois anos. Mas quando se encontravam, os encontros passavam-se muitas vezes nesta ponte, e todas as acusações contra o jovem baseavam-se neste facto. O rapaz estava abatido. Não dizia nada em sua defesa, repetindo constantemente o mesmo: «Não fui eu».

Durante o julgamento em Kazan estava Messing. Sabendo do caso pela empregada de quarto no hotel, decidiu assistir à sessão. Lá compreendeu que o rapaz era inocente. Ao mesmo tempo descobriu que alguém na sala estava nervoso — possivelmente era o criminoso, atormentado pelas recordações. No início da sessão Wolf estava sentado calmamente, mas depois agitou-se, pois sentiu impulsos provenientes dele.

Para o hotel Wolf regressou a pé e durante o passeio concentrou-se nas suas sensações. Sabia que muitos criminosos são atraídos ao local do crime.

Mas considerava que neste caso importante não era a ponte, mas o rio. Em qualquer caso a corrente do rio priva a cena de concretude, e Wolf não pensava que o criminoso regressasse lá. Também estava certo de que o próprio assassino se encontrava na sala do tribunal.

Diante de Wolf surgiu a tarefa de o descobrir durante a sessão seguinte. Intuitivamente sentia que esta pessoa vinha a todas as audições do caso. Wolf chegou um dos primeiros para ter possibilidade de observar todos os que entravam.

Primeiros apareceram dois rapazes, provavelmente amigos do acusado. Um deles vestia roupa desportiva, o outro — um fato cinzento usado.

Atrás deles seguia uma mulher de meia-idade e um homem pouco mais velho. Eram os pais do acusado. Gradualmente a sala encheu-se até ao limite de espetadores.

Infelizmente, Wolf ainda não podia apontar o criminoso. Mas quando a sessão começou, surgiu-lhe a mesma sensação que na véspera. Agora restava-lhe concentrar-se na fonte.

Messing durante dez minutos esteve sentado de olhos fechados, como em transe. Depois olhou para a esquerda, para o último lugar na quinta fila a contar do banco do acusado. Lá estava sentado um homem de cerca de vinte e cinco anos, segurando nas mãos uma revista «Ogonyok» enrolada em tubo. Precisamente desta pessoa provinham os impulsos. O parapsicólogo começou a enviar-lhe sinais: «Levante-se e confesse o assassínio». O jovem agitou-se no seu lugar. Tirou um maço de cigarros, voltou a guardá-lo e fingiu estudar com interesse as fotografias na revista. Depois enrolou de novo a revista. Parecia que o medo se apoderara dele, de modo que não podia fazer mais nada.

A tensão psíquica do criminoso só favorecia Messing. Wolf decidiu que era precisa uma sacudidela. Quando anunciaram o primeiro intervalo, o jovem abriu a revista e colocou-a no assento, mostrando que estava ocupado. Durante o intervalo Wolf bateu à porta de um gabinete e pediu à secretária uma folha de papel branco e um lápis vermelho. Explicou que

queria pendurar um aviso na sala de fumadores, pois muitos tomavam-na por saída. No papel escreveu em letras grandes:

NÃO HÁ SAÍDA... Em diferença de outros avisos semelhantes no fim havia três pontos, cuidadosamente traçados por Messing.

Quando a sessão recomeçou, Wolf pôs-se a atacar o jovem com ordem mental: «Levante-se! Diga a todos que é o assassino!» Durante o segundo intervalo Wolf esperou até ficar sozinho na sala, e colocou a folha de papel debaixo da revista deixada pelo criminoso no assento.

Depois fumou um cigarro, mas não regressou à sala. Não queria ver o que lá ia acontecer. Esperava atrás da porta entreaberta. Em breve na sala ouviu-se um grito agudo: «Fui eu! Fui eu que a matei!» O resto não interessava a Messing. Satisfeito com o resultado, dirigiu-se para casa.

Para a maioria das pessoas a primavera significa renascimento e esperança. Mas durante vários anos eu esperava abril com ansiedade crescente. Todos os anos nessa altura Wolf internava-se no hospital. Na primavera precoce de 1972 chegou de novo a época do exame anual na clínica de Vishnevsky. As dores nas suas pernas intensificavam-se. Não mostrava fraqueza de espírito, comportava-se como uma criança, recebendo com entusiasmo tudo o que acontecia, e parecia-me o mesmo Messing que conhecia há vinte anos.

Uma vez passeávamos no pátio, e junto ao memorial erigido em honra de Aleksandr Vasilyevich Vishnevsky, pai de Aleksandr Aleksandrovich, Wolf disse:

— Aqui pensei na fugacidade da vida. Nunca se sabe o que te vem à cabeça quando estás ao lado deste sábio... com o bisturi na mente.

A figura realmente lembrava o pensador de Rodin.

Messing era então atormentado também por problemas bem terrenos. Partilhava com a dona da casa um apartamento de um quarto alugado em 1972, quando morreu Iraida.

Não era hábito de Messing pedir habitação mais adequada, mas, para sua felicidade, começou a ajudá-lo uma mulher do Ministério da Cultura. Com o seu próprio dinheiro foi alugado um apartamento de dois quartos na rua Gertsena num edifício construído para trabalhadores ministeriais. O apartamento ficava no décimo terceiro andar.

— E o que pensas do doze do diabo? — perguntei a Wolf.

— Os diabos são o meu hobby! Convivo excelentemente com eles — brincou ele.

Na primavera seguinte internou-se de novo no hospital, desta vez por muito tempo. Como os seus passeios se reduziram, levou consigo muitos livros que há muito queria ler, mas nunca conseguira.

— Se as pessoas que mos ofereceram soubessem que eu não os leio! — disse Wolf.

E mostrou-me dois livros com autógrafos dos autores: um «Diário de um cirurgião» de A. A. Vishnevsky, o outro «Pensamentos e coração» de Nikolai Amosov. — Vês, não me posso queixar de falta de amigos. Visitam-me em casa e aqui. Mas morrerei em completa solidão...

No fim do verão de 1974, no entanto, a crise, parecia, passara. Wolf decididamente estava no caminho da recuperação, mas deram-lhe alta com prescrição estrita de repouso na cama. Em outubro descansava em Gagra. Quando regressei, no dia seguinte tocou o telefone:

— A sua amiga Wolf Grigoryevich está connosco. Encontra-se em muito mau estado, vai ser submetido a uma operação grave.

Eu sabia o que significava obstrução das artérias dos membros inferiores, especialmente para uma pessoa de setenta anos. No entanto não entrei em pânico, Wolf estava no nosso instituto, onde todos sabiam da minha amizade com ele, o que lhe garantia cuidados e atenção. Como Wolf já estava no departamento cirúrgico, não considerava necessário ir imediatamente ao hospital. Nessa altura soube que Wolf dera uma atuação nos Cárpatos enquanto eu descansava em Gagra. E encurtara a sua última atuação, pois a dor tornara-se completamente insuportável, e voara no primeiro voo para Moscovo. E ao ir para o hospital, disse, olhando tristemente para a sua casa: «Nunca mais a verei».

Em diferença de outros internamentos, estava nervoso e perdera completamente a força de vontade. Seria isto um pressentimento do fim? Talvez o entristecesse o facto de que ninguém se dirigira ao governo com o seu antigo pedido: convidar para a URSS o famoso Michael DeBakey para operá-lo? Em 1972 DeBakey realizara com sucesso uma operação

semelhante à de que também Wolf precisava, a Keldysh. Wolf concordava mesmo em pagar ele próprio todas as despesas de DeBakey.

Felizmente para Wolf, a operação foi realizada pelo excelente cirurgião meu amigo Anatoly Vladimirovich Pokrovsky.

No dia seguinte à operação pus-me a forçar a entrada no departamento de reanimação para saber como Wolf se sentia, mas eu tinha uma constipação, e não me deixaram entrar. Vesti uma bata branca, máscara e olhava para Wolf da janela. Messing respirava com a ajuda de um respirador, mas, para meu espanto, fazia sinais com a mão de que queria fumar.

O médico que estava junto à cama reconheceu-me e acenou, erguendo o polegar: isto significava que tudo estava bem. As pernas de Wolf tinham a cor habitual, bom sinal, pois nesses casos a pele muitas vezes fica azul, e depois forma-se gangrena. O perigo mais uma vez passara. E ele de novo estava pronto a sacar o maldito tabaco mesmo através do meu cadáver!

Para Wolf era importante passar o período de reabilitação sem complicações. Mas quando na manhã seguinte me lancei ao telefone para saber do seu estado, o médico disse que tinha colapso pulmonar, no entanto esperavam salvá-lo. Durante o dia a situação tornou-se crítica. Falharam os rins, o que ameaçava infeção de todo o organismo. A única consolação era que o pulso permanecia regular, e o sono era calmo.

Os rumores sobre o estado grave de Wolf em breve espalharam-se por toda Moscovo. Telefonavam-me constantemente amigos, e nas raras minutos em que o telefone calava, telefonava eu própria para o instituto e fazia uma pergunta: «Como está Wolf?» A oito de novembro o estado continuava crítico. Eu própria tivera uma pneumonia, adormecera e acordara só às 6.30 da manhã. Às 8.30 tocou o telefone. Era Aleksandr Davydovich, chefe do departamento onde estava Messing. Comunicou a má notícia: às 11 horas da noite Wolf morrera. Sabendo que eu estava doente, decidira adiar o telefonema para a manhã. Coube-me comunicar esta notícia trágica a todos os amigos.

Quando desliguei o auscultador, fui fulminada pelo pensamento: o seu cérebro! O cérebro de Messing deve ser preservado!

Há muito ouvira que o seu cérebro era avaliado em um milhão de dólares. Mas quem compraria tal mercadoria e quem seria o vendedor? Se o cérebro de Messing representa interesse para a ciência, então pertence a todos. Ninguém individualmente pode pretender direitos exclusivos. Aliás, o tempo era precioso.

A qualquer momento os cirurgiões podiam começar a trepanação. Telefonei imediatamente para casa de Pokrovsky e expus as minhas preocupações. Disse que estava de férias e a autópsia seria realizada pelo professor Krymsky. Tentei telefonar para Krymsky, mas durante muito tempo estava ocupado. Finalmente soube que ele já partira para a clínica. Restava-me apenas correr eu própria para lá.

Tentei convencer Sasha a levar-me, mas ele era o único médico de serviço no seu departamento, além disso temia pela minha própria saúde. Insisti:

— Aleksandr, não é a mãe que fala com o filho, lembra-te do nosso lema: não brinques com assuntos sérios. Trata-se de algo mais importante do que a minha saúde. Senta-te no carro e vem rapidamente ter comigo!

Passados quinze minutos entrei a voar no gabinete do professor Krymsky.

— Compreendemos a situação — disse o professor, indicando-me com gesto hospitaleiro uma cadeira. — Mesmo se as investigações ulteriores se revelarem inúteis, podemos preservar o cérebro como curiosidade. Tenho amigos no Instituto do Cérebro, prometo que cuidarei de tudo.

No cérebro de Messing não descobriram quaisquer alterações patológicas, era de peso padrão, parecia completamente comum. O cérebro de Messing poderia representar interesse para a ciência apenas no caso de ajudar a desvendar o mistério das suas capacidades espantosas, mas as hipóteses disso eram poucas.

A ciência ainda não chegara a tal nível de desenvolvimento.

O único necrológio apareceu a 14 de novembro no «Vechernyaya Moskva». A publicação foi adiada devido aos feriados de novembro. Por disposição do Ministério da Cultura o caixão com o corpo de Messing devia ser exposto na Casa Central dos Trabalhadores das Artes, para que

todos os desejosos pudessem despedir-se dele. Ainda antes um dos amigos de Wolf Messing conseguiu uma pequena tesoura e cortou do têmporo do falecido uma madeixa de cabelo. Relacionava-se com Messing, que fizera por ele muito de bom, como com um santo. Para se despedir de Messing chegaram representantes do Mossovet, depois nós, finalmente, decidimos fechar o caixão e dirigir-nos ao TsDRI.

Na praça Oktyabrskaya fomos parados por uma patrulha policial. E informou que a rua Dimitrova estava cortada durante duas horas. Quando perguntámos o que se passava, o oficial respondeu:

— Não sabem? Hoje enterram Wolf Messing. O cortejo passará por esta rua.

— Estamos extremamente tocados com a vossa atenção — respondi eu com triste ironia —, mas o corpo de Messing está no nosso carro.

Dirigimo-nos ao TsDRI. Durante o dia regressaremos.

No TsDRI já se reunira uma multidão de gente. Para cada duas pessoas havia um polícia! E o que teria sido se a data do funeral tivesse sido anunciada com antecedência? Possivelmente, as autoridades temiam o afluxo de estudantes, entre os quais Messing era especialmente popular, ou ajuntamentos de crentes, que consideravam Wolf um santo. Isto último era especialmente indesejável, pois nada devia conter uma alusão a que o talento de Messing era um dom do alto.

Assim ou assado, quando traziam o caixão, uma mulher anunciou:

— Chegou o santo.

Eu estava na guarda de honra, quando Yuri Nikulin, que Messing muito amava, entrou na sala. Em silêncio e de algum modo timidamente aproximou-se do caixão e ficou ao meu lado. Olhando para o seu rosto, notei vestígios de maquilhagem. Nikulin estava então a rodar um filme e interrompera especialmente as filmagens para se despedir de Messing.

Finalmente chegou a hora do funeral. Como eu era a sua amiga mais próxima, todos os encargos caíram sobre mim. E tomei a decisão de que Wolf fosse enterrado no cemitério Vostryakovsky ao lado da sua mulher. Depois no TsDRI foram organizadas as exéquias, nas quais se reuniram trinta pessoas. O representante do Ministério da Cultura disse um discurso, no qual tentou mencionar todos os méritos de Messing perante a sociedade,

incluindo a doação para caças durante a guerra e a ajuda beneficente a um lar de crianças. Mas esqueceu-se de mencionar que Messing com as suas atuações atraíra uma audiência de milhões, o que trouxera ao tesouro estatal um rendimento sólido. Também não propôs organizar um fundo para o estudo das suas capacidades parapsicológicas. E após a morte de Wolf continuavam a relacionar-se com ele apenas como artista.

Passado algum tempo após a morte de Messing ocorreram eventos que lembravam um romance policial. Telefonou-me Valentina Ivanovskaya e contou que a chamavam à polícia por um caso ligado a Wolf Messing. Na manhã seguinte recebi uma intimação também eu. Devíamos ser testemunhas do inventário dos bens de Wolf. Além de nós com Valentina estavam presentes representantes do Primeiro Cartório Notarial.

Os juristas preencheram os documentos necessários e começaram a inspeção do apartamento. Abriram um velho baú forrado a ferro. Outrora nele guardavam-se as coisas de Aida Mikhailovna, mas agora estava vazio, se não contarmos alguns jornais amarelados, debaixo deles estava um cinto com dois pequenos bolsinhos, que eu fizera para Wolf. Nos bolsos habitualmente guardavam-se papéis importantes e o anel de diamante de três quilates, que Wolf usava como talismã. Também no baú estavam várias fotografias. O bolso com o anel revelou-se vazio. Os livretes de poupança continham registos de um depósito de mais de um milhão de rublos não denominados. Havia também oitocentos rublos em numerário.

Como Wolf não deixara testamento, nós, os seus amigos próximos, exprimimos o desejo de que este dinheiro fosse para um monumento a ele. Mas os juristas explicaram-nos que pela lei este dinheiro pertencia agora ao Estado. Como se o Estado não estivesse já em dívida para com Wolf por todo o rendimento que recolhiam graças a ele! Quando este procedimento sombrio terminou, assinámos os documentos e retiramo-nos aliviados. Mas as nossas tribulações não acabaram aí. Em breve chamaram-me a mim e a outros amigos de Wolf à Lubianka.

A cada um faziam a mesma pergunta: o que fora feito das joias que Messing contrabandeara para o país? Para onde fora o seu famoso anel? A cada dia, a julgar pelas palavras dos investigadores, ele ganhava peso. Foi feita uma busca em casa da dona do apartamento de Messing, mas nada pertencente a Wolf foi encontrado. Não se encontraram também as prendas que Messing recebera ao longo de muitos anos. Acumulara muitas coisas

invulgares; das suas coleções de brinquedos, artigos de artesanato popular, quadros e gravuras, roupões orientais de trabalho manual, conchas marinhas e corais do Extremo Oriente poderia organizar-se uma exposição. Mas tudo isso desaparecera. Enquanto Messing estava doente, e também após a sua morte, o acesso ao seu apartamento só a dona o tinha.

É ridículo falar disso, mas os investigadores claramente precisavam de algum Wolf Messing para desvendar este enigma. No entanto entre os funcionários da Lubianka não havia telepatas.

Passavam os anos, mas o pensamento de erigir um monumento a Messing não me abandonava. Valentina Ivanovskaya escreveu uma carta ao Ministério da Cultura. A resposta foi a seguinte: sim, deve erigir-se um monumento, e mais nada de concreto. Seriam precisos dois mil rublos, mas isso não era obstáculo. Parecia que alguém constantemente tentava frustrar os nossos planos. Continuávamos a atacar o Ministério da Cultura com pedidos, no entanto sem sucesso.

Como regra, após a morte dos criadores fica um legado, alguns testemunhos materiais do seu talento. Assim, após um pintor ficam telas, após um compositor — partituras. Mesmo um jardineiro após si deixa uma árvore ou arbusto que plantou com as suas mãos. Mas que rastos neste mundo deixam os feiticeiros, médiuns ou parapsicólogos? Aqueles cujo talento consiste em ver o invisível e ouvir o indistinto ao ouvido?

Mesmo hoje, quando já passaram muitos anos após a morte de Messing, não consigo reconciliar-me na alma com tal injustiça. Ele merece que se lembrem dele. Só posso adivinhar que força constantemente impedia a perpetuação da sua memória. Talvez o próprio Wolf adivinhasse isso, mas este segredo levou-o consigo para a sepultura. As minhas suspeitas baseiam-se nas suas próprias palavras.

Antes da morte Wolf relia frequentemente uma carta de Israel, que descrevia a vida lá. No início dos anos 70 os primeiros fluxos de judeus dirigiram-se da União Soviética para a pátria histórica.

Os amigos próximos perguntavam a Wolf por que ele próprio não partia.

— Tu sabes que tu e Sasha partirão — disse ele —, e Sasha tornar-se-á médico nos Estados Unidos. Disse-to quando Sasha fez dez anos. Sei que

não acreditas em mim, apelando a que não poderás deixar a mãe, e tudo isso. Mas não falemos mais disso. Partirás em 1978. Quanto a mim, para eles será mais fácil livrar-se de mim do que permitir-me partir.

Messing disse isto em tom absolutamente calmo.

Nunca falava da possibilidade de receber um convite de Israel, assim como nem gaguejava sobre uma visita, digamos, à Bulgária como turista ou à sua pátria. Isto espantava-me. Afinal, os primeiros quarenta anos passara em constantes viagens pelo mundo inteiro. Supunha que a chave para a resposta a esta pergunta se guardava na Lubianka ou mesmo atrás dos Portões Spassky do Kremlin.

As previsões de Wolf Messing cumpriram-se. Em 1978 eu e o meu filho abandonámos a Pátria e instalámo-nos em Detroit. Levei comigo apenas algumas coisas que me recordavam a amizade com Messing.

O meu filho terminou a escola médica em Ohio e tornou-se médico. O meu filho adotivo Vladimir ficou na União Soviética.

Por vezes abro o aparador e tiro uma das duas chávenas de que bebiam chá Wolf com a mulher, e encho-a de chá «Lipton», como que misturando o passado com o presente. É verdade que tenho de ser cuidadosa, pois é porcelana de Kuznetsov, coisa muito frágil. Também me ficou a boneca-esquimó, que me olha com os seus olhos de seda — prenda a Messing do Norte da Rússia. Ao lado dela guardo o seu porta-cigarros com gravação: «Ao meu querido amigo Taibele, estou sempre contigo. V. Messing. Moscovo, 27 de março de 1967».

Por vezes parece-me que sinto o cheiro de «Kazbek», por isso nunca abro o porta-cigarros. Na mesma gaveta guardo dois livros: de Vishnevsky e Amosov, oferecidos a Wolf. Conservou-se comigo também a figura de madeira oferecida a Messing pelos camponeses no Volga, e várias fotografias, incluindo a daquele anel que desapareceu juntamente com todas as joias.

Considerava que Wolf não tinha familiares restantes, mas recentemente soubemos que a sua sobrinha Marta Messing, que passara pelos campos de concentração nazis, fugira juntamente com os russos para a Argentina, onde vive até hoje. Mas como no país onde está enterrado não ficou uma única pessoa em quem se pudesse registar a sepultura de

Messing, este certificado — a relíquia mais sombria — ainda se guarda comigo.

Das memórias de Wolf Messing

Em conclusão apetece citar as palavras do próprio Messing, os seus raciocínios quanto às atuações futuras e revelar os sentimentos que experimentava cada vez.

«Hoje cabe-me atuar com mais uma sessão das minhas “Experiências psicológicas”. Cabe-me sair para a sala onde estão sentadas quase mil pessoas e todas olham para mim. Preciso de cativar estas pessoas, emocioná-las e espantá-las, mostrando-lhes a minha arte, que a maior metade delas considera milagrosa, espantá-las e ao mesmo tempo, sem desiludir, convencê-las de que nada de milagroso há nisso, que tudo isso se faz pela força da razão e vontade humanas.

E afinal não é nada fácil — sair sozinho para a sala onde sobre ti se dirigem milhares de olhos: descrentes, duvidosos, por vezes simplesmente hostis —, e sem simpatia, sem apoio, pelo menos nos primeiros minutos mais difíceis, executar o teu trabalho.

As experiências psicológicas — é o meu trabalho, e não é nada fácil! Preciso de reunir todas as minhas forças, tensionar todas as minhas capacidades, concentrar toda a minha vontade, como um atleta antes do salto, como um martelador antes do golpe com a pesada marreta. O meu trabalho não é mais leve do que o do martelador e do atleta. E aqueles que estiveram nas minhas experiências psicológicas por vezes viam gotas de suor que me apareciam na testa...

Hoje cabe-me atuar... E muito antes do início da atuação, quando os espetadores apenas começam a pensar que à noite se encontrarão comigo, eu já lá estou — nesta grande sala, ainda vazia por enquanto, onde deve realizar-se o nosso encontro. No vestiário penduram-se solitários dois-três casacos. As mulheres da limpeza mexem-se com aspiradores, terminando a limpeza da sala... A administração ocupa-se dos assuntos correntes. Passo para o quarto dos artistas e fecho a porta atrás de mim... Preciso de estar sozinho».

A Wolf Messing coube atuar em diferentes lugares e correspondentemente perante diferentes audiências. Os seus espetadores

eram pessoas jovens e idosas, homens, mulheres, rapazes, raparigas. Engenheiros e contabilistas. Cientistas e metalúrgicos. Militares. Construtores. Mineiros. Nos anos da guerra a sala estava atafulhada de pessoas com uniforme monocromático de proteção — nem uma mancha azul ou branca de vestido de rapariga se conseguia ver. Nas construções longínquas da Sibéria a sala enchiam-na predominantemente pessoas de macacão.

Vinham aqui diretamente do trabalho — betoneiros, carpinteiros, soldadores, buldozeristas... Nas terras virgens na sala não se encontrava uma única cabeça grisalha ou calva — só rostos jovens sorridentes. E com todos era preciso encontrar contacto. Mas sempre antes da atuação estava sentado em completa solidão, reunindo forças e imaginando-os — estas pessoas, com as quais nessa noite lhe cabia encontrar-se.

«Sinto por todos os espetadores um interesse agudíssimo! — confessava abertamente Messing. — Confesso, não raro antes do início das experiências, quando sinto que já consegui reunir-me interiormente e estou pronto para a atuação, saio ao palco, entreabro ligeiramente a cortina e pela fenda olho para a sala. Ainda estão de pé nos corredores entre as filas as pessoas. Olham para os bilhetes. Procuram os seus lugares. Encontram-se com conhecidos. Conversam. Fragmentos de palavras por vezes chegam aos meus ouvidos. Não raro a conversa recai sobre mim.

Aqui passa um jovem com um rosto algo frio, como me parece. Conduz pelo braço uma bela rapariga.

— Charlatanismo muito subtil... Lembras-te de Kio? Também não conseguíamos desvendar os seus truques... E aquele nem escondia que era prestidigitador, ilusionista. Do mesmo tipo é Messing... Só que não é tão fácil desmascará-lo aqui, no palco.

Não escondo — ofende! Nunca na vida disse uma mentira. Tudo o que faço no palco e na sala é aberto de todos os lados. Não tenho nem aparelhagem astuta, como Kio e outros ilusionistas, nem destreza superdesenvolvida dos dedos, como, digamos, nos conhecidos manipuladores Dik Chitashvili ou Ashot Akopyan... Nem recorro a ventriloquia e sinalização cifrada com ajudantes secretos. Não sou prestidigitador, nem mesmo artista, embora atue no palco.

Demonstro experiências psicológicas. E nada mais. E é-me desagradável quando me consideram charlatão e enganador...

Passem para a vossa fila, jovem! Ficarei contente se hoje mudarem de opinião».

Uma vez ao lado de Messing, a dois passos da cortina, parou um grupo de pessoas. Chegou-lhe a voz:

— Ele tem atrás da orelha um caroço... Nele está cosido diretamente debaixo da pele um rádio recetor a semicondutores... Vereis: ele todo o tempo porá a mão atrás da orelha — sintonizar na onda necessária... E na sala estão sentados ajudantes secretos com rádio transmissores.

Eles é que lhe ditam o que fazer... Nenhum milagre há aqui...

Isto contava a três jovens um homem idoso, possivelmente o professor deles.

Messing simplesmente sorriu. Sim, tinha o hábito durante a sessão aplicar a mão direita em concha à orelha — com isso queria sublinhar a sua atenção, mostrar que escutava tensamente...

Mas o caroço atrás da orelha já há muito não o tinha.

Tendo ouvido pela primeira vez que nesse lugar tinha cosido um rádio recetor, Messing foi ter com o professor Boris Vasilyevich Petrovsky e pediu que lhe removesse o tumor adiposo.

...Ainda dois. Aparentemente, jovens físicos. Continuava a discussão acalorada iniciada no foyer, ou talvez ainda antes:

— Mas o espetro eletromagnético está estudado em todo o intervalo. Dos raios gama superduros às ondas rádio superlongas. Nele não há um único setor em que pudesse realizar-se a ligação telepática.

— Ligação parapsíquica...

— Não está nos termos...

— Compreendo que não está nos termos, mas a palavra «telepatia», infelizmente, está comprometida por sabichões caseiros.

— Mas mesmo assim, campo material que servisse de transmissão de informação diretamente de cérebro para cérebro não existe...

— Meu amigo! Há apenas cem anos, se olhar destas posições, não havia campo material para transmissão de sons e imagem a grandes distâncias. Afinal, as ondas rádio foram descobertas por Heinrich Hertz apenas em 1886.

— Achas que existe ainda algum campo?

— E por que não?

— Já teria sido notado pelos cientistas.

— Com a ajuda de aparelhos destinados ao estudo do campo eletromagnético? Tenta com um nível de água ou balança medir a intensidade das ondas rádio.

— Sim, tens razão... Seria interessante trabalhar com o próprio Messing! Colocá-lo numa gaiola de cobre ligada à terra. Conseguiria ele de lá ler pensamentos? Isso imediatamente excluiria a possibilidade de participação aqui de quaisquer raios do espetro eletromagnético.

— Transformar Messing num coelho de experiência? Indecente.

«Pena... — pensou Messing, ouvindo esta conversa. — Rapazes inteligentes! E eu não recusaria o papel honroso, do meu ponto de vista, de coelho de experiência — sentar-me numa gaiola de cobre ligada à terra.

A mim próprio seria interessante saber se nas minhas experiências psicológicas participa o campo eletromagnético? Ou é preciso procurar novos tipos de campo, que não são registados nem notados pelos aparelhos existentes hoje dos físicos».

Vieram à atuação de Messing duas damas com vestidos de noite:

— Queridinha, é um verdadeiro mágico! Como o conde Cagliostro! Ah, não acreditas em mim: no nosso século materialista extinguiu-se a fé no verdadeiro magia! Verás tu própria! O que ele mostra — é a centésima parte do que pode. Ele, por exemplo, pode tomar a aparência de qualquer animal, transformar-se em tigre ou cão...

— Por que não se transforma?

— Proibiram-no de o fazer. Deu uma assinatura.

Sim, e tal asneira sobre si por vezes lhe coube ouvir!

Eis como raciocinavam os jovens:

— Não, Messing não é enganador. Mas também não é telepata. Gigantesca experiência de vida. Hábito de por um olhar compor uma representação completa sobre a pessoa.

E de novo um grupo de jovens.

— Nenhum milagre, claro, há. Mas há capacidades espantosas. Ou — mais exatamente — capacidades extraordinariamente desenvolvidas. Sim, sim... Já estive em experiências psicológicas na nossa clínica e afirmo: tudo está nas capacidades espantosas desta pessoa. Nada de comum com prestidigitação, nem, claro, com qualquer diabrura...

— Capacidades espantosas incompreensíveis? Sim, incompreensíveis! Bem, e quando ouves versos acabados de nascer aos teus olhos de um poeta-improvisador — é isso assim tão compreensível? E uma pessoa com capacidades matemáticas, que na mente multiplica, eleva à segunda e terceira potência números de nove algarismos — é isso compreensível?

— É verdade — continuou outro —, realmente, quanto sabemos nós agora sobre as capacidades do homem? O mistério do nascimento no cérebro do homem de uma ideia, pensamento ainda hoje é o maior mistério da natureza.

Os reflexos, a primeira e segunda sistemas sinalizadores — são apenas as abordagens mais distantes à decifração deste mistério. Sim, saímos para o cosmos, desvendámos o mistério do núcleo atómico, tirando-lhe sete selos — e o átomo que se fende já nos serve obedientemente, gerando para nós luz elétrica. Mas, visivelmente, penetrar no mundo das partículas elementares foi mais fácil do que desvendar o mistério do nascimento do pensamento.

— Como achas, desvendaremos?

— Estou certo, chegará o tempo e a mente do homem esclarecerá também a si própria. E quem sabe, talvez precisamente as experiências psicológicas de Wolf Messing possam tornar-se uma dessas chaves com a ajuda das quais abrirão as portas para esses segredos mais íntimos da natureza?

...Obrigado, amigos, por estas palavras! — juntou-se mentalmente a eles Messing. — Claro que nenhum milagre há, nem pode haver! Eu

próprio penso o mesmo. Estou contente. Sinto um afluxo de forças. Há pessoas a quem interessa a minha arte, a quem ela, talvez, ajudará na vida, no trabalho, nas descobertas de novos segredos da natureza. Hoje trabalharei especialmente bem...

Toca a campainha. Os espetadores dirigem-se aos seus lugares. E Messing vai para o quarto vazio. Ainda tem alguns minutos para se concentrar. Depois — duas horas de trabalho tenso.

São as horas mais difíceis e ao mesmo tempo as mais felizes na sua vida. São — horas de criação! Provavelmente, assim é feliz o poeta que finalmente apanhou a rima fugidia, o pintor que captou e para os séculos refletiu na tela o sopro fugaz do vento costeiro. A vida seria vazia e desnecessária sem estas horas dificílimas e felicíssimas de criação.

E depois na mesma sala vazia bebia chá forte quente. Preparando-se para a atuação, comia muito pouco. Não raro nesse dia nem almoçava de todo. E este chá, ganho por ele, parecia especialmente doce. Sentia cansaço e satisfação. Deram às pessoas alegria. Obrigou-as a pensar. A discutir.

«Nessa altura habitualmente vinham ter comigo pessoas — lembra Messing —, que queriam exprimir-me as suas considerações sobre as minhas experiências, talvez discordar de algo, discutir, pedir explicação, ou simplesmente consultar sobre algum caso difícil da vida. Mas a maioria levava estas perguntas consigo. Para casa. E já noutras cidades, noutras sessões, por outras pessoas elas regressavam a mim em conversas semelhantes, que frequentemente escuto antes do início da sessão.

Regressavam a casa, ou talvez se dirigiam ao turno da noite os jovens médicos cuja conversa tanto me emocionara. Iam para casa ou para os desenhos inacabados os jovens físicos que sonhavam falar comigo. Ai! Não podia falar com todos. Mas procurei nas minhas memórias responder a todas as perguntas que alguma vez me fizeram. Responder absolutamente abertamente, nada escondendo, nada embelezando. Infelizmente, nem a tudo posso dar explicações suficientemente exaustivas: muitas propriedades do meu pensamento eu próprio não compreendo. Ficaria contente se alguém ajudasse a esclarecer isso».